

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

THEATRO

AO EX.^{mo} SR. J. DE M. GIRALDES SAMPAIO E BOURBON

(Continuado do n.º 20)

III

Longo e doloroso foi o tyrocínio, por que passou a sociedade, até chegar a reconstruir-se com elementos tão varios e descontraídos. Tenue e escassissima era a luz, que penetrava no interior do castello feudal habitado pelo senhor, já convertido pelo christianismo e mais humanisado. O Crusado era um destemido e bom cavalleiro, que governava bem o seu fogoso ginete; era um valente guerreiro, que com mestria e denodo abraçava o broquel e brandia a espada, que com intrepidez e coragem imbebia no coração do infiel; mas 'nesta interessante e poetica figura da meia idade, que percorria o mundo, fazendo proezas em nome da religião, da patria, e da sua dama, se por vezes o valor e a generosidade reluz em muito, a ignorancia e a fereza são as suas feições mais proeminentes, e a illustração e a cultura do espirito são as qualidades, que menos lhe assistem.

Não admira. A força era então a deusa da terra, e o principio de Brenno tinha em cada homem um crente sincero, e um cego adorador. As cousas tinham chegado a tal ponto, que a sciencia era reputada *triste e vil* apanagio dos fracos e dos apoucados. Quando o baixo clero mal sabia lèr e escrever, e vivia e recebia ordens, e morria, sem nunca ter lido a Biblia, podemos estranhar a mais supina ignorancia no homem, para quem a vida era o tumulto dos arraiaes, e as refregas das batalhas?

Guthemberg deu vida ao que tão esque-

1839

cido e descurado tinha sido. Desde a restauração até hoje as letras não decahiram, nem tactearam mais; tem avançado a passos largos, firmes e rapidos pela estrada que lhes abriu uma invenção maravilhosa, e que lhes tem aplanado o estado sempre melhor do espirito humano. A arte dramatica não jazeu no estacionamento e no atrazo; recebendo o mesmo impulso, tem merecido as attenções e os disvelos da intelligencia e da actividade do homem, que vê e reconhece 'nella um dos ramos mais bellos, mais vastos e fecundos da litteratura. Todas as nações cultas correram então avidas e pressurosas aos theatros. E a providencia tem-as provido de grandes mestres, que dignamente a tem tractado.

IV

Entre nós Gil Vicente e mais tarde Ferreira deram-lhe a mão, que não era fraca, e ajudaram-na a erguer-se do immundo e turvo lodaçal do *truandismo*, onde a fizera descer a falta de luzes e de gôsto, que chegava até o ponto de pôr em scena, e muito mal, os mais sublimes e angustos mysterios da nossa religião, que era assim degradada por erro de entendimento.

Na pobreza e obscurantismo, em que a encontraram, e com as ideias do seu tempo, a que não podiam de todo ser superiores, comprehenderam o, que devia ser a arte, e fizeram o, que podéram.

Decorrem muitos annos, sem que appareça uma obra original e digna de menção especial. Os nossos escriptores limitaram-se a copiar feiamente, e muitas vezes a deturpar sem consciencia as composições estranhas dos auctores celebres. Com a nossa res-

N.º 21

tauração politica veio a regeneração litteraria: digo, regeneração litteraria, e faço-o mui de proposito. Ha por ahicaturras intolerantes e intoleraveis, que prestando religioso culto a tudo o, que é d'outras eras, exaltam até á hyperbole, e repetem com um entôno por vezes soberanamente ridiculo, que só na antiga litteratura ha a profundidade, o sublime e o bello. Fulminam anathemas, e affixam por toda a parte crueis edictos d'exterminio contra tudo o, que é moderno. O progresso *parou* ha certo numero d'annos que elles lá sabem, e desde então não se descobrem verdades; só se ensinam e propalam erros, e só se publicam livros, em que o tacanho, o trivial, e o pequeno são as *bellezas*, que mais os caracterisam. Seguem a logica dos extremos, e não querem comprehender o, que seja justiça. São d'estes, que vendo mover-se a terra, affirmam com tenaz affinco, que era um tólo e um extravagante o pobre do Galileu, que elles desapiedadamente arrastam todos os dias pelos cabellos. Parece, que tomaram sôbre si o triste inglorio e inutil encargo de algemar e fazer voltar a traz a sociedade, que Deus, a natureza, e a razão impellem para diante.

Na litteratura antiga ha obras, que são monumentos preciosos pela elevação dos principios, que encerram, pelo brilho de verdades, que ensinam, e pela somma de bellezas, que as aformoseiam. Mas é tambem certo, que ha por lá muita teia d'aranha, que novas luzes têm rompido; muita ideia falsa, que hoje não tem voga; e abundantes extravagancias, que ninguem até se dá ao trabalho de combater, tão esquecidas foram. Não sou exclusivista, nem quero nem me sinto com forças para de novo ventilar a questão da superioridade da antiga, ou moderna litteratura, levantando o pó no campo, onde se degladiavam os Boileau e os Perrault. 'Nesta ha tambem faltas, imperfeições; e a superficialidade é uma das que muitas vezes a affeia. Não estranhemos: o homem não deixou ainda de o ser. É todavia incontestavel, que ella tem alargado e aperfeiçoado immensamente a sua orbita; porque possui mais ideias, mais principios e conhecimentos; tem descoberto um mais

avultado numero de verdades; e tem arranjado um methodo mais facil e racional de as indagar, estudar e expôr. A historia é por certo o dominio mais rico, variado e importante da litteratura:—e que notavel differença, que distancia quasi insuperavel não ha do adiantamento, em que ella já está, ao modo, por que a tractaram os antigos? Narrar factos descarnados, descrever famosas batalhas, esmiuçar cousas, que pouco, ou nada valem, acceitar sem exame, e contar sem critica tradições absurdas, e fabulas ridiculas, e tudo isto quasi sempre sem ordem e sem systema, sem applicação ao aperfeiçoamento do homem, e á organização, interesses, e vantagens sociaes, eis em poucas palavras a que se reduzem a maxima parte d'esses livros, mais merecedores de serem classificados com o nome de contos da *carochinha*, do que honrados com o sublime titulo de historia, tal, como ella deve ser considerada. Hoje a historia está, e com razão, posta no lugar, que de direito lhe competia, como a sciencia mais util.

Hoje a critica discute a veracidade dos factos, trabalha em elucidar as dúvidas, applanar as difficuldades, exerce a philosophia sobre os acontecimentos, entra, para assim nos exprimirmos, na alma d'elles, virifica-os, faz ver a influencia, que elles tiveram no individuo, na familia e na sociedade, fal-os sair das sombras do passado para servirem de luz ao presente, e de guia no futuro.

Aponta-se Cicero, falla-se de Tacito, lembra-se Plutarcho, mas por estes bons, quantos máus? e esses mesmos apezar do vigor do seu genio, e da altura da sua philosophia não attingiram os progressos, que desde então se têm feito no modo de a tractar. Mas dizem, já não ha poetas como Homero: ainda ninguem se sentou no throno, que elle deixou vasio. As edades de muita illustração se não são um obstaculo, são com tudo pouco favoraveis aos progressos da poesia: já o disse algures, e o distinctissimo critico Maculay prova-o até á evidencia. Camões, apesar de ter a tal veia rica e fina, de que falla o poeta romano, apezar d'escrever um poema que é um glorioso monumento para o genio,

que o creou, e para a terra, que elle canta, ficou áquem d'Homero. Não tem o mesmo arrójo na concepção, nem a mesma força na imaginação, nem a mesma magestade na linguagem, concederei; mas não tirará Camões a palma a Homero na superioridade das ideias? Homero viveu em tempos de menos cultura, professou uma religião absurda e immoral; e Camões aspirou os bafos d'uma civilização já adiantada, era christão, e quem sabe a revolução pasmosa, que fez no homem uma religião, que é verdadeira pela origem, pela sua pureza, pelo seu espiritalismo e elevação?; quem todos os dias vê, que a nossa civilização é, como diz o Auctor de Jocelyn, a incarnação do verbo evangelico nas instituições, nas leis e nos costumes, facilmente se persuade, que o christão ha de pensar melhor, embora o seu pincel não reproduza na tēla com a mesma vivacidade de côres os sentimentos, que o inspiram.

José Agostinho de Macedo foi um sabio distincto, e um não vulgar poeta, digam o que disserem: arranhem quanto quizerem, mas nunca conseguirão apagar e destruir as obras, que elle ahi deixou, e que hão de sempre ser lidas e apreciadas por aquelles, que a paixão, e a parcialidade não arrastar e cegar. Lamentando o louco orgulho, e os desgraçados desregramentos do homem, prestemos a homenagem devida; não nos envergonhemos mesmo de acurvar respeitosos a cabeça ante o merito do escriptor, que é grande. Mas o Auctor do Oriente não passa d'um pobre e obscuro verme juncto do grandioso vulto, que elle debalde tentou derribar do alto pedestal, onde o collocára a justiça dos sabios, e o amor e o entusiasmo d'uma nação. A sombra d'essa grande estatua era um alimento amargo á sua inveja e vaidade, que não podia levar a bem, que ninguem fosse maior, que elle. Apezar dos seus mais ardentes esforços a estatua de Camões conservou-se de pé na sua gloria, e nem cahiu, nem se quer vacillou um pouco. José Agostinho de Macedo é, ao pé de Camões, um poeta insignificante; mas enriquecido com largos estudos e profundos conhecimentos aproveitou com as faltas do que elle julgava seu rival,

por que as viu, e não cahiu 'nellas, e dispoz de todo o seu cabedal, empregou toda a força da sua intelligencia, e deu a maior contenção ao espirito para não cometter outras.

É superior a Camões nas ideias, e na doutrina, desterrando da sua obra o informe, abstruso e monstruoso amalgama de duas religiões, tão oppostas como a verdade e o erro. Evitando imperfeições, e seguindo sobranamente os preceitos da arte, mostrou que era mais sabio que Camões; mas como poeta deu-nos a conhecer, que nem rival chegou a ser.

v

Aquella tacha em tamanha obra tem sido exagerada por alguns, até o ponto de descarregarem sôbre o pobre Camões um sem numero de invectivas injustas e até barbaras; porque elle não póde ser responsavel por faltas, que no seu tempo eram reputadas bellezas.

Portugal ainda não deu a Camões um successor. Bocage foi o unico capaz de o ser, e tel-o-ia sido, senão fosse a natureza do seu character. Se se tivesse applicado a uma obra séria, se se dêsse mais ao trabalho, o seu genio inspirado, o seu estro elevadissimo, fertil e rico ter-nos-hia legado um poema, que havia de rivalisar com o de Camões.

Acabaram as controversias acaloradas, e as renhidissimas disputas entre os fanaticos da eschola classica, e os adoradores da romantica. E foi isso um bem; porque realmente gastariam melhor o tempo, se o dedicassem ao estudo do que ha bom em ambas ellas, e se o empregassem, applicando o seu cabedal, escrevendo algum livro util.

As regras eram para o classico um sagrado e inviolavel crêdo, de que ninguem devia affastar-se, sob pena de cahir em negra e imperdoavel heresia.

Em vez de considerarem as regras como a historia d'aquillo, que tinham feito os mestres, rejeitando o que lá houvesse inutil, e cortando tudo o que podia cumprir a imaginação, e escravisar a intelligencia, e aproveitando só o substancioso e o neces-

sario para guiar e firmar as pessoas do genio, seguiram-nas exacta e escrupulosamente.

As regras eram dogmas. Eram para elles mais que um appoio e uma luz, eram meio indispensavel e unico, não só para imitar, mas até para crear. Foi fanatismo de mais. Um editor condemnou um volume de poesias de Lamartine, aconselhando-lhe com ares de pae escandalizado, que lêsse Racino, estudasse Voltaire, e nunca largasse das mãos Delile. Pareceu-lhe um crime o arrojô d'aquella vigorosa imaginação, d'aquelle estro inspirado, que dizia o, que sentia por um modo novo, e desconhecido por uma forma insolita, em que eram desprezados os tramites da rotina.

A escola classica resente-se da atmospheria das côrtes, onde era alimentada, recompensada e applaudida. O escriptor dedicava as obras ao rei, com quem a sua consciencia não sympathisava, porque lhe não era permitido dizer a verdade. O despotismo das regras e o despotismo do poder foram unidos um grande mal. Pintavam a verdade nas suas abstracções, sem se importarem com o individuo, e *formaram* uma belleza de convenção sem attenderem á côr local, que elucida, e aformoseia, e é um grande elemento de variedade.

A escola romantica assentou os arraiaes, em campo mais largo, e mais appropriado para os combates, e para as victorias. Guerreou com denodo o velho empyrismo, e, estabelecendo a sciencia racional como base, fez dar ao progresso em grande passo.

A escola romantica é democratica, como o povo d'onde sahio. Filha da liberdade tem crescido e engrandecido com ella. Escolheu para theatro o homem e o universo, e com as armas da discussão e da critica tem alargado immensamente os seus dominios.

Caracterisa-a a variedade e o infinito.

O mesmo movimento, que a anima e arrastra, tem-a desnortado algumas vezes. Emancipada tem tido os seus momentos de licença e desenfreamento, que não prejudicam; porque muito solida e adiantada está já a obra, para que possa derrocal-a um pequeno descuido.

É todavia indubitavel, que a moderna

eschola transcende e sobreleva a antiga sob muitos pontos de vista. Ha abusos, tem-se cahido em erros, é verdade isso; mas tambem é verdade, que se tem reformado, e que muitos vicios da antiga se tem evitado, e que muita cousa nova, original e grande tem apparecido. Quem assim não pensa, não acredita no progresso, e não sabe ou não quer saber que é elle a lei vital da humanidade; e porisso ou é tólo, ou máu.

Ha vinte annos para cá, que entre nós se tem trabalhado muito, e com ardor, com fé, enthusiasmo e dedicação. Cada vez me convenço, mais, que a liberdade é a alma, e a vida das sciencias e da litteratura.

Alguns abusos, que se tem commettido são menos prejudiciaes, que as mezas expurgatorias, que o despotismo levantava ahi em cada canto, escravizando, acanhando, e fanando repetidas vezes o, que mais digno era de ser publicado, lido e aproveitado.

Na arte dramatica tem-se obtido os mais largos e prosperos resultados. Tem-se escripto muita peça, que pela concepção e pela fórma merece encomios.

Mas tambem tem entrado no mercado da publicidade muita tolice e semsaboria. Hoje qualquer sujeitinho, que leu dois romances, imagina-se um grande litterato, e como não quer privar o mundo das suas luzes; esteado na consciencia das suas forças, ou no desconhecimento da sua ignorancia, dá á luz o seu drama, e a sua comedia.

Ha por ahi ratõesinho, que tendo a sua habilidade e geito para imitar e copiar, tem feito fortuna, e ganhado créditos á custa do ingenho, do saber e do trabalho d'outros. E estes meninos, que não passam de grandes ladrões, apresentam-se á sociedade, que os atura, como soberanos da intelligencia, e representantes do bom gôsto, e respiram uma vaidade tão ridicula, que, ou causa nauseas, ou provoca a sonora gargalhada.

A Mãe do Engeitado, drama familiar do Sr. T. A. Ribeiro, é uma obra original, que muita honra, e bem merecida gloria dá ao

auctor; é um dos commettimentos litterarios, que revela uma intelligencia superior, e uma grande vocação litteraria já exuberantemente attestada por producções de muito merito.

A acção é tocante, o enredo de muito interesse, a linguagem castiça, o plano regular e bem traçado.

Subiu ha pouco á scena no theatro de Sancta-Comba-Dão. Os actores não foram infelizes; especialmente alguns comprehenderam e sentiram bem os seus papeis, e desempenhando-os com a acção, com a palavra, e com o coração, deram-lhe primorosa execução. Aquella Sociedade Dramatica tem com pouco tempo d'existencia crescido e prosperado muito. Grande parte tem' nesta obra o Ex.^{mo} Barão d'aquella localidade, que, com mão larga e generosa a tem protegido e amparado, dando a casa, prestando meios de construcção, e não se cansando nunca de fazer favores, e prodigalisar beneficios dignos dos maiores e mais justos louvores. Aquelle distinctissimo cavalheiro é, na honra, no desinteresse e na bondade, um dos typos mais puros, mais nobres e sympaticos, que eu conheço. Isto que não é inspirado pela lisonja, nem assoprado pela exaggeração, mas dictado pela verdade e exigido pela justiça, é sabido e reconhecido por todos; pois que muito alto fallam os factos; e é por isso, que eu aqui me compraso em exarar em nome da Sociedade Dramatica um sentido voto de reconhecimento por actos, que o coração póde e deve agradecer; mas que nunca pagam obras.

Oxalá, que não murchem nunca as esperanças, que todos tem' numa obra começada com tanta fé e vontade. As sociedades devem firmar-se na força moral, de que são a expressão, a justiça, a ordem e a unidade.

É 'nisto que está a sua prosperidade, progresso e vida. Se lá chegasse um dia a entrar a sem razão, e a prepotencia, haviam de romper-se os vinculos, que prendem os socios, e a anarchia e dissolução serão inevitaveis.

Não ha sociedades d'esta ordem, que não contem com amargura páginas negras na sua historia. É que as paixões ainda não

terminaram, e os homens são sempre os mesmos. Não tendo por vezes força e generosidade bastante para antepôr o bem e o interesse público a dissentimentos e desgostos individuaes, immolam as sociedades no altar dos caprichos, dos resentimentos, das susceptibilidades, que algumas vezes infundadas e pequenas e até miseraveis são o veneno corrosivo, derramado nas veias do corpo moral por aquelles, que mais cuidado deviam ter na sua conservação, vigor e vida.

Enthusiasmo e discordia são os pontos, que marcam a infancia e a morte d'estas associações. Folgarei, se vir, que aquella sociedade voga sem perigo pelos recifes, onde quasi todas naufragam. Se por desgraça isso acontecesse um dia, e eu me visse obrigado a entoar um canto de morte sôbre as suas ruinas, ser-me-ia isso doloroso.

E choraria. E seria sentido e afflictivo esse pranto, que sairia d'alma, como prova d'angustia dilacerante; por vêr aluido e desmantelado o edificio, que mãos justas e sábias fundaram com tanto amor e dedicção. Deus a proteja.

Além d'esta ha tambem uma sociedade d'artistas regida pelos mesmos estatutos e governada pelas mesmas auctoridades. A Sociedade Dramatica escolhe as peças, dirige os seus ensaios, e toma parte activa em todas as récitas.

O homem não se degrada, eleva-se, descendo da posição social que lhe dá a fortuna, ou a illustração, para ir ter com o pobre povo, e alimentar-o com o pão da instrucção, de que elle tanto precisa. O maior favor, e o acto mais nobre, que se póde praticar, é esclarecer a intelligencia embrutecida pela ignorancia, ensinal-a, e educar-a, adoçar os costumes, e suavisar as maneiras do homem. Eu, que nasci nas fileiras do povo, e que me honro com isso, que não córo do nome de meus paes, e que tenho isso por nobreza; eu que amo muito as classes desvalidas; porque sympathiso com a pobreza, e me dóo da desgraça, revolto-me altamente, quando vejo *senhores*, que com sobrecenho olham do alto do collarinho para a creatura de Deus, para o seu semelhante, que despresa como

um pária, e tractam como iliota. Estes, que por um capricho da fortuna subiram do escabelo até o sophá, fallam do seu cavallo com enthusiasmo, e fallam do povo, de que muitas vezes sahiram, como de cousa vil. É o orgulho, que emprega a palavra *povo* para designar as ultimas classes; porque eu 'numa nação não admitto senão um povo, e não reconheço outras distincções, nem respeito outra nobreza, que não seja o talento, as virtudes, e o verdadeiro merito, que em qualquer homem póde dar-se. Adiante. Sancta Comba-Dão jazia ha muitos annos no obscurantismo e no atrazo: o benefico e doce bafo da civilisação, que transforma tudo por onde passa, tem cá feito já os seus milagres.

Com os melhoramentos moraes, que já tem, e com os materiaes, de que em breve vae a gosar, com a indole laboriosa dos habitantes, com os seus recursos, e a sua excellente posição póde vir a ser alguma cousa. Deus lhe dê as prospriedades, que ella merece. Outra vez faremos o estudo critico da Mãe do Engeitado.

J. ALVES MATTEUS

BIBLIOGRAPHIA

A familia de Paulo Janet

Depois que a litteratura romantica atravessando todas as camadas da atmospha social, até se insinuar no seio da familia, conquistou um quasi universal imperio de adeptos e amadores, os livros, proprios a formar o coração e o espirito pela virtude, vivem ignorados, e os que se conhecem são igualmente olhados com aborrimto e desprezo, lá onde elles deviam encontrar um acolhimento favoravel.

Alguns escriptores, ligados á humanidade por um laço de sympathia, compenetrados d'esta sublime e inconcussa verdade de que a ventura do homem sóbre a terra prende e se encerra na paz, na felicidade domestica e d'ahi irrompe e se espalha em toda a humanidade, têm consagrado seus dias e seu amor pela sciencia ao estudo das leis, que no plano providencial lhe foram assignadas, os encantos de que ella é o sagrado

thesouro, as causas perturbadoras, que podem impedir e remover a realisação d'esses bens, o goso d'esses encantos.

Entre estes avulta *Paulo Janet*.

O livro de Paulo Janet — *La Famille* — é um pequeno Evangelho de familia; encerra tudo quanto ha de sublime e maraviloso na organisação da sociedade domestica: os encantos da sua existencia, sua intimidade, suas deliciosas expansões, os deveres que ella exige, os sacrificios que impõe, o tranquillo e suave lidar da mulher no seio da sua casa, o affanoso lidar do homem no mundo exterior, finalmente, o prazer e as dores do thalamo nupcial, os vagidos e os risos do infante, as esperanças, os progressos, a actividade da adolescencia, os queixumes e os incommodos da velhice.

O assumpto que Paulo Janet escolheu para o seu estudo é dos mais fecundos em philosophia para a intelligencia, em poesia para o coração.

Com o duplo criterio do raciocinio e do sentimento moral, elle investiga por entre os mysterios da natureza, através das perturbações e desordens causadas pelas paixões do homem e vicios da sociedade, pelos caprichos do seculo, as leis naturaes, os sentimentos, as forças, os recursos materiaes e moraes, poeticos e consoladores, que a mão da providencia implantou no lar domestico, em cujo seio se desinvolve o germen fecundo da felicidade do homem e da humanidade. A moralidade, o sentimento religioso, a educação physica, moral e intellectual dos povos recebe ahí o seu primeiro impulso. Os conselhos, os exemplos d'um pae virtuoso, d'uma mãe terna e carinhosa inspiram-nos o amor do bem e da virtude, purificam a consciencia do infante, ungem-lhe a alma com os sagrados oleões da religião e da moral; o respeito á auctoridade paternal, temperado pelo amor, ensina-nos a respeitar e a amar a soberania em Deus e no Estado, sem nos tornarmos escravos, do modo o mais condigno, com a natureza humana.

A fraternidade que estreita o irmão á irmã, a irmã ao irmão, fazem desinvolver 'nalma esse amor e esse sentimento sympathico, que determina a constante apro-

ximação dos homens para a harmonia. Essa solidariedade, essa communhão de gosos e sacrificios, de prazeres e dores, de direitos e deveres, de exforços e recompensas, de ensino e tolerancia nascem no seio da familia, e depois se difundem por toda a sociedade.

Nos mysterios mais augustos da religião a familia representa o primeiro papel! O christianismo nasce no seio da familia pobre, mas honesta e virtuosa, e d'ahi se propaga em toda a sociedade!...

Mas voltemos ao livro de Paulo Jannet.

A primeira parte do livro é consagrada especialmente ao fundamento da familia.

O homem não vive só do presente que o rodeia, não vê só o passado, que lhe escapa; suas vistas vão além do presente, não volvem só ao passado.

Entrevê desenrolar-se na successão dos tempos ainda por vir um futuro, aonde a voz da aspiração indefinida o chama e o arrasta. Collocado 'nesta condição, o homem eleva-se muito acima dos outros animaes; esta triplice região do presente, do passado e do futuro abre-se-lhe como elemento em que só a elle é permittido gosar simultaneamente. Se o presente é triste e tempestuoso, as lembranças, as saudades do passado, suavizam-lhe os males de que ora é victima, a esperança no futuro prometttem-lhe uma indemnisação uma recompensa; e a esperança e a saudade, estes bens melhores da alma, adormecem, fazem-lhe esquecer a dor, despertam as crenças e a fé, abrem-lhe um mundo embora sem realidade, em que a sua alma vive uma vida tão deliciosa e tão pura, que os seus encantos, as suas bellezas sentem-se, não se descrevem. O homem divinizado pela saudade e pela esperança, paira em regiões mui elevadas e, do vertice em que estas o collocam, entôa um hymno de gratidão ao Ser invisivel, que não conhece, mas que adora no seu coração e bem diz na sua consciencia, e a quem dá o nome de Deus.

Então a saudade que o abysma no passado, a esperança que o prolonga no futuro, a fé que converte em sua alma o futuro no presente, geram o sentimento religioso, o mais precioso de todos os senti-

mentos. D'aqui a poesia e os amores, a familia e a sociedade com todos os gosos, com todos os prazeres de que ella é susceptivel.

Para partilhar os momentos do seu coração, as aspirações da sua alma, os gosos e os soffrimentos, o prazer e a dor, o homem experimenta o desejo de viver 'noutro que complete a sua existencia, que lhe encha o vacuo, que-o atormenta...

A natureza, lançando no mundo a mulher, fornece ao homem um meio de satisfazer esse seu desejo de saciar essa aspiração; esse desejo troca-se em amor, e a mulher é a companheira e a bem amada do homem.

Mas como poderá o homem satisfazer esse desejo essa ambição de futuro? Na familia. É o que nos responde Paulo Janet.

(Continúa)

A. C. N.

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

Senhora D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

(Continuado do numero 20)

II

A joven não respondeu; porém com seus olhos, formosos e doces, agradeceu ao filho de seu amo, que a acompanhou até o lugar, onde se achava o mendigo.

—Vamos, lhe disse Angela aproximando-se: fazei por levantar-vos; o filho do Sr. marquez teve a bondade de vir offerecer-vos o braço: encostai-vos a elle; eu irei d'este lado, para que, pondo-me a mão sobre o hombro, possais melhor caminhar.

O tio Pedro fixou os olhos em Fernando, e estremeceu visivelmente.

—Sim, pobre homem, lhe disse este com doçura, fazei um pequeno exforço, pois que de contrario vossos dous guias, que são tão debeis, nada conseguirão.

O mendigo contemplou por alguns momentos aquellas duas creanças, uma filha do povo, a outra d'uma classe elevada; porém ambos formosos e caritativos, ambos

nobres pelo sentimento, que os levava assim a estender-lhe sua mão compassiva.

Depois exclamou:

— ¡Como são incompreensíveis os designios do Senhor! Vamos, meus filhos; e que Deus vos abençoe, pela boa acção que acabaes de praticar.

O tio Pedro encostou-se ao braço esquerdo de Fernando, que devia marchar um pouco adiante; a joven collocou-se do outro lado, offerecendo-lhe o hombro, para que se apoiasse; e d'este modo flanqueando o barranco, Angela lhe servia d'amparo, prevenindo assim uma nova quédia. Julgar-se-ia impossivel, que seus pequenos pés, poustando em terreno tão resvaladio, podessem sustentá-la sobre o fosso: porém ella, leve e agil, saltava de pedra em pedra com a mais perfeita segurança.

Por fim, depois de penosos esforços, d'alguns intervallos de descanso e com o auxilio de seus companheiros, que tanta solícitude mostraram 'naquella empreza, superior a suas forças, o tio Pedro achou-se com elles no fim da rampa, em bom caminho e livre d'um perigo immenso.

O sol havia-se já occultado; e seus ultimos reflexos, apenas brilhavam sobre as torres da casa do marquez.

Os trabalhadores voltavam a suas casas, em demanda de seu sustento, de suas mães ou de suas mulheres, que á porta os aguardavam.

Os rebanhos, com seus tímidos e prolongados balidos, pareciam despedir-se do dia; e o ruído dos pesados carros confundia-se ao longe com os innocentes cantares das creanças, que voltavam a suas casas, saudando o nascimento da lua.

No meio de todo este ruído, cheio d'animacção e de vida, se ouviu o toque da Ave-Maria, que convidava os fieis á oração. Por um movimento espontaneo o tio Pedro descobriu sua calva frente. Fernando vacillou um momento; vendo porém, que a innocente Angela se punha de joelhos e esperava, com as mãos postas, que o ancião começasse suas preces, por um sentimento, que lhe era novo e estranho, levou a mão a seu fino e elegante chapéu de palha e descobriu seus magnificos e sedosos cabellos

castanhos, que a brisa agitou um momento, como se procurasse roubar-lhes os perfumes.

O mendigo começára suas preces, a que respondeu a joven com sua voz doce e argentina. Aquelle accento, vibrando na alma do mancebo, despertou-lhe as recordações de sua infancia; e, quando pela segunda vez Angela saudou a Mãe de Deus, involuntariamente e por uma attracção singular, os labios de Fernando se agitaram; e elle pode repetir tambem aquellas singelas palavras, que 'noutro tempo aprendêra de sua mãe.

Assim que o pobre velho terminou suas rezas e fez o signal da cruz, Angela se levantou, preparando-se para continuar seu caminho; porém o bom Pedro a deteve, e, pondo as mãos sobre a cabeça dos dous jovens, lhes disse:

— A Virgem, a quem adorámos junctos, vos abençoe a ambos, e vos torne tão felizes, como o mereceis pela bondade de vosso coração. Junctos haveis practicado uma boa acção: que unidos, pois, vivaes sempre, e que a mesma felicidade circunde vossa frente.

Angela não comprehendeu o sentido d'estas palavras; porém Fernando, que se lhe adiantava em alguns annos, experimentou um vago presentimento, de que ellas o aproximavam da joven; e, sem saber por que, agradeceu, que o tivesse confundido em seus desejos com aquella terna creatura.

Meia hora depois chegavam todos á humilde casa de Pedro, que, apesar das súplicas de seus companheiros, não quiz entrar e demorar-se no palacio, promettendo-lhes, comtudo, que um dia os veria ver.

Os dous jovens despediram-se então do mendigo; porém este não desviou d'elles seus olhos em quanto os não viu desaparecer. Depois, deixando-se cahir sobre uma tosca cadeira, e occultando a frente entre as mãos, exclamou:

— Sim...; não ha dúvida, era ella... ¡E eu tive de calar-me! ¡e não pude abraçar-a, nem beijar-lhe a frente!... E esse mancebo, esse marquez estava a seu lado... ¡Oh! meu Deus! meu Deus! ¡Como são grandes os arcanos de tua providencia!...

No rosto do ancião reproduziam-se os mil sentimentos, que o agitavam; e, fatigado e abatido pelo excesso de sua longa marcha, se deitou em sua humilde cama, posto que durante toda aquella noite não podesse conciliar o somno.

Ao separar-se do mendigo, os dous jovens se encaminharam para o palacio: Angela, agitada e cheia de rubor, nem abria os labios; Fernando, pelo contrario, alegre por ter descoberto uma companheira tão innocente e bella, que, vivendo a seu lado, podia animar-lhe a vida, tão pobre de distrações, e tímida amizade, — encorajava a joven, que tanto o seduzira, não só pela formosura de seu rosto, como pela candidez e doçura, que 'nelle estavam impressas.

Desde aquella tarde Fernando já se não affastava tanto de sua casa, e Angela deixára de ter medo do filho do Marquez.

(Continúa)

EPISTOLOGRAPHIA

Charles et Georges

Como o leão da fabula, abatida,
Povos e reis avassalou outr'ora;
Porém cahiu, e vendo-a adormecida,
Quem d'ella se temeu, a insulta agora.
F. G. D'AMONIM.

Ha um anno que os espiritos portuguezes se achavam vivamente impressionados pela questão do navio negreiro. A um presadissimo amigo nosso dirigiamos então em correspondencia os dous trechos seguintes, que em nada modificamos, posto que necessitem de correcção.

Meu caro Simões Ferreira:—Coimbra 28 d'Outubro de 1858. Acaba de succeder um facto que não póde ser indifferente ao ultimo dos portuguezes, a entrega da barca *Charles et George* aos francezes: é uma questão magna, e que comsigo ha de trazer resultados funestissimos, por qualquer lado que se encare.

Não a aprecio como vergonhosa para o paiz; o governo houve-se com prudente dignidade: todo o ridiculo recahe sobre a França, se ulteriormente não der outros passos, como desconfio que dará.

Profundamente magoado, como ninguem

'nesta nossa linda terra deixará de estar, porque isto é um abatimento, olharei este successo a sangue frio em todas as suas causas proximas ou remotas. Eis candidamente o que penso; poderei enganar-me, porque apenas são calculos de quem não tem experiencia.

Entendo que sob este pretexto da barca estão envolvidos intentos de maior alcance: a questão em si é tal que nunca em casos normaes daria occasião a um desfecho tão disparatado. Devemos lembrar-nos do que é o imperio francez; monarchia accidental, necessita para sustentar-se, em quanto não cria raizes, d'um simulacro de gloria. Como as ideias e tendencias da Europa d'este seculo lhe não fornecem meios, busca fermentar os espiritos, para que d'este choque de nacionalidades offendidas rebente a guerra.

Nas vistas de Napoleão entrou talvez o fazer do nosso reino uma outra Turquia; a nossa Russia seria a França! Sonhou-nos protegidos pela Inglaterra e Hespanha, e fazendo de Portugal um theatro de guerra, continuava entretendo a imaginação frivola dos francezes, dourando as algemas, que lhes opprimem a liberdade com o ouropel de algumas victorias. — E eis-nos aqui servindo de mero instrumento nas mãos d'um despota!... o sacrificio da nossa liberdade, dos nossos bens, da nossa vida, servindo para cimentar um throno *illustrado*... isto é repugnante!

Concordo em que, havendo invasão, o brio d'este povo havia de despertar; hoje mesmo a excitação é grande, immensa; mas que fizessesamos amargar ao gallo a sua arrogancia, á custa de quanto sangue não levaria elle a sua lição!...

Devemos considerar os Napoleões como uma calamidade para os povos; o apparecimento d'um é o d'um cometa de nucleo de sangue com a sua cauda de estragos; são Janos de duas caras que, abafando em recinto estreito, necessitam abertas de par em par as portas do seu templo...

Na presente conjunctura o governo procedeu bem segundo me parece. Evitou chamarmos alliados (que nem talvez viessem); e a tutela de alliados tambem é pe-

zada... e, cedendo á França, não se curvou: caminhavamos na estrada da civilização perseguindo o trafico da escravatura, sahe-nos um bandoleiro ao encontro e pede-nos a bolsa... Dâmol-a sem regatear—*Portugal paga, a França recebe, o mundo julgará*—palavras do Mendes Leal 'num riquissimo artigo que hontem veio no *Mer-cantil*.....

30 de Janeiro de 1859.

..... Nada sei de novo, a não ser o pagamento da indemnisação exigida pela França o que já deve saber pelo *Cocimbricense*, assim como a farça que houve de ridiculo regateamento sobre o cambio. Napoleão cobriu-se de louros.

Esta lebre está corrida. Não sei porém quem ficou mais *corrido*... A França fica com uma nodoa, nós com uma injúria. A nodoa não a lava ella com a agua de todos os seus rios; a injúria ainda para o futuro lh'a poderemos pagar. A divida fica em aberto, mas póde solver-se.

Nos principios d'este seculo a aguia do primeiro imperio pairou sobre a península sustentando nas garras o raio das victorias. O nome só de Napoleão I, arrojou para a America a nossa côrte! mas Portugal ficou, porque Portugal não é a côrte; e em dous ou tres annos nem um francez armado pisava o nosso territorio.

Os ossos dos vencedores de Austerlitz e Marengo ainda alvejam pelas nossas serras e valles mostrando, que se não offende impunemente uma nacionalidade: não admiraria que se cerrasse o seculo junctando aos primeiros os dos heroes da Criméa. Os portuguezes são sempre os mesmos; e Napoleão pequeno não poderá o que não poude Napoleão o grande.....

A. A.

Maximas, pensamentos, etc.

O bom gôsto em litteratura não póde suprir a falta de talento; porque, quando não ha talento, a melhor prova de gôsto é não escrever.

M. DE STAEL

'NUM ALBUM

AO PÔR DO SOL

À meditação propicio,
Melancólico momento,
Em que foge a voz aos labios,
Em que fala o pensamento.

Era eu sosinho a contemplar a scena,
O quadro bello, magestoso e rico
De pensamentos e sentir suave,
Que ao tim da tarde a natureza off'rece.

Alto rochedo, em solitaria praia,
Cavo no pé pelo incessante embate
Das bravas ondas, que continuo o investem,
—Qual luctador, que do inimigo o ataque
Aguarda immovel, arqueando o braço —,
Ao mar pendendo, lhe arrostava as furias.

Alli sentado, sobranceiro ás vagas,
Pelo horisonte prolonguei a vista...
Bruxuleando a mergulhar nos mares,
Triste e saudosa despedida á terra
O sol mandava 'num olhar de fogo,
Pelo occidente colorindo as nuvens
Da extrema luz maravilhosas tintas.

Geral silencio dominava em tórno;
Calado o vento, os pinheiraes calados.
Nenhuma voz pela remota praia...
Soava apenas, na constante lida,
—Qual fero tigre, que, na paz da noite,
Com seus rugidos o deserto atrôa,—
O mar roncando a trevejar solemne!

Do pôr do sol a magestosa scena,
Do mar aos pés a pavorosa imagem,
A solidão, a curvatura immensa
Do céu, por cima a prolongar-se infinda,
'Nalma geravam pensamentos nobres,
Raros, sublimes, grandiosos, tristes!

A fantasia, divagando livre,
Dos céus, do mar a vastidão correndo,
Me figurava os sentimentos varios,
Alegres, tristes, criminosos, puros,
—O pranto, a dor, contentamento e risos,
Que povoavam, 'naquella hora, a terra
De intenso jubilo e tristeza intensa!

Já de sombrio, doloroso e grave,
Já de ridente e gracioso aspecto
A varia mente me pintava os quadros:
Ora era um velho, suspirando os tempos
Da mocidade, que passou tão breve,
E que dos gosos d'um amor extincto
Se recordava com saudade ainda,
—Ora era um filho, derradeira esp'rança
Do pai, já velho, que pendia á cova,
Agonisando delirantes horas,
A debater-se contra ardente febre.

.....
 Mas de repente, escurecendo a téla,
 Em vez de amargos e sentidos vultos,
 Outros assomam horrorosos, tetricos:
 —Era um ingrato, que, o punhal brandindo,
 Fundo o cravava ao bemfeitor no peito!
 —Era um perverso, que, fingido amante,
 Casta donzella seduzia infame!

Horrorisado da illusoria vista,
 Cerrando os olhos, os cabellos hirtos,
 Em susto acordo, de terror tremendo!

Eis novamente se reata o fio,
 Magico e bello, que me prende aos sonhos;
 E grupos novos, inefaveis, sanctos,
 Subito nascem no aterrado espirito:
 —É casta amante, apaixonados olhos,
 Nos quaes de amor um paraizo existe,
 Ébria, lançando ao mavioso amante...
 —É terna mãe, que, carinhosa e meiga,
 Com doce olhar de maternal ternura,
 Contempla o berço, onde o filhinho dorme
 O grato somno da innocente idade,
 E na boquinha e nas mimosas faces
 Sôfregos beijos lhe depõe, sorrindo!

Enternecido me rebentam lagrimas,
 E docemente o coração me pulsa,
 Ao ver, no riso, na attitude e gesto
 Da mãe, beijando no bercinho o filho,
 A sancta imagem da affeição materna.

'Nesta pintura de celestes côres,
 De harmoniosos e divinos traços,
 A fantasia proseguia ainda,
 —Ora da mãe as sensações pintando,
 Deliciosas, de indisivel goso,
 De lisongeira e deleitosa esp'rança...
 —Ora os cruceis presentimentos vagos,
 Pavidas sombras de receio e susto,
 Que vinham 'nalma derramar-lhe agouros,
 Sôbre o futuro do innocente infante:

Eis que da proxima, escarpada rocha,
 Onde, escondida, procurara asylo,
 Ave nocturna, demandando as trevas,
 Solta, hatendo as negrejantes azas,
 Gemente, horrivel, sibilante grito,
 Que vem do sonho desfazer-me o encanto!

Então, deixando a cavernosa fraga,
 Pendente a fronte sôbre o peito oppresso,
 A revolver a singular historia
 Do meu delirio na confusa mente,
 Do pinheiral na escuridão sinistra
 Ouvi, ao longe, a rebentar nas praias,
 Com som soturno, retumbante e lugubre,
 —O mar roncando a tropejar solemne!

H.

A BONINA

Bonina, como és donosa,
 Tão cheirosa,
 Como embriagas a mim!
 Vives pouco, mas contente,
 Lindamente...
 Quem me déra ser assim!

Tuas folhas esfolhadas,
 Já pisadas,
 Inda assim dão muito odôr:
 Mas lá vem a mão do tempo...
 E eu lamento
 A pobresinha da flor!

Mas quem será tão damnado,
 Desalmado,
 Que lhe queira ouvir os ais?
 E que a bonina innocente
 Violente,
 Force a não ter vida mais?

Quanto a mim morro por ella,
 Que singela
 Me dá gosos de matar;
 Gosos sempre sem tristuras,
 Com doçuras
 Muitas em seu casto amar.

Tirar-folhas e tecel-as,
 E capellas
 Vistasas engrinaldar...
 Colher a cecem e o lirio,
 E o martyrio,
 Inda a junça á beira-mar,

É gosar da natureza,
 Da lindeza
 Que as flores têm a sorrir;
 São deleites sem remorsos,
 Sem exforços,
 Que nunca dão que sentir.

Bonina, vi-te e beijei-te;
 —Como enfeite
 Te quero na haste deixar...
 Eu deixal-a?... Não, por certo;
 —Quero-a perto,
 Quero-a já mesmo apanhar.

Morre breve... mas embora,
 Que ella agora
 Fica muito ao pé de mim.
 Apanhei-te... Foi a medo
 De que cedo
 Me roubassem o teu *sim!*

Tenho-te aqui — viva ou morta —
 Pouco importa,
 Pouco importa ao trovador:
 Tenho-te aqui escondida,
 Minha qu'rida,
 Dar-te quero o meu calor.

Cahiras em mão mais certa,
 E em offerta
 Colheras os carmes seus!
 Em mil carmes engraçados
 Teus agrados
 Cantaria, mas... adeus.

A. SARAIVA

CONSELHO

Maria, tu não vês além no prado,
 Á beira da corrente caudalosa,
 Roseo botão, das brisas festejado,
 Inclinar-se sôbre a haste melindrosa
 A sorrir da existencia descuidado?

D'essa corrente a veia recrescida
 A flor, que assim dormia, arrebatou,
 Levando-a na voragem confundida;
 Ultrages á belleza não poupou,
 Zelosa de roubar-lhe a propria vida.

Maria, se os perigos tantos são
 A surgir cá na terra em toda a parte,
 Cautella, guarda bem esta lição,
 Hoje é tempo, inda póde aproveitar-te:
 A tua alma é a rosa adormecida,
 Desvia-a da corrente entumecida,
 Onde póde a innocencia sepultar-te.

Agosto de 1858 A. J. S. FERREIRA CARVALHO

N.º 20.º — *Adelino*

EXPEDIENTE

Rogâmos aos Sr.º assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; isto é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A LUZ DO CEMITERIO, romance fantastico pelo Sr. Utrera. Trad. de V. da Silveira. — Vende-se: em Coimbra — 240 réis; fóra de Coimbra — 300 réis.

NOVA TABOADA, contendo o systema metrico-decimal de pesos e medidas, tabelas de redução, e exercicios e problemas para intelligencia do mesmo systema, por — J. S. Bandeira — 3.ª edição. — Preço — 50 réis.

Recommendâmos este livro, pela claresa e precisão, com que está escripto, satisfazendo assim tanto ás intelligencias no seu primeiro periodo de desinvolvimento, como ás necessidades do mestre em sua explicação.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$480
Semestre 660	Semestre 780
Trimestre 360	Trimestre 420

Avulso — 60 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

AGRADECIMENTO

A benevolencia, com que tem sido acolhido por nossos collegas e alguns habitantes d'esta cidade o pedido, que nestes ultimos dias lhes fizemos, com o fim de augmentar o numero de nossos assignantes, impressionou-nos por tal modo, que nosso coração se entristeceria se não começassemos hoje estas paginas pela mais viva manifestação do reconhecimento, que em geral devemos á academia e ao povo conimbricense.

V. DA SILVEIRA.

A PROBIIDADE

DRAMA

DE

A. C. de Lacerda.

Eu não sei se o drama é para ser lido no gabinete, se para ser ouvido no tablado. Alguns ha, criticos já se vê, que, ou para não confundir o seu juizo com o do vulgo, ou por ser o palco aquillo que menos o entretém durante a representação, não querem aquilatar o valor d'uma composição theatral senão pela leitura feita com a pausa do estylo no remanso do quarto d'estudo. A plateia é para esses taes um logar profanado, onde aos filhos da arte seria impossivel occorrer uma ideia fina ao lado de todo o leigo, a quem o democratico bilheteiro tenha dado uma senha d'entrada; quem se a sós no seu laboratorio particular de criticas, debaixo d'uma atmospheria bem carregada de preceitos estheticos, com o livro e uma boa colleção de *portraits litteraires* diante de si.

Embora; cada qual siga a trilha que lhe aprouver. Um systema exclusivo aqui seria

1859

bom para os criticos matriculados (tolem-me a expressão), que têm de cingir as palavras ás prelecções dos mestres, que se votam á quotidiana e insana tarefa de usar da mesma cadeira, da mesma banca, dos mesmos compendios, dos mesmos expositores, e, finalmente, cujos vocabulos, phrases, periodos e modos de pôr a luneta, hão de ser todos pautados, arredondados e methodisados; mas para mim, que não sei escravisar o pensamento ás mesmas aristotelicas e horacianas, e que tenho tanto odio ás lithurgias da litteratura como Raspail á chimica das academias, desde já declaro, que quero ampla liberdade nestes assumptos.

Seja o que fór: — o que eu sei é que hei de sempre apreciar o drama ouvindo-o no palco, tendo a sua leitura como uma parte meramente accessoria, sobretudo util para conhecer melhor a correção e a belleza da linguagem. Ha lances, magestosos ás vezes, reconditos nos labirintos d'um entrecho, que só se podem gozar na scena, e que passarão despercebidos, se nos contentarmos com percorrer as paginas do livro.

Acontece que, a não ser um trabalho modelo, muitas vezes um drama parece no gabinete frio e pouco nervoso; e no theatro o entusiasmo nascido do momento vence o animo antecipado, e impelle o mais contumaz ao applauso. Abre-se, por exemplo, a *Associação na Familia*, de D. José de Almada, que o auctor no seu prologo-dedicatoria annuncia como a sua produção dramatica mais querida depois da *Prophecia*: lê-se e vê-se apenas uma ideia evangelica arraiada com as flores singelas mas graciosas d'um estylo natural e fluente, extrahido modestamente d'um episodio vul-

N.º 22

gar da vida domestica; ninguem presumirá que a plateia, avida d'ordinario de peripecias, lhe dê muitas palmas, entretanto tenho visto os expectadores applaudirem-na com phrenesi, e achei-lhes razão, porque os tenho acompanhado na demonstração.

Da mesma maneira, póde-se abrir a *Escala Social* do nosso primeiro dramaturgo contemporaneo, e deparar 'nella trechos sublimes, como se podem deparar na *Marie Tudor*, de Victor Hugo; nas *Vepres siciliennes*, de Casimir Delavigne, ou em outra qualquer obra prima: é impossivel deixar de reconhecer 'nella muito e muito merito litterario. Mas se fôr vista representada, acha-se tanta differença como a que costuma ir d'uma traducção ao original, como a que vai da gravidade da ode á magestade da epopeia; entretanto o burguez Bento, que sobe tão repentinamente os degráus da escala, e o Conde, sagaz e generoso, que é o anjo bom do drama, dizem sómente aquillo que o auctor lhes poz nos seus papeis.

Nem maravilhe isto, porque é um factio naturalissimo sem necessidade de recorrer a hypotheses para o explicar. Do vivo ao pintado ninguem ignora, que ha uma solução de continuidade, que a vista custa a abranger: o theatro é um ponto intermediario entre os dois extremos, especie de ponto solitario dos mathematicos; nada mais racional portanto, que, quem quizer ver mais proximo e mais distincto o vivo, isto é, aquillo que o mundo nos tem apresentado, ou apresenta no seu variado panorama de paixões e episodios, não vá ao drama escripto, que é o pintado, mas sim ao drama representado, que é o simulacro, mais ou menos perfeitamente imitado, da vida real.

Além d'isto, quando entro na sala d'um theatro de certa ordem, sinto-me menos material e mais apto para comprehender os sentimentos nobres, que os actores devem interpretar na scena, e por consequencia os máus pelo contraste. Aquelle ambiente não é o ambiente do vestibulo antes do principio do expectaculo; a presença de cem a duzentas beldades, realçadas pelo brilho do gaz e pelo doirado dos baixos relêvos, embora um quasi nada escurcidas pela opa-

cidade rotunda d'algumas infalliveis matronas quinquagenarias, deve por certo influir sobre a poesia (real ou phantastica) do feliz mortal, a quem coube por sorte um binoculo, uma cadeira de palhinha e talvez a dita de se sentar ao lado d'uma graziela vestida *comme il faut* pelos modelos de Sajou e d'Alexandrine, e dotada d'uns olhos mais fascinantes, que todas as feitiçerias de Hermann ou Bonanno. É alli que o espirito, respirando mais livre, olvida as fadigas e os pezares do dia e se absorve na contemplação da arte dramatica sobre o palco, e da plastica nos camarotes e plateia; emquanto que apenas algum boçal João José Dias terá a petulancia de discutir com o seu vizinho a respeito da tabella dos preços correntes ou do boletim dos navios entrados.

Taes considerações, que já me iam fazendo divagar, por muito longe do meu proposito, foram que me impelliram a esperar pela occasião d'ouvir a representação pela companhia do Gymnasio do drama, cujo titulo é o d'este artigo, não obstante tel-o ha algum tempo visto victoriado na imprensa e nos theatros.

(Continúa)

A. LUCIANO

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

Senhora D. H. L. de Vilchez

Traducção de V. da Silveira.

(Continuado do numero 21)

III

Haviam decorrido alguns dias. Era uma manhã alegre e aprazivel. Fernando, sentado á borda do rio, esperava com impaciencia a chegada de Angela, que lhe promettera ir ter com elle.

O mancebo estava pensativo e quasi triste; aquella joven fazia-lhe nascer 'nalma pensamentos tão doces e desconhecidos, que mal os podia comprehender.

Fernando tinha 16 annos: ouvira falar de amor; porém nunca lhe passára pelo pensa-

mento, que Angela, filha obscura do povo, humilde rapariga de 14 annos, podesse inspirar-lhe o sentimento de sua primeira affeição.

O filho do Marquez passára sua adolescencia na côrte, acompanhado quasi continuamente dos jovens, que frequentavam sua casa; e, como, nas mil vezes que escutára de sua bocca a narração de suas aventuras amorosas, ouvisse sempre celebrar o luxo d'uma, as travessuras d'outra e a provocante coqueteria de todas, e, alem d'isso, tivesse notado, que era em roda das mais vaidosas e desenvoltas que se agrupava sempre o maior numero de adoradores, julgára em sua inexperiencia, que só póderiam inspirar-lhe aquelle sentimento as mulheres, que são o ornamento dos salões com seu sumptuoso luxo e deslumbrante formosura.

¡Pobre Fernando! ¡ridicula ignorancia, que só póde ser desculpada em seus poucos annos, e depois das falsas doutrinas, que elle escutára logo nos primeiros dias de sua adolescencia! Ao lado de mancebos, dissipados uns, outros frivolos e libertinos, aprendêra a escarnecer, ou a apparentar que escarnecia as coisas mais augustas e sagradas, esquecendo até o respeito e submissão, que se devem a um pai, imagem de Deus sobre a terra.

Assim, postoque 'naquelle coração tão terno se não tivesse ainda apagado de toda a purissima luz das virtudes, todavia ella estava vacillante, amortecida e quasi proxima a extinguir-se.

A intimidade de Angela, cuja alma era toda rectidão e sanctidade, effectuando 'nelle uma completa mudança, havia influído muito em suas idéias: ás vezes até se envergonhava de si mesmo, da conducta que observava para com seu pai, que tanto o estimava, do mal que lhe causava com seu abandono, jurando interiormente reparar todas suas faltas á força de submissão e carinho.

Quando por comprazer-lhe, depois de haver feito um ramo com todas as flores, que encontrava no prado, a acompanhava á ermida de N. Senhora e collocava aquelle em seu altar, o mancebo, imitando a Angela se ajoelhava tambem; e junctos mur-

muravam orações, que deviam ser ouvidas no céu.

Como ordinariamente se encontravam no campo, ou junctos saiam de casa, viamos a miudo voltar reunidos; e, se em seu caminho encontravam algum necessitado, Fernando, que sempre olhára para os indigentes com desprezo, ao ver o supplicante olhar de Angela e sua afflicção, quando ella mesma o não podia soccorrer, vasava suas algibeiras na mão do desgraçado: é verdade, porém, que se assim procedia era mais por dar gosto a sua amiga, do que por um sentimento de piedade; mas tambem é certo, que d'este modo se ia habituando a remediar a indigencia.

Muitas vezes encontravam em seus passeios ao thio Pedro; Fernando procurava então empregar 'nelle toda sua prodigalidade; porém o mendigo recusava sempre, recebendo só com satisfação um sorriso de Angela, sem acceitar a esmola. Por seu lado a joven mostrava uma singular predilecção pelo pobre velho, que por toda parte encontrava, e a quem, por um mysterioso instincto, fazia confidente de seus pueris prazeres e innocentes pesares.

Fernando esperava 'naquelle dia a Angela, contemplando distraído duas brancas rosas, que tinha na mão, e que sem duvida lhe eram destinadas.

— ¡Quanto se demora!, exclamou elle passado algum tempo: ¿ter-se-ha esquecido de que a estou esperando?

Como um desmentido a esta sua supposição a joven appareceu do outro lado do rio, e, logo que o descobriu, o saudou com um gracioso e doce sorriso, accellerando immediatamente o passo, para chegar com mais brevidade ao logar, onde o joven se achava sentado.

— ¿Com que em fim me haveis esperado?, lhe disse ella com uma feiticeira simplicidade. ¡Quanto me alegre por isso!

E em seus olhos, e em seu semblante se desenhava, com effeito, uma alegria tão ingenua e natural, que Fernando se sentiu commovido diante da sincera affeição, que a joven lhe mostrava.

— Sim; não só te esperei, mas ainda fiz alguma coisa mais: tenho aqui uma coisa

para dar-te, de que has de gostar muito...

— O que é, o que é?, perguntou Angela vivamente e observando-o com curiosidade.

— Duas rosas, que colhi para ti no jardim de nossa casa, e que assentarão admiravelmente em teus cabellos louros.

No rosto da joven brilhou um goso infantil; e, toda apressada, se aproximou, para receber aquelle presente da mão de seu amigo.

— Oh! que lindas!, exclamou ella: vou já correndo pô-las nas jarras, que estão no altar de N. Senhora.

— E não ficariam melhor em tua cabeça? Se as apanhei foi para que te adornassem as tranças.

— Não necessito de adornos, pois que assim mesmo minha mãe Joanna me estima e vós me quereis ter por amiga. Além de que, se eu pozesse na cabeça essas flores, dentro d'uma hora estariam murchas e de nada serviriam; em quanto que aos pés de Maria podem conservar sua frescura e recordar-lhe minha devoção.

— Pois bem: faze o que te parecer; iremos levar-lh'as; porém primeiro senta-te por um pouco, enquanto eu vou buscar-te um ninho de passaro, que descobri, quando para aqui me dirigia.

— Sim, sim: ide busca-o...

Mas de repente a phisionomia da joven assumiu um character pensativo, quasi serio. Um momento depois accrescentou.

— Não: é melhor deixal-os. Coitadinhos! sentiriam a falta de seus paes e já tão triste não os ter!... Causar-me-hia muita pena ver em minha mão esses pobres passari-nhos!

— Deixa-te d'essas ninharias, lhe respondeu Fernando, commovido a seu pesar.

— Não: não consentirei nunca que toques 'nessas aves: deixal-as-hemos a seus paes; e assim talvez Deus me restitua o meu; pois que, como diz o Sr. cura, nunca fica sem premio uma boa acção.

— Pois tu ainda tens pae?

— Não o sei; com tudo todos os dias rogo a Deus, para que alguma vez me seja permittido tel-o a meu lado.

— Sim; talvez esperes, que elle seja mais

rico, do que tua mãe adoptiva; que, ao encon-tral-o, tua sorte mude e possas possuir bonitos vestidos, adornos para a cabeça e ricos enfeites, como têm outras menos lindas, por certo do que tu...

— Estais enganado; jámais pensei em ser rica; pelo contrario, quizera ter mais alguns annos e encon-tral-o pobre e desvalido.

— Para que?

— Para trabalhar muito e ter o prazer de sustental-o com o fructo de meu trabalho; para estar todo o dia afanada por elle; e, ao abandonar, lá pela noite, minhas occupa-ções diarias, fazer-lhe esquecer, com mil caricias, nossa pobreza e embellezar-lhe d'esta maneira sua existencia. E ainda assim não ficaria satisfeita minha ternura; ainda assim lhe não pagaria o que elle fez por mim!

— O que?

— Dar-me o ser e a vida, para que eu conheça e bemdiga o Senhor.

O mancebo estava confundido; aquella que nada devia a seu pai, senão talvez um abandono culpavel, amava-o com ternura e nomeava-o com gratidão, ambicionando só dedicar-lhe sua existencia; e elle, cuja vida foi constantemente rodeada de carinho e esmero, e que tanta indulgencia encontrára sempre no autor de seus dias, pagava-lhe com uma frieza e uma indifferença cruel.

Angela estava só, e suspirava por seu pai; Fernando, que o tinha a seu lado, e a quem haveria sido facil tornar seus ultimos dias felizes, lh'os amargurava horriavelmente com seu reprehensivel comportamento.

A voz purissima de Angela tinha portanto despertado tambem 'naquelle momento saudaveis remorsos no coração de seu amigo.

Permaneceram em silencio por algum tempo; e, vendo ella a profunda meditação do mancebo e não suspeitando os motivos, se affastou alguns passos e começou a correr alegremente com o formoso Dric. Assim entretida, não advertiu, que Fernando se levantára, para saudar affectuosamente a um Senhor, ancião, e a uma bella e elegante joven, que o acompanhava.

Era o Sr. de Campo Real, rico proprietario, que vinha passar alguns tempos á povoação, e sua filha Carolina, a quem nenhuma das jovens da aldeia se atrevia a dirigir a palavra; tanto era seu orgulho e altivez! E todavia essa altivez se trocava na mais doce affabilidade diante de Fernando, filho d'uma illustre familia e herdeiro d'um titulo de Castella.

(Continúa)

CAÇA D'UMA RAPOSA.

I

O sr. Christovão Pimenta era um honrado negociante d'esta boa e arruinada Coimbra.

Tinha vindo cachôpo cá para a cidade, e começou por ahí a dar uns canequitos de agua para casa do patrão, que vendo o rapaz com uma nesga de tineta, lembrou-se de fazer d'elle alguma coisa.

Um dia, para lhe experimentar o geito, mandou-o destrancar as portas e varrer a loja.

Foi um dia esse, como outro o rapaz não tinha tido, desde o ultimo em que havia apanhado um ninho de pintarroxo. Andava mettido 'num sino, e á tardinha não havia cão nem gato a quem elle não houvesse contado tamanho favor do seu patrão.

Entretanto passaram muitos outros dias sem maior novidade.

O dono da casa era commerciante de eschola velha: gordo como um texugo, rico como um cevado, encebado como um lagareiro, e estúpido como os patacos de que tinha cheia a sua gaveta.

E o caso é que com todas essas desgraçadas qualidades o bom do homem gozava em Coimbra uma importancia real, como não gozam esses tartufos amanteigados, pandilhas cheirando a ranço, que por ahí se pavoneiam de pessoas de bem, com grave desdoiro do senso commum.

E isto por duas razões.

A primeira é já sabida; era rico: a segunda pôde dividir-se em tres ou quatro;

duas positivas e duas negativas: era honrado e conhecia-se; não era agiota, nem cauteleiro. Não havia memoria de ter trocado fazenda já emmalada, e nunca pedia favor a ninguem senão desbarretado até ao chão.

Frioleiras. Hoje seria um anachronismo.

Tambem se contentava sempre com os seis por cento do Codigo, e teve a felicidade de viver antes das loterias.

Mas voltemos cá ao nosso homem do caneco.

Este tempo precioso, que gastámos com a nossa digressão não lhe foi de pouco proveito. Já está elevado definitivamente ás invejaveis alturas de caixeiro, trocando o sacco por jaqueta de cotim-xadrez. Está fazendo um figurão, e até já, de quando em quando, dá seu pataquito a alguma criada mais condescendente.

Saltemos porém de olhos fechados vinte annos. Dou-vos um milhão se o conhecerdes.

Pois elle ahí anda, e não é dos que se mostra menos. Encontraill-o no passeio a fazer rodizio nos dedos com bengala de canna, no theatro a pataratar sandices, nas eleições a pedir votos para juiz-eleito.

Agora attenção, que o que ides lèr é interessante, e diz-lhe respeito.

Era um dia de outubro pela manhã. Chovia se Deus a dava, e o sr. Christovão Pimenta passeava na sua loja, esfregando as mãos com estrepito, e assoprando-lhes de vez em quando.

N'isto entra-lhe pela porta dentro um estudante, moço aindo novo, e bem se via que novo tambem na terra.

O sr. Christovão era homem experimentado em conhecer physionomias, e logo á primeira das duas anteviu pechincha. Recebeu-o por isso, como se costuma dizer, com o coração nas mãos. Franziu os cantos dos olhos, alargou os beiços, dando assim arremedo de sorriso, e avançou dois passos ao encontro do seu freguez.

— Aqui é que mora o sr. Christovão Pimenta? Perguntou este.

— Um criado de v. s.^a para o que lhe podér prestar, men senhor.

— Desejava dizer-lhe duas palavras.

— Pois então queira v. s.^a ter a bondade de subir ao meu *escriptorio*.

— Talvez não seja necessario tanto. É cousa que póde tractar-se aqui mesmo. Eu trago ahí um dinheirito, que queria depositar em mão segura...

— Nada, nada; queira subir, queira subir — interrompeu o dono da casa — sempre estamos mais á vontade. Isso são cousas sérias, e aqui vem um, vem outro, sempre nos distrahimos. Tenha paciencia, faça favor de subir.

E junctando acções a dictos abriu uma porta á direita, e indicou-a ao mancebo.

Aquillo a que o sr. Pimenta chamava o seu *escriptorio*, era uma casa quadrada, no primeiro andar das casas, literalmente forrada de saccas de arroz e ceiras de figos, com uma meza de pinho, pintada de encarnado, no vão d'uma janella. Sobre esta mesa estava d'um lado um tableiro com dinheiro em cobre, e do outro um immenso livro de capa verde, onde se lia em letra garrafal: — RAZÃO.

Entrados alli, o sr. Christovão fechou cuidadosamente a porta, correu a vidraça, e apontando uma cadeira ao mancebo, proseguiu:

— Aqui podemos fallar á vontade. v. s.^a dirá em que lhe posso ser util.

E os olhos brilhavam-lhe de cubiça pesadamente disfarçada.

O estudante sentou-se, e começou:

— O meu negocio é simples. Tenho, como já disse, um pouco de dinheiro, que queria depositar em mão capaz, para ir rendendo alguma coisa. Perguntando ahí, inculcaram-me o sr. como homem de probidade, e venho perguntar-lhe, se póde e quer aceitar o contracto. Eu não sou homem de especulação, e em me dando certo e sabido cada mez o juro da lei, é quanto me basta.

O sr. Pimenta arregalou muito os olhos, quando ouviu fallar em juro de lei. Para elle, já de ha muito, a lei do juro era a sua vontade.

— Cinco por cento, não é isso? perguntou elle realmente duvidoso, que houvesse tólo que arriscasse dinheiro por tão pouco.

— Sim, cinco por cento.

— Pois não tem dúvida nenhuma: é v. s.^a mandal-o quando quizer. Quanto é elle?

— Bagatella: serão uns oito contos de réis.

— Bem, muito bem. v. s.^a entrega-m'os e fica recebendo mensalmente o juro que lhe corresponder. Ou se v. s.^a o traz ahí e quer já deixal-o, tanto melhor, que hoje mesmo começa a render.

O mancebo tirou do bolso uma carteira, cheinha de notas, que foi desdobrando sobre a mesa até sommar oito contos de réis.

— Aqui tem, ajuntou elle, e espero da sua honra, que nenhum de nós tenha de que queixar-se. Confio inteiramente na sua probidade.

— Ora essa, senhor... — como se chama v. s.^a?

— Carlos de Mello.

— Sr. Carlos de Mello: sou *negociante* 'nesta cidade ha mais de vinte annos, e muita pessoa de bem tem fiado de mim seus cabedaes. Fique v. s.^a descansado.

Sahiu o bom do moço, e Christovão Pimenta desceu outra vez para a loja, onde continuou a esfregar as mãos, murmurando por entre os dentes com modo alegre: boa estreia, boa estreia!...

Carlos de Mello era brasileiro, e filho d'um proprietario muito rico, cujos haveres consistiam principalmente em grandes plantações.

Foi por isso que, querendo mandar o filho para Coimbra estudar, não lhe era facil estabelecer-lhe aqui mezada, por falta de correspondencia com Portugal. Calculou por tanto, e á larga, quanto se poderia gastar n'uma formatura, e na hora da partida entregou ao filho aquelles oito contos de réis, afóra dinheiro de jornada, dizendo-lhe entre benções e saudades, que por elles esperava lhe levasse um dia o gráo de doutor pela Universidade.

Ora, é bem sabido que a cousa mais fastidiosa d'este mundo é por certo andar embarcado. Nos primeiros tres dias, para quem enjôa, ainda ha tal ou qual entretenimento: mas depois que se ha de fazer? Trinta, quarenta, cincoenta dias de jor-

nada, sempre a vêr as mesmas pessoas e as mesmas cousas, sempre a ouvir os mesmos sons e o mesmo ruido, é muito para aborrecer. O unico recurso possível, mas de que só uma minima parte pôde lançar mão, é pensar.

Foi o que fez o nosso irmão d'além mar.

E pensou elle:

—«Ora eis-me aqui suspenso 'num abysmo á mercê de duas taboas, e lá vou para terra desconhecida, apresentar-me só 'num mundo novo, onde não terei carinhos de mãe, nem conselhos de pae, que me alentem, que me dirijam.

«Que será de mim, novo e inexperiente, senhor de tanto dinheiro e de toda a minha vontade para o gastar? Deixar de me fazer extravagante só por maravilha: e é isso exactamente que não me convem; porque então lá vae formatura, lá vae tudo. Oito contos de réis é quasi um dote, e se m'os presentem ha de haver muito quem me queira obsequiar, aliviando-me do incommodo. Ter dinheiro comnosco nunca é seguro.»

O resultado de todas estas cogitações foi a feliz ideia de capitalisar o dinheiro, sustentar-se do juro, e no fim levar ao pae as duas coisas:—o gráu e os oito contos.

Aquí tem pois explicada muito naturalmente a rarissima raridade de haver oito contos de réis na mão d'um estudante.

Nos primeiros mezes tudo correu como barquinho de fadas em mar de leite. Ao amanhecer do primeiro dia de cada mez, Carlos de Mello via entrar-lhe pela porta dentro um caixeiro do sr. Christovão Pimenta com um taleigo debaixo do braço, que entregava com toda a franqueza, sem nem sequer lhe pedir recibo. Um dia, porém, deu meio dia, e ninguem tinha apparecido a trazer o dinheiro.

Carlos de Mello esperou até ao outro dia, e mesmo até ao terceiro sem lhe dar cuidado.

Por fim mandou lá a servente.

O senhor Christovão mandou-lhe dizer, que se queria emprestado o dinheiro que mandava pedir, fizesse uma declaração por escripto, assignada tambem por pessoa competente para o abonar; porque elle de si

não se lembrava de dever nada a tal sr. que mai tinha a honra de conhecer de vista.

Carlos de Mello não respondeu nem uma palavra. Conheceu que estava roubado, e roubado com toda a mestria. Era uma lição, durita, mas que mais tarde lhe aproveitaria no decorrer da vida. Para desenganar-se por si mesmo até onde chega o cynismo d'um velhaco, tomou a capa e foi ter com elle pessoalmente.

D'esta vez o sr. Pimenta estava no seu escriptorio. Subiu lá.

—Eu venho aquí, rompeu elle sem mais cumprimento, pedir-lhe conta e restituição do meu dinheiro, que lhe entreguei 'nesta mesma casa, haverá hoje cinco para seis mezes, visto que não me quer pagar o juro, como ajustámos.

—Pagar o juro!... exclamou o sr. Pimenta —:juro de que? Restituir dinheiro!...

Eu tenho cá algum dinheiro para restituir a v. s.ª?

—Pois negará na minha cara, que eu lhe entreguei, aquí mesmo, oito contos de réis, para ficarem a juro na sua mão?

—Valha-nos Deus, meu caro sr.; quem o ouvir lá fóra fallar tão alto e com esses modos, cuidará que é alguma coisa. Eu não nego coisa nenhuma: digo simplesmente que v. s.ª se engana. Não o conheço nem tenho com v. s.ª negocio nenhum. E se tenho, ou se lhe devo alguma coisa, não é com esses espalhafatos que faz na da: ahí tem os tribunaes, prove-me perante elles a minha divida, que eu não terei dúvida nenhuma em satisfazel-a. Mas por quem é, não me torne cá a minha casa com esses destemperos, que não estou costumado a elles. Sou negociante 'nesta cidade ha mais de vinte annos, e muita pessoa de bem tem fiado de mim seus cabedaes.

O pobre estudante estava petrificado. Na idade d'elle parecia-lhe incrível, que houvessem homens assim.

Muito feliz é a ignorancia!

Sahiu d'alli sem saber o que fizesse. Foi direito ao caes, subiu a Couraça de Lisboa, deu volta por S. Bento e mettu-se em casa.

D'ahi a duas horas chamou a servente.

—Esta carta no correio, já: disse elle.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

EPISTOLOGRAFIA

O direito permite o suicídio.

Meu amigo. — Na tua ultima carta fallaste accidentalmente da famosa questão do suicidio. Expôr-te-hei sobre elle um juizo que vejo não ser o teu. Parece que não sabes classificar se pertence á moral e ao direito, ou áquella sómente. Sem aspirar ás honras d'um tractado, encaral-o-hei sobre estes dois pontos, e em duas palavras te direi o que penso.

Concordo em que o suicidio não é permitido pela moral, porque, se esta comprehende os deveres do homem para com Deos, para comsigo e para com os outros positivos, o suicidio é contra a piedade e contra a humanidade; é anti-religioso e anti-humano.

O homem é obrigado a manifestar as perfeições e a gloria de Deus, porque é parte d'um todo, do Universo, e o Universo attesta a gloria e o poder de Deus, é o padrão por onde devemos aferir as suas infinitas perfeições; é este o fim ultimo da criação.

Sendo pois obrigado a manifestar as perfeições e a gloria de Deus, para conseguir este fim deve tambem conservar-se e cultivar todas as suas faculdades, para o que ha mistér do concurso e auxilio dos seus semelhantes; necessita aggregar-se-lhes não só pela aptidão ou tendencia natural de sociabilidade, senão tambem pela necessidade, porque pouco póde solitario, e tudo associado.

Carecendo do auxilio dos outros homens, claro é que deve desejar tambem para estes a conservação e a perfeição, aquillo que deseja para si, porque quem é obrigado a um fim, o é egualmente aos meios.

Mas o suicidio paralysa, destróe inteiramente estes principios; e, se é n'elles que se baseia a legislação moral, não póde ser permitido por esta.

Estas ideias quasi que são logares communs, tão generalisado está o seu conhecimento; mas, ainda assim, nem todos as apreciam e cumprem como devem. A desidia de estudar e a superficialidade de conhecimentos dão origem ao scepticismo que de tudo dúvida; e d'ahi rapidamente se passa

ao pyrrhonismo, que tudo nega. O pyrrhonismo dá em ultimo resultado a irreligiosidade; esta arrasta comsigo a depravação dos sentimentos moraes. E assim preparado o espirito, que muitas vezes se arroja á ideia do suicidio. Porisso o antidoto contra este crime julgo ser uma boa educação moral subministrada á mocidade.

Passemos porém ao campo do direito.

Parece que podemos afirmar que o suicidio é permitido pelo direito, porque a nossa consciencia juridica nos diz que somos livres, que podemos exercitar as nossas faculdades segundo os impulsos da nossa intelligência e da nossa vontade, que somos o senhor dos nossos destinos.

Que somos livres, é uma these clara e evidente, e que não póde ser refutada. As mesmas letras divinas o attestam e comprovam no livro canonico da *Sapiencia* — cap. xv — v. v, 14 e 18.

«*Ab initio* constituiu Deus o homem, e o entregou ao seu proprio conselho.»

«Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal; como houver escolhido, assim lhe será dado.»

Se Deus entregou o homem ao seu proprio conselho:

Se collocou perante elle a vida e a morte, o bem e o mal, para lhe ser dado segundo houvesse escolhido:

Ab initio pois dotou Deus o homem de liberdade.

«O homem, diz A. F. de Castilho, no meio da dependencia de todos os objectos circumstantes, onde, desde o sol até ao pyrilampo, desde o oceano até á góttá do orvalho, tudo actua sobre elle, sente-se entretanto livre para querer ou não querer, e para dentro na orbita de suas forças obrar inteiramente a seu sabor.»

O homem póde praticar todas e quaesquer acções dentro da sua esphera juridica; essas acções são justas, pois que o homem as praticou com direito, e o justo é a expressão do direito; praticou-as com direito, porque não offendeu a esphera juridica dos outros.

O direito subministra pois a ideia de faculdade, ou de que se póde livremente alguma cousa; e o suicidio, como direito,

é uma cousa permittida e não devida. Vá portanto longe o pensamento de que o suicidio é um dever, e que só pertence á moral. E nem se nos diga que não sendo permittido pela moral, o não é igualmente pelo direito, porque aquella reforça este; a legislação moral é que reforça a legislação juridica, e a esta não pertence o suicidio.

Se considerassemos o suicidio como uma obrigação de direito, em quem existiria o direito correlativo? quaes seriam os meios de o tornar exequivel? qual a penalidade correspondente á infracção?...

O homem, diz V. Ferrer, é senhor do seu destino, e livre na escolha do fim, e no emprêgo das condições que julga opportunas para o conseguir. O direito deve garantir-lhe esta liberdade sem o tornar exteriormente responsavel diante d'algum pela escolha do fim e uso dos meios; aliás abaixaria o homem de pessoa a coisa, considerando-o não como fim para si mesmo, mas como méro meio para os outros. D'aqui se segue que é dotado do direito de personalidade, do qual se deduz o direito sobre as suas acções, o direito de liberdade e o de independencia: sómente deve responder pelo abuso que fizer lesando os direitos dos outros.

Sua liberdade só se detem perante a egualdade social.

Estes principios, meu amigo, são claros e certos nas deducções; estabelecendo-os, podemos concluir que — o suicidio é permittido pelo direito.—

1854

A. A.

Amigo Firmino.

Coimbra, Agosto de 1854... (a)

Não te tenho ha mais tempo dirigido as minhas letras por duas fortes razões:— primeiro, por aquella natural e invencivel negligencia, que bem me conheces, e que nascida comigo, deve comigo acabar;—

(a) Vão já muito longe os factos a que na presente carta se allude, mas não tanto, que se não ache ainda bem presente na memoria dos Conimbricenses e de bom numero de Academicos o notavel incendio que por esta occasião se ateou no collegio de S. Bernardo, da Sophia, pertencente então ao Sr. Francisco de Oliveira, e hoje a seus herdeiros.

depois, pelo bem fundado receio de que a minha carta te fosse causar o effeito d'um suporifico; pois

É tal a semsaboria,
Que por esta terra vae,
Que tudo o que 'nella existe,
Ou tudo o que d'ella sae
É insipido e enfadonho
Por tão diversas maneiras,
Que traz comsigo mais opio,
Que um quintal de dormideiras.

Deixa passar o *calembourg* do ultimo verso, que, além de sahir ao acaso, como quasi todos, é, além d'isso, portuguez:

Coisa entre nós desusada,
'Nesses sec'los de rudeza;
Mas depois que a moda exige,
Que seja tudo á franceza...
Tambem já ha *calembourgs*.
Cá na lingua portugueza.

Pedes-me que te informe dos progressos da minha nova paixão, mas vens mal guiado, meu amigo;— em amor não ha progresso. Não enrugues a testa, nem alcunhes de paradoxo a verdade mais palpitante, que me tenha talvez sahido dos bicos da penna;— e senão, diz-me com a mão na consciencia, se as scenas amorosas, de que mais, ou menos felizmente, e ás vezes bem ridiculamente, somos actores no theatro d'este mundo, não são uma imitação d'aquellas, que nossos primeiros paes primitivamente representavam no paraízo terreal, ha seis mil e tantos annos. É verdade que as suas vestes de innocencia, manchadas pelo peccado, foram substituidas pela folha de figueira, e esta mais tarde pelos mil arrebiçados caprichos da moda; mas o enredo e as scenas principaes do grande drama sentimental são, e serão sempre as mesmas. E, se ainda não estás convencido, ouve:

Triste vagueio na mudez das noites,
Por frescas veigas, onde brotam flores;
Nas verdes margens, que o Mondego banha,
Vive minh'alma d'illusões e amores.

E a sua imagem me acompanha sempre,
Por entre os sonhos, em que a mente ancia,
Seus olhos lindos nos meus olhos crava,
Á luz da lua, que nos céus vagueia.

Seu nome escuto nos accentos magicos
Das meigas aves, que por 'hi doudejam,
Repete-o a briza, que por mim perpassa,
Leio nas rosas, que gentis vecejam.

Á vista do que deixo dicto, e que não é senão uma repetição infeliz dos idyllios, que os namorados de todos os tempos têm, em prosa e verso, dirigido ás suas *Ellas*, talvez creias, que estou muito adiantado na tal *paixão*? Pois ainda te enganas. Aquella mulher é uma contradicção em carne e osso; os seus actos guerreiam-se e destroem-se por tal maneira, que eu desafio o mais consummado namorador a comprehendel-a e definil-a. Sempre

Frio desdem empregando
Após magico sorriso,
Que nos despenha no inferno,
Ao entrar no paraizo.

Ora carinhosa e meiga,
Ora vaidosa e cruel,
Ora... ora...

E foi-se a rima! — mas não te admires, attenta a gravidade do assumpto; e peço-te que dêmos a materia por discutida, passando agora ás noticias locaes.

Era hontem meio dia... Ou antes:

O rouco e triste som de altivo bronze
No bater compassado annunciava,
Que em seu carro veloz o sol já tinha
Do céu mais de metade percorrido,

quando as torres da cidade deram o signal de incendio. Disseram-me que o fogo era no extincto collegio de S. Bernardo, pertencente hoje ao Francisco d'Oliveira (vulgo o Franciscão), e que se ateara por uma eira contigua ao edificio, e em que naquelle dia (um domingo) tinham andado a malhar trigo. Ao chegar ao alto das escadas de Sancta Cruz, fiquei surprehendido com os rápidos progressos, que o fogo ia fazendo

Já mil lavaredas
Ás nuvens subindo,
Vão de negro fumo
Os ares tingindo:
E por cima dos telhados
Os Dorias correndo vão;
Passando por entre as chammas,
Tinta a cara de carvão;
Parecem negros diabos,
No centro de perdição.

Mas bons diabos, que não duvidaram nunca pôr em risco a sua vida para acudir ao chamamento da desgraça.

O povo, sempre inclinado ao maravi-

lhoso, víra 'neste sinistro acontecimento o merecido castigo de quem mandava empregar em arduo trabalho um dia, exclusivamente destinado ao cultivo da vinha do Senhor; porém a minha musa, menos religiosa, e resentindo-se ainda das sedicões ficções do paganismo, segredou-me ao ouvido a seguinte, e não sei se mais plausivel, explicação de tal desastre:

Um devedor do Oliveira,
Que outro dia aqui morreu,
Nos reinos do Deus do fogo
Co'a pobre da alma deu:
Foi cá muito perseguido,
Por causa de certo cão; (a)
E fez lá tantas lamurias,
Ao formidavel Plutão,
Que jurara pela estygie,
Movido de compaixão,
De tornar em pó e cinzas,
As casas do Franciscão.

Aproximei-me ao lugar da acção, e ao cimo das escadas d'uma casa fronteira

Encontrei certa deidade,
Que mora alli na Sophia,
Quasi inanimada e fria,
Da face perdida a côr:
Temia que o Deus irado
Lhe entrasse pela janella,
E lhe levasse a *farpella*,
Que tinha no toucador!

O receio era ridiculamente pueril, pois não tenho ideia de ler na mythologia antiga, que o negro e terrivel Plutão andasse nunca feito *petit-maitre*, e de luneta ao canto do olho, passeiando pelas ruas, e muito principalmente pela da Sophia.

A minha má sina conduziu-me ao jardim da sobredicta deidade a tirar agua com um balde de dentro d'um poço.

Mas não foi de balde, porque, posto que ficasse sem um bello par de botas, que me sahiram dos pés cortadas aos pedaços, corri ao menos para fazer abandonar o campo ao director em chefe das forjas infornaes,

Que conhecendo já tarde
A tolice que fazia,
Involvendo em tal vingança
Toda a gente da Sophia;
De tal sorte atrapalhado
Co'a muita agua se viu...
Que, confuso e envergonhado,
Deu dois urros... e fugiu!

(a) Calote.

E depois um suavissimo nectar preparado pelas mesmas niveas mãos, que me tinham dado o balde, foi de certo uma farta recompensa dos meus trabalhos; e muita gente de bem conheço eu, que, se cada dia recebesse

D'umas mãos tão delicadas
Uma tão doce bebida,
Dera por bem empregado
Tirar agua toda a vida.

Até á vista.

J.

GOCES DEL CREPUSCULO

Orillas del mar

Hay unas horas sin hora,
En que nuestras horas cesan,
Horas que en el alma pesan
Como immensa eternidad.

J. ZORRILLA.

El sol hácia el ocaso camina diligente,
Tiñendo el horizonte de nacar y zañir;
Y en tanto que ilumina las playas de occidente,
La luna, misteriosa, diafana, esplendente,
Señora de la noche la viene á presidir.

Mas antes que aparezca la reina apetecida,
Que ahuyenta de las sombras la densa confusion,
De su brillante corte de estrellas circuida,
Hay un hora que pasa de muchos no advertida,
Un hora que conmueve y halaga el corazon.

Hay un hora de encantos, de prismas y colores,
Un hora de misterios y de delicias cien,
Un hora de armonias y mágicos rumores,
Un hora que adormece del alma los dolores,
Un hora que refresca mi acalorada sien.

Entonces veo del sol la rubia cabellera,
En hebras mil tenderse por el espacio azul;
Despues irse apagando el brillo de la esfera,
Y, su postrer vislumbre lanzando á la pradera,
Cerrar sus cortinages de naranjado tul.

Y esclamo: ¡vé á otros climas! alumbre otro hemisferio
El fuego que destella tu aurífero fanal!
Y deja que la luna recobre aqui su imperio,
Y que sus cortas horas de amor y de misterio
Retrate silenciosa del mar en el cristal.

Pasad, gratos murmullos, pasad, ecos suaves;
Besad, placidas ondas, besad blandas mi pie,
En tanto que se aduermen mi afan, mis penas graves,
Porque lo que aqui siento ¡oh mar! tu no lo sabes,
Pero ¡ay de mi! tampoco, tampoco yo lo sé.

¡Es una cosa vaga, tan vaga é indifinible,
Que encanta, que estasia, que lleva el corazon
De un bienestar tan grato, tan dulce y apacible,
Un bienestar que toca la cuerda mas sensible,
Del pecho, quien al punto palpita de emocion!

¡Oh! cuantas, cuantas veces sonidos, notas bellas,
Las que formais las ondas del agua en el cristal,
Matásteis en mis labios los ayes y querellas,
Que mi pecho lanzaba tras las dichas aquellas,
Que lejos de mi huyeron, mui lejos por mi mal!

¡Cuantas y cuantas otras yo descifrar creia
Esa voz que en vosotras me hablaba al corazon!...
¡Ay! como entonces el alma tranquila se adormia,
Pensando que la dicha por siempre poseia!...
Mas no vió que soñaba; no vió que era ilusion.

Y aun sueño, y aun deliro, y aun pienso cual pensaba,
Y aun creo cual creia, y aun siento cual senti,
Y mi mente se agita cual siempre se agitaba,
Y mi pecho palpita cual siempre palpitaba,
De amor y de entusiasmo, dos cosas que perdi.

Mas ya la luna viene y el tímido lucero,
Que lleva tembloroso mensajes mil de amor:
¡Ay! como me recuerdan el dia postrimero
De dichas que gozará!... Yá solo crudo y fiero
Conservo en mis entrañas volcan abrasador.

Empero; vayan lejos mi afan, mis penas graves,
Recuerdos tentadores del bienestar que fué!...
Y puesto que yo siento ¡oh mar! tu no lo sabes,
Pasad, gratos murmullos, pasad, ecos suaves,
Y en tanto, frescas ondas, besad blandas mi pie.

Figueira da Foz, 1 de Noviembre, 1859.

JUAN W. MURRÉ.

A MINHAS IRMÃS

Quanto de mim a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e junctamente
Choremos uma morte e uma vida.

CAMÕES, ELEGIA VIII

Entre os negros cyprestes da campa
Vem, ó musa, de lucto envolvida
Inspirar quem bem diz o destino,
Que nos chama ao findar d'esta vida.

Que m'importam do mundo os enleios,
D'este mundo os incantos fingidos?
Que m'importa o prazer, que se torna
Pranto, dores, pezar e gemidos?...

Se eu perdi quem ao mundo me trouxe,
Que era um anjo de paz e candura!
Se de mãe eu perdi os carinhos,
Os affagos, amor e ternura!...

Sobre a campa só vejo o cypreste,
A sua alma ao empyreu voou;
Cá na terra onde a vida é um sonho,
Bem profundas saudades deixou.

Juncto ao throno do Eterno gozando
Aurea palma á virtude doada,

E da c'roa dos anjos cingida,
É dos anjos no céu adorada.

Se eu pudesse esse véu, que separa
Este mundo da eternidade,
Levantar, e teu collo estreitando,
Terna mãe, apagar a saudade...

! Oh! desdita!!... que o nega o destino!
A lei dura, que a todos domina!
; Revocar os decretos quem ousa,
Que dimanam da patria divina?!

Possa ao menos meu pranto saudoso
Embotar os espinhos d'ausencia,
Té que um dia no céu, a teu lado
Vá gozar mais feliz existencia.

Sanctas crenças, que n'alma produzem
Cá na terra harmonias do céu,
Vem dizer-me que apos esta vida,
Outra vida melhor terei eu.

E lá vejo através d'estas sombras,
Tremolar os pharoes sacrosantos,
Que nos mostram os reinos ditosos,
Onde os anjos entôam seus cantos.

Estas crenças dão vida e confortam
O orphãosinho de mãe'extremosa,
E ao amante, que a amante perdeu
Lhe minoram a dor tormentosa.

Lá então 'nessa vida infinita,
'Nesse infindo gozar de mil bens,
'Da virtude e da fé, que nutriste,
Deus nos diz — recompensa aqui tens.

1856

E. GARCIA

DÓVIDA

Vejo no meu horisonte
Formosa estrella a luzir:
Quanto mais a vejo e miro,
Mais redobra seu fulgir.

Seu lume tão doce e meigo
As vistas todas seduz;
Mas não sei se acaso ha olhos
Que lhe roubem toda a luz...

Os meus bem querem casar-se
Co'o suave brilho seu;
Mas temem não lhes responda
Esse lampejo do céu.

Setembro de 1858

A. A.

CHARADA.

Está na segunda a primeira — 1
Vae na primeira a segunda — 1

É homem que mette medo,
E que ninguem inda viu;
Mas na infancia ao pensar 'nelle
Quem terror nunca sentiu? D. P.

EXPEDIENTE

Pedimos novamente a todos os Sr.^s assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; i. é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

Continuaremos a enviar os numeros de nosso jornal, que forem saíndo, aos Srs. assignantes, que, findo o praso por que subscreveram, não tiverem ordenado a suspensão de sua assignatura.

Procedemos assim para regularidade do serviço da redacção e economia de correspondencia da parte dos Srs. assignantes, que, subscrevendo ás vezes por um só trimestre, têm, na maior parte, repetido sua assignatura, depois de riscados do livro competente.

Rogâmos áquelles Srs. a quem remette-mos prospectos da *Luz do Cemiterio*, se sirvam devovel-os com as assignaturas, que tiveram a bondade de alcançar, a fim de se lhes fazer logo a remessa dos exemplares de que precisarem.

O Administrador, M. Dias Pereira.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

302

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

A PROBIDADE

DRAMA

DE

A. C. de Lacerda.

(Continuado do n.º 22)

A ideia antecipada influiu talvez sobre a impressão, que em mim causou a reprodução scenica d'aquella viçosa flor da corôa dramatica de A. C. de Lacerda; todavia, se ella não subiu ás alturas do enthusiasmo quasi febril que a acompanhava, foi porém tal, que me levou a classificar o drama uma das melhores produções do auctor, e uma das obras de que se póde jactar o theatro moderno portuguez. Scribe ou Mendes Leal não deveriam ter receios, de que fossem compromettidos os seus créditos de insignes dramaturgos, se perfilhassem a *Probidade*.

Ha sempre na apreciação d'uma composição theatral dois pólos, que ordinariamente se repellem, duas entidades que difficilmente se conciliam, — o expectador e o critico, a plateia e a litteratura. Não falo do expectador, fervente amator da magica do subterraneo e da sarrabulhada, que ouve com o silencio da estupidez o trecho sublime, ao passo que presta a gargalhada alvar á facecia torpe e plebeia, e desconjunta as articulações para applaudir os berros desentoados d'um tyranno de melodrama. Tão pouco quero alludir ao frequentador aristocrata, ao *leão do palco* (como lhe chama Andrade Ferreira) que, distrahido sempre nas regiões do idealismo fingido, apenas se digna volver os olhos para o palco para zombar de tudo o que se passa na scena, só porque no *Odeon*, no *Ambigu-comique*,

Novembro—1839

ou em outro qualquer theatro estranho, viram coisa melhor. São entes heterogeneos nas feições, mas congeneres no ridiculo, que de maneira alguma podem representar uma plateia composta na maior parte d'uma classe média entre estes extremos, não tendo nem a burguezia crassa d'uns, nem a fofice caricata dos outros.

A *Probidade* agrada então sómente ao expectador, tal qual suppomos que elle é por via de regra? ou será digno dos elogios da critica menos benevola em certos pontos? É digno d'estes. Tem algumas peripecias triviaes e usadas, mas tem outras extremamente dramaticas e patheticas. Tem ás vezes uma lingoagem menos castigada, mas o dialogo é muito naturalmente sustentado, e a satyra é a cada passo confeçoada com chiste. O pensamento do drama não é um pensamento unico, grandioso, tendente á solução d'um problema social; entretanto os episodios, que matisam o enredo, não peccam por inverosimilhança, e são uma pintura de scenas da vida intima.

O que alli se nota é uma falta sensivel de typos na rigorosa expressão da palavra, bem distinctos e contrastados uns dos outros, perfeitamente acabados; os caracteres, que entram em scena, são mais esboços que retratos. Sei que a mina está exaurida, quasi que já não ha personagem da sociedade moderna, generoso ou perverso, serio ou picaresco, que não tenha sido daguerreotipado mais ou menos felizmente, sobre o palco, e porisso o auctor dramatico para não tropeçar no plagiato tem infallivelmente de fazer sobresahir menos os seus protogonistas e applicar a sua attenção a outro objecto. Admira-se por exemplo que na *Probidade* appareçam só homens pro-

N.º 23

bos e não prototypos de probidade, como o titulo parecia dar direito a esperar, mas d'isto está o auctor absolvido depois do que diz na prefação ao drama; destinara-lhe elle a denominação de — *Os homens de bem*, que mais justamente lhe quadrava, mas a coincidência com o pensamento, que Mendes Leal tivera quasi ao mesmo tempo para um outro drama seu, e o direito de prioridade, que parecia assistir a esse depois dos seus *Homens de Marmore* e do seu *Homem d'Ouro*, induziram o auctor da *Probidade* ao chrisma.

Manoel Escôta é o unico vulto, que está retratado com traços mais demorados e minuciosos; vivacidade, colorido e correcção de desenho são predicados, que presidem áquella figura tão habilmente copiada; é um typo que se destaca visivelmente no meio dos outros interlocutores. Manoel é o transumpto fidelissimo do que é o velho marinho portuguez; resume a physiologia da indole e existencia do homem do mar, que envelheceu sobre as vagas ao som do *leva arriba*, e acostumado a obedecer cegamente ao porta-voz e ao apito.

Rudez innocente, generosidade extrema, coragem physica e coração humanitario, eis as virtudes consubstanciadas no idoso marujo. O homem, que ao ouvir a supposta filha modular a canção maritima, se esquece da casa em que está, e entusiasmado prosegue o canto favorito; o homem, que ao ouvir a narração da série d'infortunios que perseguiram o pobre extravagante, a triste victima do *prego*, lhe lembra como unico salvaterio a volta á carreira maritima, deixa ver bem um character, cujo elemento vital é o oceano. O bravo marinho, que no meio do naufragio da *Santa Rosa*, alli onde só havia a *morte e Deus*, segundo a robusta expressão de Camillo C. Branco, só se lembra de salvar a orphã do judeu, e jura servir-lhe de pae toda a vida, practica uma heroicidade, que pertence necessariamente a um coração, a quem a atmospheria dos navios não tinha ainda feito de marmore. São acções que desenhão ao vivo o homem, que o dramaturgo quer apresentar; é uma das melhores, senão a melhor, das creações que ornã a nova obra

do auctor dos *Dois Mundos* e dos *Mysterios sociaes*. A ideia, realçada pela bella interpretação do actor, deve sempre electrizar o espirito do expectador, e 'neste ponto as palmas da plateia harmonisam-se admiravelmente com os louvores da critica.

Henrique Soares poderá ainda ser classificado como um typo; mas como typo da probidade, segundo se poderia deprender da parte de protogonista, que lhe parece caber, isso nunca; a probidade, esta virtude cuja apotheose se quer fazer, não é a sua feição característica. O aspirante de marinha apossa-se da fortuna de Jacob, julgando-a sómente roubar ao mar? não lhe passa sequer pela imaginação, que por um incidente inexperado, mas possivel, se salvasse o judeu ou a filha? a mãe de Adelia não podia por um revés da fortuna cair na mestria sacrificada pelas exigencias do fausto? Estas perguntas, que naturalmente occorrem, tornam exquisita a probidade do homem que sente remorsos, e dá esmolãs com dinheiro alheio. Confrontem antes a probidade de H. Soares com a de Manoel Escôta; um rouba ao abysmo a filha, o outro o thesouro; um lembra-se de soccorrer a orphã, outro de se locupletar!

Longe de mim o apontar H. Soares como character repugnante; ha 'nelle pelo contrario nobreza d'alma. É um homem orgulhoso de seus direitos, aborrecendo o servilismo, tornando-se pelo ouro e intelligencia superior na sociedade, cujas ulceras conhece e de cujos ridiculos mofa. É uma alma de ferro para a sociedade corrupta, e d'anjo para a amante e para os desgraçados; sacrifica o seu amor á desconfiança, que o mundo possa ter a respeito da sua sinceridade e desinteresse; quer reprehender os homens sem elles terem de que o reprehender.

Depois descobrem-se em segundo plano tres personagens: Adelia, Nogueira e Colares. Adelia é a creatura angelica e mimosa, cujo amor faz parte do enredo do drama; a sua qualidade de figura obrigada e infallivel dá-lhe pouca novidade e não a deixa avantajãr. Nogueira, o *zoué* do café e das espeluncas, o escravo do *prego*, é a victima da desmoralisada organisação da

sociedade moderna; a cabeça estava corrompida por necessidade e affectação, mas o coração ainda não fôra inteiramente contaminado. Quasi desappercebido no prologo, pouco visivel no primeiro e mais saliente no segundo acto, o mestre de musica por casas particulares fica perfeitamente caracterizado, quando depois d'uma noite infeliz d'espelunca recebe em sua casa com toda a humanidade o judeu Jacob, pobre e extenuado; nem o soffrimento, nem o habito do jogo, nem a educação dos cafés tinham adormecido os sentimentos; e com razão ao litterato ex-maritimo podia-se applicar o dito de Molière a proposito do mendigo, que lhe restituia a moeda d'ouro, que por engano lhe dera: *où la vertu va-t-elle se nicher!* Não se julgue este character chimerico, nem pareça incrivel a união da extravagancia com a humanidade; encontra-se o original d'este retrato em muitas partes e frequentes vezes.

Collares tem apenas as honras d'um intriguista soez e ambicioso sem engenho algum. Pouco faz no drama e a razão da sua apparição só a sei explicar pela necessidade d'um specimen de certos homens de bem em gripho, que se inculcam como taes no mundo, e que são por fim de contas uns refinados velhacos. Se não fosse a precisão de dar um contraste aos verdadeiros homens de bem, que entram em scena, o papel de Collares poderia ser riscado, porque a sua falta não seria muito sensivel, a não ser para algum idolatra dos tyrannos da escola ultraromantica, que não julgue boa peça theatral sem meia duzia de berros, sobrançelhas carregadas, olhares de través, etc. E por isso que julgo na *Probidade* a presença do ridiculo pretendente de D. Guilhermina uma coisa não indispensavel á acção do drama, olharei esta circumstancia como uma originalidade, e portanto como um merecimento.

O enredo caminha, coisa singular, sem necessidade stricta do *tyranno*, herança em geral necessaria da velha escola; Collares não é um Rodin na sordidez e ambição, um Lugarto na malvadez, um Simplicio Lobo na avareza, e menos um Othelo no ciume e vingança; está muito e muito abai-

xo d'estes grandes prototipos, e não passa d'um ente vulgarissimo. Empallidece e obedece com facilidade a uma intimação feita sem artificio á vista do cano d'uma pistola, contra o que ordinariamente succede aos seus *modelos*, ignora, mais que ninguem, os mysterios do drama; não vemos no velhaco nem finura, nem talento, nem estudo em subido grão, e para mim não é mais do que aquillo que era para H. Soares: um grande *parvo*.

A acção do drama de A. C. de Lacerda está quasi sempre cheia de vigor, poucas vezes esfria; e se tem defeitos, em alguns caiu o auctor, querendo tornal-a original e fôra do commum. O prologo é um quadro da vida maritima trasladado do natural com toda a verdade, e que pela novidade attráe a imaginação do público; ha lá porém a narração de Jacob, que todos acham prolongada de mais, e realmente este vicio dá muito na vista e devia ter sido remedeado d'algunha maneira.

A canção do Marujo:

Triste vida é a do marujo
Qual d'elles a mais cançada,
Por'mór da triste soldada
Passa tormentos.

Dom dom
Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer d'inverno,
Parece um proprio inferno
Co'as tempestades.

Dom dom.

cantada por Adelia e Manoel Escôta, com acompanhamento de piano, é d'um agradável effeito, e recorda a quem passou já algum tempo sobre o oceano, um dos incidentes mais poeticos da vida maritima. A copla final:

Quando descansados estamos
No rancho a socegar
Então é que ouço gritar
Oh! *leva arriba!*

prepara o expectador para uma das scenas mais patheticas, que tenho visto no palco.

É ella no primeiro acto, que é em verdade uma obra prima; a impressão galvanica, que me communicou aquelle reconhecimento de H. Soares com Manoel Escôta,

não a sei explicar. A alma nobre do joven millionario fica stereotipada; não póde haver dúvida sobre a sua permanencia de character, mesmo engolphado no ouro. O final é um bello remate do sublime, de que está cheio todo o acto; as sensações todas diversas, que as quatro pessoas em scena sofrem ao ouvir a declaração do marinheiro sobre a existencia e sorte de Adelia, são um trecho delicadamente concebido.

Se a plateia ouvisse o 2.º acto antes do 1.º, não notaria tanto o contraste entre elles, mas com a ordem por que foram feitos, o sublime, que nunca póde ser sustentado por muito tempo, está distante de ser conservado na altura a que o elevou Lacerda no 1.º acto. O expectador pouco mais espera depois do desfecho d'este acto; e effectivamente se não fosse a reaparição do judeu e o episodio do pianista pateado, como se sustentaria a vida do 2.º acto? De Jacob já ninguém se lembrava, e parece natural tel-o deixado sepultado no mar depois de não ter transparecido no 1.º acto o menor vislumbre a respeito da sua salvação. No final do acto nota-se tambem um nimio furor de contentar a todos; a conversão quasi instantanea do judeu, sobretudo, é uma coisa algum tanto incompativel com os principios religiosos em geral mais ou menos arraigados, principalmente num velho.

Agora se do merito absoluto fizer transição para o relativo, comparando a *Probidade* com as outras composições dramaticas do mesmo auctor, não a julgarei a melhor das obras de A. C. de Lacerda. E mesmo sem ir longe, nem profundar muito a analyse, direi que, ou fôsse por causas estranhas, que influissem sobre mim nos dias em que ouvi a representação e li o *Cynismo, Scepticismo e Crença*, ou porque realmente o criterio me não illudia, a meu ver (e entenda-se, não tenho pretensões d'impor este ver como oraculo), tenho este ultimo drama como superior á *Probidade*. Os tres protogonistas do *Cinismo* avultam esculpidos por um buril magistral como symbolos de tres magnificos pensamentos, tomados na sociedade actual; a these philosophica, que alli se demonstra é de como

a crença, emissaria de Deus, póde, a pesar de tudo, no presente seculo chegar a tirar a dúvida ao sceptico, e aniquilar os negregados planos do cynico.

Os tres personagens são os unicos que conduzem a acção do drama, mas conduzem-na tão interessante, tão viva, como os numerosos interlocutores de qualquer drama da escola franceza. Eu bem sei que ha lá uma ideia de immoralidade, que está longe de apparecer na *Probidade*; mas essa immoralidade não é um devaneio, de romancista escandecido, nem um desabafo de fareista, para conciliar a risada estúpida do nababo lubrico e burguez: é o episodio d'um drama horrivel, vasado nos moldes da verdade, e em que o castigo não menos horrivel do vicio, torna este repugnante e incapaz de ser seguido.

Junte-se a isto uma difficuldade continuada de scenas todas com equal successo, uma naturalidade de dialogo, em que o nosso auctor tanto prima, um conhecimento profundo das paixões, que agitam o coração humano, e diga-se se não ha razão para julgar o dramaturgo lisbonense tão precioso escriptor, como habil actor, um forte sustentaculo da nossa litteratura dramatica, tão brilhantemente resuscitada pelo auctor do *Fr. Luiz de Sousa*, como sustentada pelo dos *Homens de Marmore*.

Aos que notarem em alguns pontos sobriedade de elogios, direi que A. C. de Lacerda é uma reputação feita, e «as reputações feitas discutem-se e aconselham-se», como já bem disse o nosso critico Lopes de Mendonça.

A. LUCIANO

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado do n.º 14)

A portada

Menina e moça me levaram...

BERNARDIN RIBEIRO

XIII

—Olha, Rosinha: não te has de esquecer da tua amiga, que sempre te quiz tanto, promettes?, dizia Adelaide a uma elegante rapariga de 16 annos.

— Como poderia eu esquecer-te? unidas desde a infancia, os nossos pensamentos, os nossos corações permaneceram sempre ligados pelos laços da mais sincera e verdadeira amizade; e havia de eu agora esquecer-te?! não penses em tal. Mas não me dirás qual o motivo da tua partida?... Tu que és tão extremosa por teu tio... deixal-o... ires viver com pessoas, que não conheces... que nunca amarás talvez... Não posso comprehender que motivos imperiosos te chamam assim... de repente... a outros logares!

— Nem eu tão pouco sei explicar a resolução tomada por meu tio. Quando me annunciou que devia partir, deixal-o, deixar-te... banhada em lagrimas, lancei-me a seus pés, parecia que se me partia o coração de dor, pedi-lhe pela alma de minha mãe, que me revelasse o motivo, que me forçava a uma tão dura separação. Nada me respondeu de positivo, disse-me d'um modo vago:— que a seu tempo saberia tudo; que estava em idade de conhecer o grande mundo; que para elle havia nascido; que era preciso adornar o meu espirito com os dotes e qualidades, que só se adquirem lá fóra, na alta sociedade... e isto com um ar tão triste!... e depois, confesso-te, que nada comprehendi, e entrei a scismar o que seria a alta sociedade, o grande mundo? Eu apenas conheço a minha pequena aldeia, as minhas flores, a fonte do valle, as minhas companheiras de infancia e... É verdade, sabes tu Rosinha o que é o grande mundo?

Esta pergunta foi feita com um modo tal, que só revelava aquella innocencia dos primeiros annos, e ao interrogar sua amiga, fixou nella os olhos banhados em pranto.

— Tu choras, Adelaide! choras! quando vaes dilatar o teu futuro, adquirir dotes, que aqui nunca poderias alcançar! É verdade que eu tenho ouvido dizer a meu pae, á noite, quando nos reunimos em volta do lar, que o mundo lá fóra é tempestuoso como um dia de trovoadas! Que lá tudo é fraude, inquietação e desgosto!... Mas eu tenho um presentimento de que has de ser feliz.

— Deus te ouça, mas olha que os meus presentimentos são muito tristes, tão tristes, que nem me atrevo a dizer-t'os.

— E eu, pelo contrário, até desejava acompanhar-te.

— Só me lembra, que poderia talvez encontrar por lá Alberto. Ao pronunciar este nome — Alberto — Adelaide revelou timidez, e um rubor virginal lhe subiu ás faces. Depois continuou: era tão meu amigo!... lembram-me bem aquelles momentos, que passavamos junctos; umas vezes colhendo flores, que elle tecia em grinaldas, para adornar-me a cabeça, outras, estudava junto de mim, que bordava, e quantas vezes, quantas! fechava os livros e se punha a contemplar o meu bordado!...

— É verdade, e se tu encontrasses por lá Alberto não eras já bem feliz? Ha quanto tempo partiu para os estudos?

— Ha tres annos; bem me recordo. Nunca mais soube d'elle. E eu queria-lhe tanto! eu não sei o que sentia, quando estava ao pé de mim, o meu coração palpitava com tanta violencia!...

XIV

A innocente conversa das duas meninas foi interrompida pelo rodar d'uma sege, rumor estranho e inteiramente novo 'naquelles logares.

As duas meninas estremeceram, e assustadas se perguntaram — que será? — e voltando-se para se informarem do estranho successo ficaram surprehendidas, ao ver que a sege se encaminhava para a habitação de Castro. E effectivamente era aquelle o seu destino.

Uma das janellas entreabriu-se e uma sêcca e ossuda cara, sustentada 'num esguio e magro pescôço se alongava, para examinar, com a costumada curiosidade, o ruído e o que o motivava. Era a criada de Castro, classica cosinheira, depósito de reliquias e bentinhos, serva de Deus, como todas as velhas cosinheiras. A boa da velha ficou pasmada; devorava com estúpido olhar as fardas dos criados, a carroagem, e não rompeu logo 'num longo interrogatorio, porque um dos criados perguntou:

— Ó senhora, aqui é que habita o Sr. Castro?

— Sim, senhor. E vocês que lhe querem? Não me dirão, que *caranguejola* é essa?

Pela minha salvação; Santo Antonio! nunca vi outra em dias de minha vida!

Vocês são militares?

— Agora não se tracta d'isso, entregue-lhe essa carta, e diga-nos onde é a cocheira para recolher o trem.

— Eu sei cá que *demo* é isso de *chocallheira* ou *entretém*, eu não sei lá d'essas *andróminas*. Eu vou dar parte a meu amo.

— É bem curiosa a tal bruxa, nunca vi bixo mais peçonhento.

— É uma perfeita girafa, disse o bo-lieiro.

— Que viriamos nós aqui buscar; disseram-nos que havíamos de conduzir uma menina de 18 annos, e apparece-nos logo d'entrada um espantallo d'estes! Hein! Raios a firam!

Os modos arrogantes dos dois criados espantaram a velha, que, invocando o nome de todos os sanctos de sua particular devoção, se escoou a través da estreita janella, onde pouco depois assomou o rosto severo de Castro. Os criados levaram machinalmente a mão ao chapéu listrado, e respeitosa-mente o cortejaram.

— Sei ao que vindes, disse Castro; trazeis alguma carta?

— Saiba v. ex.^a que sim, respondeu um d'elles com voz trémula.

— Muito bem. Dae-a cá.

Castro leu precipitadamente, e as contracções da sua tez deram indícios do sofrimento, que lhe ia lá dentro d'alma, embatida já de tanto desgosto. Angustia semelhante á do naufrago, a quem as vagas arancaram a ultima taboa de salvamento, e que, abysmando-se nas profundezas do mar, vê desaparecer-lhe com a vida o horisonte da terra, se lhe pintava no rosto, pendido sobre o peito.

Fazendo um esforço para não succumbir ao desalento, que momentos ha em que a coragem nos desempara, disse, voltando-se para os recémchegados:

— Aguardai um pouco. Francisca, vai chamar minha sobrinha, que deves encontrar no seu retiro habitual; vai á fonte do Valle, que lá deve estar com Rosinha.

— Agora é outro cantar... sobrinha... Rosinha... murmurou um dos criados de

módo que o seu companheiro percebesse. Ó Zé, sobrinha e Rosinha... A cousa deve ser optima! não te parece, hein? Ouviste?

(Continúa)

E. G.

CAÇA D'UMA RAPOSA.

(Continuado do numero 22)

III

Haviam passado mais de tres mezes. Era agora por meados d'Abril.

Um dia de sol esplendido, vê o sr. Christovão Pimenta entrar pela sua loja dentro um figurão, alto e reforçado, de caraça atri-gueirada e redonda, bem trajado, com aneis de grandes diamantes e bengala de castão d'oiro, que se dirigiu ao primeiro caixeiro, e perguntou:

— Aqui é que é uma casa de commercio, que costuma aceitar fundos de particulares...

O sr. Pimenta não o deixou continuar. Veio-lhe ao encontro, e fez-lhe um cumprimento muito rasgado.

— Eu sou o dono d'esta casa, disse elle, se v. ex.^a tem alguma coisa a tractar, é comigo.

O recém-vindo percorreu-o com um olhar d'alto a baixo, e fez um gesto, que podia significar assentimento.

— Eu, começou elle dizendo, sou estranho a esta terra, como talvez já tenha notado, e gostava de por aqui me estabelecer. Para isso precisava, antes de mais nada, capitalisar alguns vintens que tenho, e ficava-lhe muito agradecido, se tivesse a bondade de inculcar-me por ahi uma casa, confraria, ou coisa semelhante, onde podesse descansar na segurança do meu dinheiro.

Eu sei que ha aqui em Coimbra uma casa de negocio muito acreditada n'este genero de transacções, e era por essa que eu perguntava ha bocado.

O sr. Christovão fez um meneio de cabeça, espichou o beicho de baixo, e respondeu:

— A fallar a verdade, não sei-bem dizer a v. ex.^a onde vá bater. Isto está tudo per-

dido, já não ha em quem a gente se fie. Estabelecimentos, que nos parecem tão bem seguros, estão ahí a quebrar todos os dias, e casas de negocio não me lembro assim de nenhuma, que esteja nas circumstancias... Nós aqui é que costumamos entrar com afoiteza 'nessas coisas, e temos sido felizes: mas v. ex.^a fará melhor informando-se...

—Então é aqui exactamente a casa que eu procurava?

—E, provavelmente.

—Pois bem. Estou bem informado, e se o sr. quizer, escuso já de saír. O meu dinheiro fica bem.

—Como v. ex.^a entender. E visto isso, queira v. ex.^a ter o incommodo de subir.

Entraram ambos no *escriptorio*, ha muito nosso conhecido. O tal figurão assentou-se logo, como homem muito vesado a commodos, e começou dizendo:

—Eu por agora apenas deixo trinta contos, por que alguma coisa que tenho está derramado por mãos alheias: mas tenciono fazer em breve deposito maior. Vou ahí passar-lhe uma ordem para mandar receber quando quizer; que commigo pouco trago.

E, por amostra, foi desensacando d'uma bolsa de prata algumas duzias de libras, que ia encastellando sôbre a mesa.

Estava 'nisto, quando alguém bateu á porta do *escriptorio*.

—Estou com gente; agora não posso falar a ninguem: bradou o sr. Pimenta com modo aspero.

—Faça obsequio d'abrir: quero só duas palavras: respondeu de fóra uma voz, que fez estremecer o sr. Christovão.

—Tenha paciencia, agora é impossivel.

—Mas póde ser alguém que tenha pressa, disse o desconhecido, e eu não a tenho. É melhor vêr quem é.

—Pois se v. ex.^a dá licença...

—Pois não.

O sr. Pimenta foi abrir a porta, e deu de cara com o nosso estudantinho, que, sem lhe dar tempo nem d'um ai, exclamou alto e bom som:

—Eu preciso já do meu dinheiro.

Christovão Pimenta ficou varado. Se estivessem a sós boa resposta lhe sabia elle dar; mas diante d'aquelle homem, que lhe

ia fazer um deposito de tanta valia, uma unica palavra indiscreta deitava-o a perder. Antes queria 'naquelle occasião que lhe rebentassem mil bombas debaixo dos pés.

Lá cozeu comsigo a sua raiva, e ao mancebo respondeu com o accento mais brando que poudo:

—Se v. s.^a podesse vir d'aqui a um instantinho... Está alli aquelle sr. á espera.

—Não posso, preciso d'elle immediatamente.

—Eu espero, eu espero; não tem dúvida: disse o desconhecido outra vez.

Christovão Pimenta fez os seus calculos 'num momento.

•Quem de trinta tira oito ficam vinte e dois. São exactamente os que ganho, e vejo-me livre d'este maldito do inferno, que em tão má hora o diabo cá mandou.

E dirigindo-se a elle, proseguiu d'alto:

—Queira então esperar um nadinha, que eu vou buscar-o.

E desceu á loja.

Quando subiu achou os dois hospedes ao pé um do outro, e o dinheiro de cima da meza tinha desaparecido.

Entregou a um uma bolça que trazia, e reparando 'nesta ultima circumstancia, perguntou ao outro:

—Então o seu dinheiro? v. ex.^a...

—Eu sou pae d'este mancebo: que vim do Brazil aqui só e exclusivamente para ensinar a você, que quem quer ser velhaco pede ao diabo mais finura.

O sr. Pimenta embatucou. Quiz falar, chamar que lhe acudissem, mas não teve tempo. Levou as mãos á cabeça e cabiu fulminado.

J. SIMÕES FERREIRA

EPISTOLOGRAPHIA

No mar.

Amigo V. da Silveira.—O promettido é devido. Vou satisfazer o compromisso, que contrahi ao ceder ao seu empenho, de escrever para o jornal que redige e fundou á custa de sacrificios, que eu sei avaliar, porque tambem me alistei 'nesta milicia, como soldado raso da legião, que se

propõe marchar á conquista do futuro pelo trilho da sciencia.

Vou hoje esboçar rápidamentee a vida, que se vive nas praias, quando se deixa o bulicio da cidade e se esquece os baldões, a que estamos sujeitos, nós, miseros argonautas, que navegámos com todo o panno, sem bussola e sem roteiro, e que afrontámos impavidos os escauceus e a tormenta, sem pensar que a bonança encobre o tufão, que nos fará correr em arvore sêcca, até nos arrojar ás goelas escancaradas do abysmo.

A vida no mar não é semeada de borascas, nem o espinho das paixões se crava no espirito, que resfolega no isolamento. A agonia do coração, que soffre as dôres intimas, para as quaes não ha antidoto, ou afrouxa com o contacto do ar livre, que alli se respira, ou adormece para reaparecer mais tarde, por entre os clarões e perfumes dos bailes, por entre o arruido excitante das dansas, e as intrigas e rivalidades das salas.

Os poetas sertanejos esquecem á beira do mar as maguadas endeixas, para entoarem canticos festivaes, repassados de entusiasmo e de amor. O seu espirito, cansado dos embates diuturnos, rejuvenesce ao contemplar o quadro imponente do oceano revoltado, que vem aos pés do homem soltar um queixume, e, envolvendo-se no pó das areias, pedir perdão de haver ousado enfurecer-se, tentando engulir a terra, e escalar o céu, renovando assim a lucta imponente dos Titões.

O sol brilha aqui em todo o seu esplendor, com toda a pureza, que impressiona e arrebatá; porque a athmosphera não é impregnada d'aquelles vapores corrosivos, que tocam os corpos e lhes absorvem a robustez e a vida. Os seus raios de oiro reflectem-se na superficie das vagas e projectam ahi mil lindezas, que a penna não póde descrever.

As vezes o céu cobre-se de crépes, a procella estala no espaço, o raio rasga as nuvens prenhes de materias inflammaveis, e assombra a terra com o seu estampido e com o igneo traço que desce rápido sobre ella. Mas na praia não é menos magestoso

este combate dos elementos desencadeados, nem menos bello o retabulo, que representa o poder do Creador. As ondas alterosas cobrem-se de alva espuma, similhando as jubas de leões esfaimados, a quem tivessem arrancado a preza, que esperavam saborear. As aguas do oceano, enegrecidas pela cór do céu, e entumecidas pelo soprar da tempestade, que estoura sôbre o abysmo, tornam o quadro d'uma concepção, que excede as forças humanas. A alma confrange-se ao presenciar estas convulsões da natureza e eleva-se no fervor da prece até ao seio immenso de Deus.

Quanto é bello ouvir nas balseiras, á claridade dó crepusculo, os trinados do pintasilgo, ou o canto da tutinegra! Essa hora que precede as sombras, ou que vae saudar a aurora no seu leito de nuvens, e se extingue ao rasgar o sol os veus do horizonte, quando as suas bétas doiradas se extremam da fimbria de carmim que beija ao nascer; essa hora, repito, é mui desejada pelos que amam a solidão e a poesia, e sonham nos contentamentos do espirito os castos prazeres d'um amor mais casto ainda.

Aqui, sob o azul do céu, o coração pulsa desoppresso nas expansões de intima alegria; e essa hora de melancolica poesia vem afagar a imaginação dos que vivem das primeiras impressões, dos que vêem o mundo por um prisma de flores, sem se lembrarem dos parceis d'uma vida atribulada. O crepusculo reflecte-lhes 'nalma os mil encantos d'uma quadra de affectos, opulenta das áspirações, que fazem do homem um ente superior, e da mulher um archanjo cahido 'neste horto de decepções affrontosas.

Não ha aqui a verdura dos silvedos matizados da papoula, da flor da giesta e da murta; nem a vida que respiram as veigas circuitadas de renques de japoneiras e hortenses. Os casaes não alvejam aos primeiros arreboes da manhã por entre as avelleiras e limoeiros da encosta vestida de tojo e rosmaninho. Não se ouve aqui o balido do cordeiro, que retouça na campina tapetada d'azevem, nem os sons da flauta do pastor, que vão quebrar o silencio dos campos.

Deus cingiu a terra d'esta immensa facha d'areias, que se movem ao soprar dos ventos, e se agitam ao lento e rouco respirar do monstro, cujas fauces têm tragado milhões de existencias humanas. Deus separou a terra do mar por esta longa fita esbranquiçada, que ora se conserva quieta e lisa, ora fluctua ao capricho dos elementos em guerra. Nem a terra nem o mar podem vencer o espaço que os contém. É uma barreira erguida pela omnipotencia da criação, para moderar os impetos das vagas, e quebrar essa resistencia porfiosa, que re-crudesce com a sanha da tempestade.

Vivo á beira da lagôa, 'numa casa de madeira d'aspecto melancolico, porque o exterior denegrido dá a estas habitações um ar grutesco e pouco sympatico. Chamam aqui *palheiros* a estas aposentadorias improvisadas, onde se vive ás vezes horas de consolação e alivio. Não impugno nem defendendo a propriedade da phrase; conformo-me com o uso, e fecho os olhos ás pre-cripções dos philologos.

O meu palheiro não se debruça na corrente da lagôa, mirando-se tristemente no espelho de suas aguas. Fica um pouco mais retirado; mas da janella do meu quarto avisto o forte da barra, gigante perdido na solidão do areal, e a Gafanha, pequena peninsula, coberta de pinhaes e restolhos. Ás vezes apraz-me o alongar a vista, e fixa-la no môrro, que além se eleva magestoso no horizonte, padrão glorioso que nos fala do esforço nobre d'um punhado de bravos, que se alevantaram contra o principio da conquista, inaugurado pelo primeiro despota dos tempos modernos.

O Bussaco parece uma d'essas lapides seculares, que resistem do alto da sua invulnerabilidade ao desabamento dos imperios, e onde a mão do homem escreveu em caracteres de sangue a inscripção comprada com sacrificios generosos.

Encurtando a vista diviso a cúpula dos pinheiraes da Gafanha e as lombas d'areia, que o vento transporta ou abate. As casas pequenas afumadas dão a este paiz um caracter singular de rudeza, que agrada. Parece que o homem vive allí segregado do contacto da moderna civilisação, porque a

rotina obsta ainda alli ao ingresso dos descobrimentos devidos ao progresso da humanidade.

Mas que podem interessar-lhe todas estas bellezas, que eu aprecio, porque me agrada a singeleza do campo e os costumes do povo das nossas aldeias? Preferiria, talvez, que lhe falasse da convivencia da praia, do modo por que nós aqui vivemos em sociedade, das imagens vaporosas, que se entrevêm ao pôr do sol, quando a harmonia das espheras, como disse um philosopho, substitue a vida das povoações, e a fantazia se arremeça ao espaço, avivando em traços rápidos as feições da virgem, que nos sorriu no berço? Esperava uma narração esmaltada de peripecias, em que o inverosimil captivasse o espirito, em que a poesia fosse victoriada por dois ou tres episodios de fantastica ingenuidade?

Leio muitas vezes Ossian, o bardo do norte; enthusiasmam-me as bellezas de estylo, o colorido das imagens, a sublimidade da concepção. Cada canto é uma epepeia; cada verso rescende a mil perfumes da poesia, d'aquella poesia que respiram os bosques e os rochedos coroados de giestas da Escocia, d'esse paiz nevoento e triste, tão rico de tradições tenebrosas, cuja chronica faz arripiar as carnes do menos tímido, quando commemora os desastres que precipitaram do throno os Jacques e os Stuarts,—página de sangue escripta pela mão do carrasco nos fastos da monarchia decaida.

Se Ossian vivesse em Portugal talvez não escrevesse aquelle poema! Quem sabe! talvez o amor desgraçado d'uma nova Beatriz lhe esfolhasse as primeiras illusões do seu coração de poeta, quebrando a lyra em que modulou tão suaves hymnos. A sorte foi sempre adversa aos que vão aos jardins de Pindo colher algumas rosas! e as rosas da poesia têm tantos espinhos!

Não sou poeta, porque entre nós é só poeta o que sujeita a inspiração á rima, o que amoldura o pensamento nos estreitos limites da metrificação. Fiz versos nos primeiros annos, porque o coração precisava de esboçar 'nessas demonstrações estron-dosas, que falam do sentimento que se

aninha no peito aos dezeseite annos, quando a inexperiencia nos aconselha a fazer do público confidente dos nossos segredos de amor. Depois conheci que a tarefa era superior ás minhas forças, e risquei tudo o que tinha escripto, pezaroso de não poder fazer o mesmo aos versos, que arremessei com o orgulho da imprudencia á grande praça da publicidade.

Reservo para outra carta novas descrições. Comecei esta planeada á borda do mar, quando sorvia desopprimido o ar puro, que alli se respira; mas a execução não correspondeu, bem o sei. Que importa a pobreza da lingoagem, quando a intenção é nobre e verdadeira?

Costa Nova do Prado, Novembro.

J. E. d'ALMEIDA VILHENA

Impressões de viagem.

Meu amigo. Deixa-me conversar-te por alguns instantes para minorar a enfadonha monotonia que soffro 'neste desterro. Dirte-hei alguma cousa d'estes sitios, que, apesar de pitorescos e agradaveis, não bastam para apagar-me a sincera saudade que experimento longe dos meus.

Estou na Asenha, uma aldeia situada na margem esquerda do Mondego, a cinco leguas de Coimbra. O Mondego já aqui não corre com suas aguas dôces, com sua veia serena; as aguas são salgadas, a corrente é impetuosa; já o Atlantico o vem aqui bafejar, já aqui lhe estende os braços, em que mais abaixo o cinge com força até o sepultar em seu seio neptunino.

A Asenha, porém, não vê o Mondego; rouba-lh'o da vista um monte em que está sentada outra aldeia, Moinho de Almoxarife. Esta sim, esta vê o rio, saúda-o com a cabeça coroada de choupanas, e quasi que toca com a planta a onda fugitiva. De frente se eleva a povoação de Lares defendida por bruta penedia; e ao longe se avistam, em distancia, ao norte os muros derrocados de Montemór, ao sul a casaria de Villa Verde, e mais além o campanario da igreja de S. Julião da Figueira.

Voltando porém á Asenha, se está pri-

vada d'estas perspectivas, tem outras que bastante a aformoseiam; vêem-se serranias, por cujas encostas se penduram casinhas brancas de diversos logarejos, seáras de arroz, branquejando entre o escuro de innumeradas vallas, deliciosas ribeiras, que se ostentam verdejantes, e outras bellezas campesinas, que nos encantam a nós, pobres cidadãos condemnados a viver entre paredes, descortinando muitas vezes apenas uma nesga de verdura do alto d'alguma trapeira.

Estes contornos em nada desdizem do que descrevo. Hontem, por exemplo, fui a Pedrogão, povoação distante da Asenha um quarto de legua: a tarde estava mimosa; nuvens d'um claro cinzento interpunham-se como um véu entre o sol e a terra, e lhe mitigavam o ardor dos raios; um vento fresco e suave soprava do lado do mar.

Pedrogão é um lugar maior do que a Asenha; a entrada é espaçosa, e um pequeno nicho das almas, levantado 'numa encruzilhada e caiado com todo o esmero, ainda a torna mais pitoresca; proximo porém ás primeiras choças o caminho se torna ingreme e montanhoso até chegar a um alto, onde se eleva uma capellinha. D'aqui se estendem os olhos por um horizonte, se bem que pobre de grandezas humanas, rico comtudo de formosura natural; feracissimos olivae, excellentes varzeas de milhos, pinhaes sombrios, e lavradores e aldeãs malhando e joeirando nas eiras foram os objectos que mais nos excitaram a attenção.

A capella tem a invocação de Nossa Senhora do Pranto, cuja imagem é reputada muito milagrosa: estava fechada, mas por uma pequena janella do lado direito pude vêr umas grandes balanças que servem, segundo me disseram, para se pesarem os devotos.

Mais além se avista a aldeia de Samel, em cujo tôpo se vê uma igreja de fabrica senhoril e magestosa, parochia, como me constou, d'estes arredores.

Fallar-te-hei tambem do outeiro Picão. Este outeiro está levantado a meia legua d'aqui para o lado do sul. O nome condiz com a figura, pois, espaçoso na base, á medida que se eleva, se vae adelgaçando até terminar 'numa pequena explanada. Não é

a figura que o distingue, nem tão pouco villa ou aldeia que se lhe estenda em amphitheatro pelo dorso; o outeiro Picão é um pinhal, e um pinhal como ha muitos 'nesta terra, contendo só pinheiros, e alcatifado de tojos, cardos, urzes, trovisco, sargaço e outras plantas silvestres. Porém o panorama que se desenrolou a meus olhos, quando o subi, m'o tornam de tanto preço e amor, que alli vou amiudadas vezes. Aqui te digo os nomes das povoações que avistei.

Descortinei em frente, a oeste, auxiliado por um oculo, a aldeia de Sobral, o convento de Ceiça, a Portella, o Calvete, a Amieira, o Paião, Lavos, a Figueira, e, remate ao quadro, as aguas do oceano. Ao norte me ficava Vinha da Rainha; ao sul vi Revelles e Serro-ventoso. Lá em baixo corria, como um fio de prata, o Mondego, que se ía confundir com as aguas do mar.

Entre todas as povoações se me tornou mais notavel o convento de Ceiça, solitario e meio escondido entre as arvores, pelas recordações historicas, que se me suggeriram.

Nas aguas do Guadalete (o antigo Chrisus) se abriu a sepultura da monarchia dos godos; os filhos do deserto se assenhorearam da península e a possuiram oito seculos. A cruz foi abatida para dar lugar ao crescente; e o templo christão se tornou mesquita musulmana.

Nas Asturias, porém, appareceu bruxuleando, depois amanhecendo, e a final radiante a antiga crença e monarchia. Ao gigante derrubado não lhe cerceára o alfange inteiras as raizes, e novos rebentões floresceram, tomaram força, e se foram ainda além mar transplantar em Africa.

A monarchia, fundada por Pelagio, fóra continuada por muitos outros reis; e um d'estes, D. Ramiro, confiou a praça de Montemór a um abade de Lervão por nome D. João, muito afamado na tradição e na historia. Este se saíu fóra contra os mouros que sitiavam a sua praça, e sobre elles ganhou alta e sanguinolenta victoria pela margem esquerda do rio. A horrenda carnificina só cessou aos gritos do abade—cessa, cessa!—d'onde se ficou chamando

o sitio Cessa ou Ceiça, e ahí passou o resto de seus dias em penitente vida o mesmo abade, vindo depois a edificar no mesmo lugar um convento de frades bernardos, se não nos enganamos, o primeiro rei D. Affonso Henriques. Com a extincção das Ordens religiosas em 1834 ficou pertencendo aos bens nacionaes, e foi vendido em hasta pública. É hoje propriedade particular.

Agosto de 18...

A. A.

A MANHÃ.

Lá p'r'as bandas do Oriente

Tinge o céu aureo listrão;
Trajando purp'ra fulgente
Ergue a aurora seu clarão:
Contentes vôam as aves,
Soltando cantos suaves,
Cantos e hymnos ao sol;
E 'nessas vastas campinas
Se toucam alvas boninas
Co'os aljofres do arrebol.

De luz se inunda a floresta,
A cidade, o prado, o val;
É todo o mundo uma festa,
É tudo prazer real;
Folga o rebanho no monte;
E a pastorinha na fonte,
Corada como a romã,
Escuta o seu namorado,
Que lhe affirma requebrado
Ser mais linda que a manhã.

Da fragura d'alta serra,
Por entre o musgo do chão,
Brota do seio da terra
Espumoso borbotão:
Em corrente se desata,
E no seu crystal de prata
'Spelha o sol, a flór, o céu;
A branda aragem cicía,
E lhe encrespa a face fria
Com mil bejos que lhe deu.

Aqui esplendida rosa,
Que veste purpurea cór,
Abre a corolla mimosa

Ao matutino frescor;
Do tenro calix virente
Verte em ondas docemente
Mil perfumes pelo ar;
E as ledas brisas que a affagam
Nos perfumes se embriagam
Em continuo doudejar.

É toda cheia de encantos,
Toda formosa a manhã,
Quando ergue, banhada em prantos,
A linda fronte louçã;
É primavera do dia;
Mostra da infancia a magia
Da estrella d'alva ao brilhar;
Não tem a virgem mais pura
Maior mimo, mais cãndura,
Quando o pejo a faz corar.

1854

A. A.

O SEU RETRATO.

Foi anjo
De Deus
Caído
Dos céus,
Que á terra
Baixou.

No peito
Guardado
Seu nome
Sagrado
P'ra sempre
Ficou.

Tão louros
Cabellos,
E finos,
E bellos,
Não gosa
Ninguem;

E negros
E vivos
Uns olhos
Lascivos
É ella
Que os tem.

E via
Chorando
E o pranto
Banhando
As faces
Mimosas,

E matei
Desejos,
E dei-lhe
Mil bejos
Nos labios
De rosas.

Seu peito
De neve,
Arfando
De leve,
Seu peito
Senti.

E tremo
De medo,
E guardo
Segredo
Do resto
Que eu vi.

Seu corpo Foi anjo
Airoso De Deus
Par'cia Caído
Formoso Dos céus,
E branco Que á terra
Setim, Baixou.

Estatua?! No peito
Par'cera, Guardado
Que vida Seu nome
Tivera Sagrado
Em puro P'ra sempre
Martim. Ficou.

FIRMINO

N.º 22.º — Papão

EXPEDIENTE

Na loja da Imprensa da Universidade
compram-se os n.ºs 1, 2 e 3 dos PRELUDIOS
LITTERARIOS.

Concluindo o 1.º volume dos PRELUDIOS
LITTERARIOS com o n.º 24,—e desejando
satisfazer aos pedidos, que alguns auctores
d'escritos 'nelle publicados, nos têm dirigi-
do sobre rectificação d'erros, que escapáram
á revisão,—rogámos aos mesmos senhores,
que até o fim do corrente mez se sirvam
enviar-nos as emendas que têm a fazer, no-
tando o numero das páginas e das linhas
a que correspondem.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coim-
bra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—
livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto*—
Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu*—Sr. Fran-
cisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa*—Sr. Manuel
Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *La-
mego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr.
Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pe-
reira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira;
Faro—Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$480
Semestre	660	Semestre	780
Trimestre	360	Trimestre	420

Avulso—60 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira



Nulli flebilior quam mihi.

Hon.

É cruel ver mudo e quedo
O rosto, que outr'ora ledo
O nosso rosto fitou;
Faz desesperar da sorte
Ver fechada pela morte
A bocca, que nos fallou...

Nunca é de mais pesarmos e avaliarmos a vida que nunca pôso ou valor lhe acharemos. Gota de agua no oceano dos tempos, navio que passa desaperecebido sem deixar trilha da sua carreira, pó e sombra, a vida é um mytho indecifrável para o homem, sonho, ligeiro ou pesado, de que al fim se acorda um dia na valla d'um cemiterio; é este o escólho de todas as ambições, o porto de todos os desenganos.

Este mundo é com certeza um valle de lagrimas, que d'ellas trasborda sempre a taça: não ha um só instante que não corram, que a cada passo tomba um corpo e se abre uma campa. Se volvermos os olhos ao passado, ao primeiro momento que madrugámos na vida, procuremos aquelles que nos precederam, contemos-lhes o numero, e de tantas recordações formaremos um mundo de sombras e chimeras, que nos já pareceram realidades! Conhecemos hontem um homem, hoje vemos um cadaver, amanhã ouviremos um nome; e este mesmo, como leve fumo, se desfará depressa com o sópro dos tempos!

Em todos os logares povoados ha duas partes distinctissimas: o campo dos mortos

Dezembro—1859

e a cidade dos vivos, ou, antes, dos moribundos. Concorre esta para o constante alimento d'aquelle: sanguesuga insaciavel, a terra embebe de continuo o sangue das povoações; semelhante á giboia, attrahe inexoravel, com as fauces abertas, essa turba que ahi redemoinha, descuidosa e alegre, á restea do sol da vida, edificando sobre poeira as eternidades que sonha! E o mundo folga e ri! e o trem do faustoso roda pelas calçadas insultando sacrilego o cadaver d'aquelle, que já chamou seu pelo sangue, e seu pela amizade! Se acima das fragilidades humanas não estivesse a eterna verdade; se superior ao pó que somos não sobrelevasse o espirito, que tambem somos e que havemos de ser eternamente; se este rapido transito não fôsse mais do que tenue sombra d'uma luz perpetua e inextinguivel, sería a vida um escarneo, o mundo uma comedia, e nós actores ou comparsas em scenas de bacchanaes!

Escrevemos diante d'uma sepultura aberta, que em poucas horas se cerrará por uma eternidade. Se ha momentos solennes na vida, é quando assim nos approximámos da morte. Ao seu aspecto nunca o riso assumou aos labios, nem o rubor ás faces; e se, despiedada, nos arranca pedaços da nossa alma, quebrando mais um elo á cadeia dos nossos affectos, o traço que deixa é indelevel; é como ferida, larga e profunda, que, inda que cicatrize, conserva sempre vestigios da sua existencia, vestigios que muitas vezes gretam e gotejam sangue.

Se a morte é a unica realidade da vida, bem dolorosa para nós tem sido a prova, que de ha pouco os lutos nos têm corrido amargosos. Mas' neste ultimo é severa a lição, o desengano solemne, porque vemos

N.º 24

baixar á terra o companheiro dos brincos da infancia e das lides pacíficas do estudo,

Ami plus qu'un ami, frère de sang et d'âme.

Nós, que não temos irmãos, como tal o considerámos sempre; elle, tendo-os, não nos differenciava dos seus. Nascidos na mesma epocha, quasi que no mesmo anno, na mesma terra, na mesma rua e na mesma casa, trocámos os primeiros sorrisos, confundimos as primeiras lagrimas, unidos ençetámos os primeiros passos; condiscipulos nas primeiras escholâs e nas ultimas, estudámos juntos em longas e aturadas noites pelos mesmos livros, obtendo por fim, constantes, os mesmos resultados.

Se dolorosa não deve de ser a intempestiva e eterna separação!

Eramos como duas arvores, nascidas e desabotoadas no mesmo terreno, crescendo a par, entrelaçadas as primeiras vergon-teas; embora differentes nos fructos, como nós nas aspirações, trocando sempre os seus perfumes sem nunca se perderem de vista. O tufão derribou uma, e a outra ficou-se, quêda e triste, inclinando solitaria os ramos sôbre o tronco abatido da companheira.

FRANCISCO LOPES DE SÁ ESTEVES, ultimamente Delegado do Procurador Regio na comarca de Porto de Moz, nasceu em Coimbra a 8 d'Agosto de 1829, e falleceu na mesma cidade hoje 4 de Dezembro de 1859, pelas quatro horas da manhã.

Aqui passou tambem quasi todo o periodo que decorre entre estes dois umbraes. Dotado d'uma intelligencia pouco vulgar e de extraordinaria viveza, o seu tracto era animado, a palavra graciosa e fluente: os olhos, rasgados e scintillantes, traduziam em vivos lampejos as minimas impressões que experimentava. Era ordinaria a estatura, e a compleição robusta nunca revelára que tão cedo o colheria a morte.

Destinado desde o principio ao estudo das letras, recebeu nas escholâs d'esta cidade a instrucção e esmerada cultura que possuía, alcançando em verdes annos o formar-se em Direito, que o habilitou para a magistratura. Do muito que valia podem servir de abono os mestres que o dirigi-

ram, e os condiscipulos que o acompanharam. D'estes—afiançamol-o—nenhum haverá que não sinta dolorosa sensação e pezar verdadeiro, quando souberem a sua triste sorte. Nos bancos da Universidade, d'on-de ninguem se levantou ainda sem trazer as mais saudosas recordações, era bemquisto e festejado por todos como amigo e como irmão; pobre mancebo! dos oito conterraneos que pertencemos ao curso de 1852, foi o que nos precedeu na fatal jornada...

Concluidos os seus estudos, a vida passou-lhe quasi desapercibida até ao corrente anno. Empregado no correio d'esta cidade, de que seu pae, o Sr. Antonio Lopes de Sá Esteves, era antigo e dignissimo Administrador, alli viveu annos obscuros e in-glorios, desaproveitado em trabalhos materiaes de repartição o seu excellente ingenho, que para tanto era, e a tão alto podêra ascender. Mudára agora porém o rumo, e a sua feliz estrella parecia guial-o por prospero caminho. Em Março ultimo foi nomeiado Delegado, e logo a 16 de Julho casou no Porto com tão judiciosa escolha, que ás honrosas fadigas dos cargos publicos devia juntar o descanso na mais serena felicidade domestica.

Depressa desandou a roda! a morte ceifou-lhe logo as esperanças; e do thalamo desceu ao tumulo em tão rapido intervallo, que ainda parece um sonho a realidade! Uma constipação, a principio ligeira, mas que, exacerbada pela morte de seu pae a 27 de Agosto, degenerára 'numa phthisica laringea, o foi minando surdamente até matal-o.

«Meu caro Abilio, nos dizia elle ha bem pouco tempo, lastimando a morte do pae, minha irmã fala-me tambem no local onde estão depositadas aquellas nossas (porque tambem são tuas) sanctas reliquias. Eu queria que no novo cemiterio escolhessem um terreno, e que o comprassem para que todos nós podessemos um dia ir descansar junto áquelle sancto homem, e tão extremoso pae...»

Seriam estas palavras uma intuição prophetica do seu triste futuro?... tres mezes decorreram, e eis cumpridos os seus desejos! Pae e filho vão reunir-se no mesmo

local: a mesma mão amiga, que nos escondeu para sempre o primeiro, vae cumprir o mesmo doloroso dever para com o segundo!

'Neste instante solemne persuade mais a eloquencia das lagrimas: são ellas a unica revelação do sentimento, e não nos envergonhámos de as verter á beira d'uma sepultura. As lagrimas são o triste apanagio da natureza do homem, o sangue da nossa alma, o alimento da nossa vida: e aquelle que, cumprida a sua missão na terra, sente humedecer-lhe as cinzas as dos que mais amou na sua curta peregrinação, póde tranquillo dizer ante o soberano juiz: não me sopraste debalde o espirito da vida, que d'ella deixei mais do que um nome — uma saudade.

Coimbra, 4 de Dezembro de 1859.

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO

A HENRIQUE NUNES TEIXEIRA

Impressões d'um passelo

A memoria é o livro do homem.

Feliz elle, se ao percorrer as páginas, que lhe falam do passado, não encontra senão recordações, que, puras e consoladoras, o tornam saudoso.

E é nos momentos mais acerbos, e nas situações mais dolorosas, que o espirito se compraz em reler e soletrar esse livro, em que está escripta a historia do tempo, em que a vida lhe foi mais doce em puros contentamentos, mais risonha em illusões, e mais opulenta em esperanças. Na adversidade, quando o soffrimento é mais intimo, e a amargura trasborda do coração, a alma anceia por um lenitivo, afadiga-se em busca d'um alento, que muitas vezes só podem dar-lhe os tempos, que já lá vão. Quando as aguas se precipitam com violencia do céu, quando o vendaval ruge no espaço, e a tempestade faz ouvir seus temerosos e longos bramidos, derramando por sobre a natureza a desolação e o horror, em nublado e medonho dia d'inverno, deleita a imaginação e enche o espirito de prazer a lembrança d'ameno e delicioso dia de pri-

mavera, que Deus aformoseia com rosas, e enriquece com primores. Angustiado e triste, porque tão cedo me levaram os homens ás aras, onde se escarnece da virtude e se sacrifica a justiça a ruins e vis paixões, invoco debalde a resignação, e ella não desce sobre o meu espirito attribulado, e eu sinto-me devorado por um mudo, mas implacavel furor contra esta sociedade, que logo á entrada da vida me põe aos labios a taça de fel, que ella, madrastra crua e desamorado, dá por vezes a provar aos filhos, que menos lh'o merecem. Quando vejo o vicio campeando orgulhoso e recebendo o incenso, que lhe queimam infames thuribularios, quero conter a indignação, e não posso.

Quando vejo o proletario sem trabalho, o pobre sem pão e o desgraçado sem amparo, e tantos males, a que podia dar-se prompto e salutar remedio, dóe-me o coração; e se não crêsse em Deus, renegava da sua providencia, que parece olhar muda, fria e impassivel para as lagrimas, que ahi vertem tantos infelizes, que só vêem a luz para viverem vida saturada de padeceres, soltando um gemido e sofrendo uma agonia em cada passo, que dão desde o berço até á sepultura.

Virtude immaculada e sancta poucos a têm. Actos bons, a que preside o cálculo, ostentações vaidosas deverão chamar-se; nunca virtudes, que, quando genuinas, de mais alto remontam a sua origem, e de mais nobre principio recebem a inspiração, sendo do céu delicados e saborosos fructos, que os ares da terra envenenam, se não forem bem resguardados.

Essa corrupção, que lavra ahi na sociedade, invadindo tudo e manchando a quasi todos, não póde ser contemplada com indifferença por aquelle, que, crendo na dignidade moral do homem, e apreciando o que ella é, não perde o amor ao bem, por não vêr trilhados os seus caminhos.

Aquelle, para quem a honestidade e a moral não são palavras sem sentido, precisa d'uma força de vontade, d'uma energia e abnegação heroica, para o não empestarem os miasmas putridos e infectos, que se elevam d'essa extensa e larga valla de

miserias, chamada o mundo. Custa muito, penalisa conhecer cedo os homens, para os não amar.

Na atra e medonha cerração do futuro não brilha uma luz de esperança, que rasgue as trevas que me enlutam a alma, que na escuridade e no isolamento jaz prostrada sob o pêsso d'uma dôr, que lhe abriu chagas, para que não ha balsamos. Cheio de vida, e em verdes annos affigura-se-me que acolheria com um sorriso o anjo da morte, e que me não assaltaria o pavor ao roçarem-me as suas azas negras. Não aterra, a quem soffre, a ideia da morte, porque significa o termo do martyrio, abrindo as portas da mansão, de que só o impio se lembra com horror.

Ponhamos remate á funebre elegia; que é tempo de írmos ao idyllio, que a epigraphe promette. O dia, em que me perseguem estes lugubres pensamentos, recorda-me outro, sobre que passaram já dois annos. No meio dos espinhos, que me ferem a alma, a memoria d'esse dia é uma flor, que para mim rescenderá sempre perfumes. Decorram os annos, açoutem-na as tempestades, e ella terá sempre o mesmo viço, a mesma côr e a mesma belleza.

Era em Junho de 1856.

Eu e um leal e bom amigo ajustámos um passeio ao *Penedo da meditação*. Combinámos partir ao romper da aurora. E assim foi.

Luziam no céu os primeiros arrebóes, alegre saudação enviada á terra pelo astro do dia. As trevas começavam a luctar com os primeiros clarões, que tenues e depois mais intensos triumpharam alfim da noite, fazendo brilhar o dia em todo o seu esplendor.

Eu tive sempre o *máu gôsto* de preferir as sensações d'um passeio matutino dado á beira do mar, ou no viso d'uma serra, ás fervidas e quasi sempre frivolas commoções d'uma noite de baile. Uma paisagem rica de verdura e de flores, um raio de sol no campo, tem para mim mais valor, que os adornos faustuosos d'uma sala, mais apreço que o brilho dos cristaes, e todo o entusiasmo ruidoso e fascinante d'uma festa, onde ha mulheres formosas.

Uma manhã de primavera no nosso paiz é um espectáculo, que encanta os olhos, e commove a alma. A natureza é um vasto e magnifico festim, a que não faltam nem galas, nem graças, nem harmonias, nem grandes impressões.

Em cada palmo de terra ha então um tapete, em cada arvore um cantor, e em cada planta um perfume, e em tudo bellezas. O meu companheiro pensava do mesmo modo, que eu. Pelo caminho entreteve-me com a recitação d'alguns trechos dos poetas do Norte, que elle lê e estuda, e segue de preferencia como modelos. Chegámos alfim ao termo do passeio. Estavamos no Penedo da meditação. Tinham-se sumido as nevoas, que primeiro enturvavam o céu, que fazia lembrar o do Oriente, tão puro e limpido era elle então. O sol levantava-se no horisonte inflammado como um globo de fogo. A tocha accessa pela mão do Senhor allumiava a amplidão do templo dado ao homem, para a prece e para a adoração. Não pude ter mão em mim, e acordei os eccos das collinas, fazendo ouvir um brado d'entusiasmo tão alto, tão vibrante e prolongado, que causou admiração no meu amigo, que até alli me víra frio e distrahido. Fui sempre assim. Uma musica harmoniosa, um lance de sentimento, um quadro, em que o artista realisára um grande pensamento, ou uma nobre inspiração, arrebatam-me, transfigura-me a tal ponto, que a admiração arranca-me palavras, exclamações subitas, espontaneas e apaixonadas.

Ouvindo as harmonias da orchestra da creação, com a face molhada pelo orvalho da manhã e os cabellos docemente acariciados por uma brisa do norte, sentia dilatar-se-me o peito, parecia-me que tinha mais vida no coração, e que o sangue circulava com mais rapidez. Em pé sobre a enorme penha, que se pendura sobre o valle, que fica lá tão fundo, olhava extatico para esta scena tão rica de colorido, e tão surpreendente de maravilhas.

O lugar, pelo retirado, pelo solitario, convida realmente o espirito á meditação. A hora, o pitoresco e a magestade do quadro, a variedade de sensações, que expe-

rimentava exerciam no espirito um influxo melancolico, mas aprasivel, que elle accetava sem custo. As grandes ideias, que então me acudiram ao espirito, não póde trasladal-as a palavra, que jámais póde reproduzir o que ha de mais intimo e mais ideal no homem. Ha coisas, que se sentem mas que é impossivel exprimir: é um pensamento, que apesar de trivial, encerra uma rigorosa verdade.

O que pensei e senti, Deus o sabe: eu só guardo uma incerta e confusa memoria. A natureza, enfeitada com as mais donairosas graças e cheia de magnificencia, elevava a intelligencia mais mediocre, e inspirava a alma mais prosaica.

Quem não seria poeta em tal hora, e aos vinte annos? Quem não sentiria a manhã da vida cheia de pureza, de imagens e de harmonias, como a manhã do dia?

O meu companheiro estava mudo e triste. O meu genio folgazão, alegre e turbulento fazia um singular contraste com a sua melancolia habitual, que então era maior. Quem sabe se essa alegria festival, que o cercava, não era um impio e ultrajante sarcasmo ás dores que o ralavam, ou á desgraça, que lhe ulcerára a alma? Quem sabe se elle diria comsigo:— a natureza ri, e eu choro... talvez que um raio d'este sol, atravessando a grade d'um carcere, leve uma esperança á alma do condemnado; e eu, que sinto esse sol bater-me na frente e aquecer-m'a, eu que gozo de liberdade, trocára a minha sorte pela d'esse desgraçado, por quem espera talvez a mão do carrasco!... Eu que vejo no mundo torrentes de luz, e em tudo um paraíso, só vejo em mim trevas e torturas!...

Uma lagrima, que vi descer-lhe dos olhos, e que devia queimar-lhe a face, revelou-me que havia allí uma grande dor, que eu logo adivinhei, que depois respeitei com o silencio, e que não quiz exacerbar com uma palavra indiscreta.

E realmente a vida do mancebo era tormentosa e sombria.

Mas a alma em vez de cair no atrophiamiento, tinha ganhado mais energia, tinha-se retemperado passando pelo cadinho da adversidade. É superior aquelle homem,

que saíu triumphante de luctas, em que não é raro ficarem vencidos os mais fortes. Quem olhar para seu rosto velado sempre de escura tristeza, convence-se logo, que o tem regado muito pranto e que crueis agnias lhe tem rasgado o coração. O corisco, que cai sóbre o tronco da arvore robusta, lá deixa feridas, que attestarão sempre a a sua mortifera passagem.

O *Judeu errante* não é uma ficção; ha homens, que trazem entalhada na frente a chronica lutuosa da sua vida. O meu amigo era d'esses. A.

(Continúa)

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado do n.º 23 — conclusão)

A partida

Menina e moça me levaram...
BERNARDIM RIBEIRO.

XV

Era o alvorecer do dia 21 de maio de 1852. Bello e risonho surgira elle, como todos os dias de primavera. O céu matisava-se com as brilhantes tintas da aurora; o sol principiava a dilatar seu universal imperio sobre a terra, que d'aljofares e boninas se adornava para recebê-lo.

Parecia que debaixo d'um céu tão puro, d'um sol tão lindo não poderiam sentir-se senão prazeres e felicidade; e todavia não era assim! É que por mais puro que seja o céu, por mais brilhante, que se ostente o sol, no coração de muitos apenas mora a desventura! É que em volta de muitos entes, desgraçados na terra, apenas se estendem tenebrosas sombras, medonhas nuvens, e o céu que os cobre é tempestuoso, carregado e triste, como o seu perpassar 'nesta vida! É que os raios do sol recuam e se escondem por detraz de nevoeiro espesso d'um viver de magoas e desventuras!

Na habitação de Castro a desolação, a tristeza, o pranto penetraram com os primeiros raios do sol. Parecia o começar d'um dia, d'esses tristes, bem tristes como os não ha mais, em que d'um ente, que

muito amáramos na terra, d'uma pessoa querida, apenas resta o cadaver involto em mortuarios crepés, alumado pelo bruxear melancolico e fatidico dos brandões funereos, imagem imperfeita da alma, que voou... sabe Deus para onde!

Não, a morte não havia em seu rápido vôo sacudido suas negrejantes azas sôbre aquella habitação, não; não era a scena desoladora e pungente da morte com seu lugubre aparato, que espalhava assim a angustia na morada de Castro: era a separação, era a ausencia, imagem da morte.

Era um grupo magestoso e pathetico, sentimental e bello, digno do pincel de Rubens!

O velho soldado, com os olhos inundados de lagrimas, com as mãos levantadas para o céu, derramava a sua benção, quasi paternal, sôbre Adelaide, que se partia: esta, de joelhos, procurava beijar a mão de seu protector e amigo, de seu pae; sim, porque ella não havia conhecido outro 'neste mundo. Rosinha, abraçada ao pescoço de sua amiga, soluçava, inundando-a com suas lagrimas. A um canto da sala o velho padre reitor com os olhos pregados 'num cruxifixo, meditava... Deus sabe em que.

Houve alguns momentos de silencio, silencio tetrico e absoluto; máis expressivo porém do que linguagem alguma... Ouviu-se um eccoar pelo aposento, um adeus prolongado, doloroso, dilacerante... Depois o rodar d'uma sege, que esturgiu nos ouvidos dos que se ficavam, como o dobre a finados, que annuncia a caminhada para o cemiterio!...

Adelaide era conduzida ao seio de quem muito a amava e se interessava pela sua felicidade. Que será d'ella?.....

Aqui terminam as primeiras páginas, prologo, introdução, ou o que melhor lhe queiraes chamar, meus bons e pacientes leitores, d'um romance, que uma historia verdadeira me inspirou: quando hei de escrevel-o, não sei. Encontro tantos estorvos! Tenho tanto que dar a fazer á razão, que me não posso entregar a trabalhos de sentimentos e de imaginar, não fabuloso, que fabulas não são romances; prin-

cipalmente hoje, em que a realidade e a natureza devem ser o molde para creações d'este genero.

Confesso que o prologo é extenso, desmesurado, fastioso, massador, se melhor o quereis; tudo porém quanto vos disse terá sua explicação e prende intimamente com o romance, ou veridica historia, reduzida a romanticas fórmãs, que tenciono escrever. Não permittís que o escriptor se ensáe? pois bem, é um ensaio, que eu quiz fazer; talvez que o romance vos agrade mais. Tanto melhor.

Os prazeres da vida innocente do lavrador; os alarmes e perturbações politicas, que quasi sempre arrastam a ruina e a desolação das familias; o luxo, os prazeres e festins; os galanteios e ostentações das grandes cidades; a aridez da philosophia, tão barbara e tyranna no seu imperio, tão pretenciosa e ridicula nas suas aspirações estolidas e vaidosas, e de tudo, encontrareis uma imagem viva no meu romance; são dados d'um problema, que este ha de resolver.

Chamar-lhe-hei — *Os Mystérios da vida.*

Talvez vos pareça um pouco pretenciosa a denominação. O titulo pouco importa. Tem apenas o ridiculo d'um *parturient montes*. *Mystérios de Paris*, *Mystérios do povo*, *Mystérios de Lisboa*, *Mystérios da vida*, tudo são *mystérios*. E quantos não ha, e passam ignorados 'neste mundo?! Em quantos recifes não embate a nossa existencia, vagando errante no procelloso mar do viver da terra. Quantas esperanças nascem e morrem com o surgir e declinar do dia, como as flores desabrocham e pendem ao romper da aurora e ao cahir das sombras!

Risos da infancia, sonhos fagueiros da adolescencia, pureza e encantos dos primeiros amores, delicias da amizade, que de *mystérios* não encerraes?!

Como é que o prazer se troca em dôr: o riso em pranto, o gozar no soffrer, até que a vida se perde na eternidade do nada, além d'um nome gravado na cruz do cemiterio, e ao pé um cypreste, que a assombra?!...

Perguntai-o a Deus.

E. GARCIA

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

Senhora D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

(Continuado do numero 22)

III

Angela viu-os depois conversar; porém conservou-se a alguma distancia: conhecendo sua humilde posição, não queria que seu amigo se envergonhasse da intimidade, em que viviam.

Fernando começára por dirigir alguns cumprimentos a Carolina e a seu pae, que lhe corresponderam com a maior affabilidade; depois fixou toda sua attenção sobre esta joven, cujo aspecto encantador acabava de o impressionar d'um modo estranho: seu traje elegante recordava-lhe as senhoras da corte; seus ricos enfeites o deslumbravam; em uma palavra, os olhos de Fernando não podiam desviar-se d'ella, observando-a com particular obstinação.

E todavia Carolina supportava este olhar sem mudar de côr e com um gracioso sorriso.

Pouco a pouco a conversação se tornou mais animada entre os dois jovens; e as flores que Fernando destinára para Angela, e que conservava ainda em seu poder, passaram, não sabemos como, para as mãos de Carolina, que toda orgulhosa as recebeu, collocando-as logo no peito com feitiçeira coqueteria.

Quando os recém-chegados empreenderam de novo seu caminho, ou fôsse por um movimento natural de cortezania, ou por outro qualquer motivo, Fernando os seguiu, manifestando-lhes ao mesmo tempo o desejo, que tinha, de os acompanhar a sua casa, desejo a que ambos accederam facilmente, pois que tanto o Sr. de Campo Real, como a bella Carolina viam no filho do marquez um vantajoso e brilhante partido.

Os tres personagens, de que nos occupamos, seguiram pelo mesmo caminho, em que Angela, quasi occulta entre os ramos, os estivera observando. A saia de seda da

elegante *Senhorita* roçou pelo vestido de chita da tímida joven, que só então poude ver suas rosas collocadas no meio das finissimas rendas, que enfeitavam aquelle trajó riquissimo.

Fernando, ou ignorava a existencia da joven 'naquelle logar, ou não quiz olhar para ella; talvez se houvesse envergonhado de a saudar diante das pessoas, que acompanhava: Carolina nem se dignou sequer reparar 'naquelle pobre creança, que tão innocentemente se entretinha brincando com o cão e com as flores; quanto ao ancião, tão embebido ia em sua conversação, que de certo bem podiam passar a seu lado todas as raparigas da aldeia, sem que de tal se apercebesse.

Quando se achavam já a alguma distancia, Angela avançou um pouco e foi collocar-se sobre uma grande pedra, para os ver desaparecer; e quando de todo os perdeu de vista, um vago sentimento de tristeza lhe anuveou a alma, não sabendo explicar, se o que a mortificava era ver que Fernando se affastava, deixando-a completamente esquecida, ou a perda de suas flores, que outra levava no peito. Duas lagrimas puras, como duas gótas d'orvalho, se deslisaram por suas faces, mais frescas, mais bellas ainda, do que as rosas por que chorava. E a innocente joven nem pensou em enxugar-as com a ponta de seu pequeno avental: e assim teria permanecido por muito tempo, immovel e só, se a mão trémula do mendigo se não apoiasse em seu hombro, e sua voz pausada e debil lhe não fizesse ouvir estas palavras:

—¿ Porque choras, minha filha?

—¡ Ah! tio Pedro, exclamou ella, com toda effusão de sua candidez, reconhecendo o recém-chegado, choro porque Fernando acaba de partir d'aqui com essa joven tão bella...

—¿ E é isso que te entristece?

—¿ A mim? não... ¿ porque?

Não queria dizer tal... choro... não sei porque...

O tio Pedro, que amava Angela com inexplicavel ternura, e que não cessára de olhar por ella desde o dia, em que, aproximando-os o acaso, poude apreciar os excellen-

tes dotes de sua alma tão terna e tão pura, tomou entre suas callosas e tostadas mãos a branca e delicada fronte de Angela, e olhando-a com ternura, lhe falou assim:

— Eu não quero que chores, minha filha. ¿Porventura envejas os ricos vestidos d'essa joven?

¿Quizeras possuir os brilhantes alfinetes, que prendem suas tranças? Se assim é— lembra-te do que tu mesma me disseste um dia; lembra-te de que a Virgem te estimará mais em tua pobreza; lembra-te ainda de que, não te conformando com ella, affliges tua mãe, que desde o céu te observa.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas pelo ancião com voz trémula; em quanto que pela face lhe rolava uma lagrima, que seus inundados olhos não puderam conter.

— Enganais-vos, tio Pedro, lhe contestou Angela; eu não invejo suas galas; e julgo mesmo que Fernando fez bem em a acompanhar... de certo, é melhor que acompanhe uma joven rica e coberta de sedas, do que uma rapariga obscura e pobremente vestida. Não, não julgueis que me sinto offendida; é verdade que fico toda satisfeita, quando Fernando algumas vezes me fala; e até me julgo muito feliz, quando estou a seu lado; porém bem conheço, que elle se deve envergonhar de minha amizade.

Havia um tal fundo de verdade n'estas palavras, que o bom velho se sentiu commovido; e olhando para a joven com enthusiasmo lhe disse:

— E quem ha que de ti se envergonhe, anjo de Deus, mais rica de virtudes, de perfeições do que a mais nobre senhora do mundo? Porém vai, minha filha, vai para casa, que tua ausencia deve ter enchido de cuidados a pobre Joanna.

— ¡Ah! tio Pedro, que bom que sois! Sim, vou já voltar para casa; mas, esquecia-me... não digais a minha mãe, que chorei; se o viesse a saber soffreria tanto...; e eu não quero causar-lhe um só pesar. Adeus.

Angela affastou-se vagarosamente do ancião. Quando este a viu partir exclamou, soltando um suspiro:

— ¡Tão formosa como sua mãe! tão boa como ella, pobre Magdalena! ¡Oh! é pre-

ciso que eu cuide de sua desgraçada filha!
E o ancião dirigiu-se para a aldeia, com os olhos arrasados de lagrimas.

(Continúa)

EPISTOLOGRAPHIA

Meu caro Abilio:

Não sei que horas são: mas a noite vae alta. Acabo neste instante de chegar a casa, depois d'um dia inteiro de satisfação completa, que fica marcando na minha vida mais uma *data*, e das mais intimas e mimosas.

Foi para mim um dia d'esses que nunca mais esquecem, porque revivem na memoria sempre que precisamos adoçar amarguras ou animar desconsoles: e isto é o mais da vida.

Não lhe faço narração do que passei por longo e fastiento talvez: mas dir-lhe-hei bastante para avaliar o que sentiria.

Represente-se o meu amigo no cimo d'uma serra elevadissima, a olhar em toda a volta outras serras mais pequenas, como pintainhos adormecidos ao pé da mãe; depois, a alongar a vista por extenso valle d'um variadissimo matiz, desde o verde-negro da oliveira até ao esbranquiçado do castanheiro; aqui penedias, alli regatos, mais além campos de searas a ondear; lá no fundo, mas muito longe, a cordilheira da Louzã a topetar com as nuvens, depois, em sucusco, a do Espinhal, sobresaído no primeiro plano d'esse quadro escuro a linda povoação de Sernache, com suas casas muito caiadas, com suas torres muito elegantes; d'outro lado os alcantis profundissimos por onde foge o Zezere, parecendo espada refulgente a rasgar as montanhas; e abi tem o meu amigo o theatro onde passei oito horas de muito gozar, mas gozar puro e elevado, intimo e profundo, como não é para encontrar-se no ruido doidejante dos salões.

Chama-se a *Serra da Magdalena*, e dista d'aqui meia legua.

A companhia era escolhida das primeiras familias d'estes sitios, e alli tinhamos

ido assistir a uma festa de S.^{ta} Maria Magdalena, cuja capella domina e dá nome á serra.

O que porém me realçou o valor d'este dia foi a circumstancia fatidica, se se não quizer dizer providencial, de ter-se dado tal reunião, e em tal lugar, exactamente no dia que eu destinava para a minha despedida d'esta boa terra, onde comecei a viver vida propria, e onde tenho sido tractado com deferencia superior a toda a expressão, já não digo a merecimentos.

Alli a magestade da natureza casava-se com a grandeza do meu sentimento 'naquella occasião.

Despedi-me effectivamente e não me pejo de confessar-lhe, que me senti commovido como não tenho memoria.

Mais vezes lhe tenho dito, e não cansarei de repetir, que vim encontrar 'nestas invias serranias principios de educação elevadissimos, debaixo de apparencia singelissima, e uma pureza de sentir e pensar, como não suppunha haver ainda 'neste seculo *illustrado*.

Ha por aqui ainda dos bons portugaes velhos, que só têm por defeito demasiada boa fé, e que falam inda agora em honra e probidade, como se não fóssem coisas, que passaram com o seu tempo.

As mulheres são simplices como a innocencia, e recatadas como o pudor. Agrestes me pareceram, quando mal as conhecia, e para hoje as avaliar um poucachinho ha dez mezes que as tenho estudado. Faltam-lhes as exterioridades arrebicadas da civilisação urbana, e é mistér ir procurar o seu valor real ao fundo escuro onde o tem escondido a sua muita modestia. E o que lhe dobra o merecimento é o não saberem que o têm.

Em geral o caracter d'esta gente é affavel e obsequiador, e em especial para mim abriram-me uma divida de gratidão, que não bastam a pagar as immensas saudades que d'aqui levo.

Sernache de Bom Jardim fica sendo no meu passado um sonho de ventura, e no futuro uma estrella de esperança.

Parto amanhã, ou além.

Que Deus lhes dê por cá tantos gozos e

alegrias, como de tristezas eu tenho por me ausentar!

Até breve.

Sernache do Bom-Jardim, 31 de Julho de 1859.

J. SIMÕES FERREIRA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Convencidos de que faremos sempre um bom serviço á Academia publicando em nosso jornal todos os documentos, que mais directamente possam attestar a importancia, dignidade e progresso das coisas da Universidade, d'onde ella recebe todo gráo de instrucção, que póde dar-lhe accesso ás maiores dignidades do Estado, por um trabalho proveitoso e uma virtude nunca interrompida,—sentimos a mais viva satisfação em começar hoje esta pequena tarefa, transcrevendo, com a devida venia, do *Conimbricense* o seguinte discurso, que é tão rico de nobres pensamentos, de estímulos tão nobres, que se não póde lêr sem sentir-se profundamente commovido, nem estudar sem o seguir desde logo como norma do mais elevado procedimento—tanto na vida publica, como na particular.

V. DA SILVEIRA

DISCURSO DO EX.^{mo} CONSELHEIRO REITOR DA UNIVERSIDADE

Pronunciado por occasião da distribuição dos diplomas de premios conferidos aos estudantes das diferentes faculdades.

O acto, que hoje solemnisámos, por mais repetido que seja, ha de sempre despertar a mais viva commoção nos corações sensíveis, que o presenciarem. Simples e singelo, como é, e como devem ser todos os d'uma corporação scientifica, o pensamento, que 'nelle domina, é tão elevado, que desperta a intelligencia, toca a imaginação e commove o coração: é—a festa das familias, é a victoria da juventude, é o triumpho do genio coroado pelo Estado; e o genio, Senhores, é o soberano do mundo.

O raio, que na mão de Jupiter, derribava soberbos castellos e altas torres, sub-

misso á voz do genio, vai somir-se nos abysmos; fiel mensageiro do pensamenro, vai ligeiro, como elle, levar os seus segredos aos confins da terra; e os mares, que pareciam separar eternamente dois mundos, acolhem em seu seio a cadeia, que os liga como irmãos.

Guiada pelo genio, a elasticidade do vapor conduz, em onze dias, alem do Athlantico, alterosas náus, que levavam annos a vencel-o; transporta num momento aos campos da batalha aguerridos exercitos, que arrancam ao inimigo a victoria que cantava como certa; e, avisinhandó povos, que mal se conheciam pelo nome, faz de todos elles um só povo.

Rasgando as entranhas da terra, o genio faz brotar do seio d'ella jorros d'agua, que formam amenos jardins nos areaes do Egypto; e, desprendendo o gaz, que alumia praças e ruas, torna a noite rival do dia.

Cançado das infidelidades do lapis e do pincel, o pintor obriga a luz a exercer a sua arte; e, quasi sem trabalho, deixa a perder de vista as obras, que a antiguidade admirou, como primores d'ella.

Se, pois, essa antiguidade, que nem viu, nem sonhou as maravilhas do genio, que nós vemos e apalpâmos, assim mesmo lhe prestou culto, e levantou estatuas com os nomes de Apolo e de Minerva, devemos nós, não só tecer-lhe corôas e conferir-lhe premios; senão tambem levantar-lhe altares e adoral-o, como uma faisca da Divindade. É o genio, que, pondo-nos em contacto com esta, surprehende os seus segredos; e, submettendo as forças da natureza ao imperio do homem, faz que, sendo pelo corpo o animal mais fraco, se torne pelo espirito o rei do universo.

Portanto, Senhores, a escolha não é duvidosa. Lisongear o corpo com sensualidades e vícios — é degradar o homem á condição dos brutos: cultivar o espirito com o estudo e com o trabalho — é elevá-lo á alteza da Divindade.

Cultivae pois o vosso, illustres mancebos, com todas as forças do vosso coração: prestaes culto ao genio, offerecendo-lhe o estudo, o trabalho e as vigílias, que são o tributo, que elle aceita mais benigno e que

retribue com mão larga e generosa. Aproveitae o templo e os sacerdotes, que a Universidade vos offerece para esse culto. É nella que seapura o sangue mais nobre, que tem de correr nas veias da nova geração; e a esta pertence o futuro da patria.

Para nós, que temos vivido sempre envoltos em revoluções e guerras civis, tem sido sómente as dores: para a nova geração será o fructo, se o souber colher com mão cautellosa. — Nós, para conseguir a liberdade, tivemos d'affrontar a sanha temerosa do despotismo; a nova geração, para a conservar, basta que saiba evitar os baixios da anarchia. — Nós, para debellar o despotismo, tivemos d'exagerar os principios da liberdade; porque um gigante só com outro gigante se combate; á nova geração pertence moderar-os e conduzir a náu do Estado a porto seguro com o leme da razão e da justiça. — Nós colhemos corôas de carvalho, ou antes de ferro, em luctas fraticidas; á nova geração pertence colher-as de louro e d'oliveira nos gloriosos combates de Themis e de Minerva.

Felizmente, á frente d'esta geração está um Rei moço, e seus Augustos Irmãos, que, educados, como os filhos de D. João I, no sancto temor de Deus e amor da patria, por uma Mãe extremosa e illustrada, podem, como elles, levar a briosa nação portugueza a occupar o logar, que lhe pertence entre as mais civilisadas da Europa. Acompanhae-os, illustres mancebos, nesta nobre empreza; mas procuraes tornar-vos dignos d'elles e d'ella com o estudo e com o trabalho.

Os estudos litterarios e scientificos não só desenvolvem o espirito do homem; senão tambem formam o seu coração, o qual, no decurso da vida, ainda tem maior influencia nos nossos destinos, do que o proprio talento. É no commercio e na lição dos grandes escriptores, que se adquire o amor ás grandes coisas; porque a nossa alma não póde deixar de se inclinar ás virtudes, que lê e admira.

D'ahi vem a resignação heroica, com que o sabio, no meio das tempestades da vida, espera dias mais serenos, sem desanimação nem impaciencia; e, chegados

elles, toma as rédeas á prosperidade; que é grande sizo, diz o nosso Fr. Luiz de Sousa, *não largar velas ao vento dos bons successos*. Dimana da mesma fonte a nobre generosidade, com que, no meio dos odios e furores dos partidos politicos, estende mão bemfazeja ao proprio inimigo, que jurára beber-lhe o sangue e cavar-lhe a sepultura.

Desconfiae, pois, illustres mancebos, da impaciencia d'aquelles, que, querendo ser livres e emancipados antes de tempo, em logar de passarem pelos degrãos d'uma iniciação longa e severa, deixam o remanso, consagrado ao estudo e ás lettras, para se lançarem, inermes e despercebidos, nas encapelladas ondas da vida publica. Mal sabem elles, que essa vida, que tanto os seduz de longe, é um campo, onde nada se consegue sem combate; e o combate sómente é favoravel áquelle, que se tem fortalecido com o exercicio e com o trabalho.

Entram na vida publica sem instrucção solida, sem principios firmes e, o que é peor, sem costumes, sem moral e sem religião; e não podendo fazer fortuna por meios legítimos, confiam a sua sorte ás intrigas da politica, aos mexericos e calumnias d'uma imprensa licenciosa e desaforada, e ao asar das revoluções e da anarchia!

Este é o flagello maior da nossa idade: é o escolho mais perigoso para a inexperiencia da juventude. Acautelae-vos d'elle, illustres mancebos, com o desengano de que, assim como cada estação do anno tem o seu trabalho, assim tambem cada época da vida tem a sua tarefa. O que a influencia semeia, cultiva-o a juventude e colhe-o a virtude. Quem quer colher o fructo antes do tempo, sae-lhe pêco e gorado.

Não descanceis á sombra dos louros com que ides ser coroados; porque a gloria adquirida deve ser o fiador da que se ha de adquirir: e a vossa é tão brilhante, que não pôde deixar de vos despertar em cada condiscipulo um émulo e um contendor. A amizade de condiscipulo é intima como a de irmão: é a communhão do trabalho e do successo, do prazer e da dôr, da alegria e da tristeza, do desafogo dos pensamentos mais reservados e dos sentimentos mais

intimos da alma; mas não exclue a emulação, que não é, como a inveja, um sentimento baixo e vil: é nobre e elevado; e por isso nunca morre nas almas bem formadas.

Eu julgaria faltar ao meu dever se deixasse passar esta occasião tão solemne, sem dar um testemunho público do exemplar comportamento, com que a mocidade academica se tem conduzido no corrente anno lectivo. Parecerei talvez encarecido, e que quero tirar d'aqui gloria para mim; porém os factos falam tão alto, que me hão de justificar. O decóro, a boa ordem, a tranquillidade e socego, que tem reinado, tanto na Universidade como fóra d'ella, não é obra minha, que não posso tanto; nem da policia academica, que é nulla; mas é effeito espontaneo e livre dos briosos sentimentos da mocidade academica, e das lições e bons conselhos, com que seus mestres a sabem guiar no caminho da honra e das lettras. Apenas tem havido leves faltas; mas, tendo sido applicada a umas a reprehensão, a outras a detenção, são os mesmos penitenciados, que se vão offerecer á penitencia, recebendo-a com tanta docilidade e contricção, que me obrigam a modificar-a com o louvor. Tenho visto correr muita lagrima de arrependimento e muito gemido de dôr. Não sou eu que os commovo a elles; são elles que me commovem a mim!

É preciso tractar de perto a mocidade para conhecer quanto ha de bom, de moral e de generoso no fundo do coração do homem; e quanto é nobre e elevado o encargo de o conduzir, pela cultura do espirito, ao fim que Deus lhe tem destinado. No meio da maior corrupção dos povos e das nações, sempre a voz da consciencia humana tem bradado, que o mal não é sem remedio. As gerações passam e renovam-se sem cessar: regeneral-as pela educação e instrucção da mocidade, é o meio mais seguro de atalhar o contagio e evitar a ruina que traz consigo.

Em quanto, pois, sobre a terra existir uma creatura formada á imagem de Deus, e inspirada por aquelle fogo divino, com que pôde comprehender o presente, o pas-

sado e o futuro, profundar as entranhas da terra e abalançar-se ao céu, observar a mimosa flor que vive um dia, o sol e os astros, que affrontam os seculos,— a educação e a instrução, que produz estas maravilhas e regenera a humanidade, não póde deixar de ser considerada como uma obra divina e um sacerdocio.

Continuai pois, illustres e sabios professores, na honrosa tarefa de que estaes encarregados. A vossa missão não é uma especulação de interesses materiaes, que produzam a riqueza e opulencia: é a cultura dos intellectuaes, moraes e religiosos, que produz a sciencia e a virtude, as quaes são o que ha de mais respeitavel sobre a terra e de mais estimado no céu: é um verdadeiro apostolado; e por isso merece bem a pena da abnegação do proprio interesse e d'uma dedicação corajosa e resoluta, que nunca falta nos homens, que, como vós, se têm sabido elevar, pela sciencia, acima do lodo da terra.

E vós, inclitos mancebos, continuae na carreira, que com tão felizes auspicios tendes encetado. Aproveitae as lições de vossos mestres, que trabalham noite e dia para vos aplanar o caminho das letras e das sciencias.— Aproveitae o exemplo do venerando Prelado, que se dignou honrar a nossa festa com a sua presença. Filho querido e agradecido da Universidade, elevado ao fastigio do sacerdocio pelo seu merecimento e virtudes, ainda hoje se compraz em vir sentar-se no meio d'aquelles que sempre o estimaram como collega e amigo, respeitaram como Prelado, e hoje veneram e reverenceiam como pastor vigilante e pae amoroso.

Aproveitae, finalmente, os meus conselhos, que são de amigo, mas amigo sincero, que não sabe lisongear paixões, nem contemporisar com os vicios. A educação e instrução da mocidade tem sido em toda a minha vida o principal objecto dos meus cuidados e afeições; e o meu coração, apesar dos annos, ainda não envelheceu para ella. Mas desejo que, além de instruída, seja moralisada e religiosa, porque sómente assim poderá satisfazer o elevado fim, para que Deus e a patria a tem destinada.

Desejo que, saindo da Universidade, em logar de levar nos diplomas, que a hão de acompanhar, uma illusão para ella e para o publico, leve um testemunho solemne e um penhor seguro da intelligencia, do zêlo e da probidade, com que ha de desempenhar os empregos, que lhe forem confiados, sustentando na Egreja o culto d'uma religião sancta e pura, no Fôro, o imperio da lei e da justiça, na Imprensa, uma censura modesta, imparcial e illustrada, na Tribuna sagrada, a linguagem da verdade, na parlamentar, uma eloquencia rigorosa e repassada do amor da patria e da humanidade.

Taes são os fervorosos votos, que elevo ao céu do fundo d'alma. Praza a Deus, que não sejam um sonho, mas uma realidade; porque assim pagareis a vossos paes os disvêlos, que empregam na vossa educação e instrução, a mim os cuidados que ella me merece, e á patria os sacrificios, que faz para alcançar em vós filhos benemeritos, e cidadãos probos e illustrados.

Disse.

Estava já composto o discurso, que deixámos publicado, quando chegou ao nosso conhecimento a existencia da seguinte portaria do governo:

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO, ETC.

Foi presente a Sua Magestade El-Rei o officio do Conselheiro Reitor da Universidade de Coimbra, de 11 do corrente, dando conta da solemnidade, com que na sala grande dos actos da mesma Universidade fôra celebrada a distribuição dos premios aos mais distinctos e benemeritos alumnos de todas as Faculdades academicas, com assistencia do corpo cathedratico, do Prelado diocesano e mais auctoridades; acompanhando aquelle officio a copia do discurso, que por esta occasião o mencionado Reitor recitára.

E o mesmo Augusto Senhor viu com muita satisfação no honroso testemunho prestado pelo Conselheiro Reitor da Universidade a todo o corpo academico, neste

solemne acto, um novo documento do esmerado empenho, com que os Lentes e alumnos da Universidade procuram corresponder dignamente ao elevado fim d'uma instituição scientifica, que em todas as epochas tem prestado á cultura das lettras e das sciencias relevantes serviços.

Sua Magestade compraz-se tambem de reconhecer quanto ha concorrido para a boa ordem e regularidade, que se observa no serviço academico, a maneira judiciosa com que o Prelado da Universidade entende na sua administração economica e scientifica.

O que assim se lhe participa para sua satisfação.

Paço das Necessidades, em 13 de Dezembro de 1859.— *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.*

RESPOSTA

Que o auctor deu a uma senhora que lhe mandára tres abraços de videira atados por uma fita verde.

Dizem que o verde é esp'rança;
Se me obrigas a esp'rar,
Espero que os tres abraços,
Que estes vêm symbolisar,
Quando eu fôr agradecel-os
Não duvides em m'os dar.

E desde já me confesso
De todos tres devedor;
Mas como eu nunca desejo
A ruina do meu crédor,
Dou-te mais nove de juro
E estes versos em penhor.

24 de Maio

A. S.

A NUVEM

Linda nuvem tão córada,
Onde vaes apressurada?
Onde vaes?— Foges de mim?
Sem temor, entregue á sorte,
Ao sabor vagas do norte?...
Onde vaes, dize-me, assim?

Irás saudar outras gentes,
Andar climas diferentes,
Que te faltavam por ver?
Irás p'ra nunca voltares?
Irás votada aos azares,
Que lá te façam morrer?

Irás subir ás estrellas?
Quererás de perto vel-as?
Quererás esp'rar o sol?
Irá errar pelo mundo,
Sempre, sempre vagabundo,
Este vermelho arrebol?

Saudosa esperas a lua,
Para a face velar sua,
Seu meigo, frouxo luar?
Estás por ir anciosa,
Ver os céus, onde se goza,
Divino, eterno folgar?

Vaes a rorejar as flores,
A escutar seus amores,
Abaixar d'azul dos céus?
Ou como fumo d'incenso,
Vaes ganhando o espaço immenso,
Direita ao throno de Deos?

Linda nuvem tão córada,
Onde vaes apressurada?
Onde vaes?— Foges de mim?
Sempre perdida nos ares,
Correr sempre, não parares,
É tua vida, teu fim.

A. SARAIVA

NA TRISTEZA UMA ESPERANÇA

A tarde quando, ao pôr do sol, nos bosques
Das aves cessa o encantador trinar,
E a luz incerta do fugaz crepusculo
Vem de tristeza o coração toldar,

Vendo na selva esmorecer, calar-se,
O alegre canto, que inda ha pouco ouvi,
Sinto em meu peito saudade immensa,
E fico tétrico a pensar em ti...

É que essa luz, que se escondeu no oceaso,
É que esses cantos, que morrendo vão,
Trazem-me á ideia tua curta vida,
E o pranto as faces me borrija então.

Depois das noites o saudoso facho
Vem sobre os campos seu clarão lançar;
E escuto ao longe, no mais grato enlevo,
À noite um hymno o rouxinol cantar.

Ouvindo as vozes da nocturna ave
Surgir do val, que emmudecido cri,
Sinto em meu peito um repentino allivio,
E volvo placido a pensar em ti.

É que essa luz, que rarefaz as trevas,
É que esses cantos, que tão meigos são,
Trazem-me a ideia d'uma outra vida,
E sinto a esp'rança, que renasce então.

E. DE BARROS

EXPEDIENTE

Posto que tenhamos de augmentar as despesas d'impressão com o melhoramento, que promettemos no n.º 19 de nosso jornal, — podemos desde já affiançar a nossos assignantes, que o dito melhoramento começará desde o n.º 1, do 2.º volume, sem alteração no preço das assignaturas, já estabelecido. As despezas a que estamos obrigados *mensalmente* — andam por oitenta e tantos mil réis! Já se vê por tanto, que para as satisfazer nos são precisas umas SETECENTAS assignaturas, *pagas regularmente*. Assim:

Pedimos novamente aos Sr.ª assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; i. é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

Na loja da Imprensa da Universidade compram-se os n.ºs 1, 2 e 3 dos PRELUDIOS LITTERARIOS.

A todos os nossos assignantes, que nos enviarem *uma nova* assignatura d'anno para os PRELUDIOS-LITTERARIOS, *paga adiantadamente*, — remetteremos *gratis*, no fim da publicação de cada volume, um romance ou qualquer outra obra litteraria, cujo preço não exceda a 300 réis; 2 assignaturas — 2 romances; e assim por diante.

PUBLICAÇÕES

DE QUE É EDITOR

O III.º Sr.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Mundo Allegorico, ou o Plano da Religião Christã, representado no Plano do Universo, obra posthuma de Jeronymo Soares Barbosa, dedicada ao Clero da Nação Portuguesa, e publicada sob a protecção do Em.º Sr. Cardeal Patriarcha e dos Ex.ºs Srs. Arcebispos e Bispos; tres volumes — 2,5400 réis.

Analyse dos Lusladas de Luz de Camões, dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro Quinto. — 400 réis.

O Godfredo ou Jerusalem Libertada, poema heroico, composto no idioma toscano por Torquato Tasso, Principe dos Poetas italianos, traduzido na lingua portugueza por André Rodrigues de Mattos. Edição feita pela de 1689; agora precedida d'uma noticia sobre a vida e escriptos de Torquato Tasso, e dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando — 1,5200 réis.

Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida, obra posthuma e até hoje inedita — 120 réis.

Excellencias da Eloquencia Popular, compostas na lingua Italiana por Luiz Antonio Muratori, traduzidas na Portugueza por Jeronymo Soares Barbosa — 200 réis.

Brevissimo Opusculo da Doutrina da Religião Christã, comprehendendo uma pequena parte da primeira epocha da Historia Sagrada do Velho Testamento — 80 réis.

Instrucção sobre a Musica e Estudo de Piano, por Gaspar Ribeiro de Sottomaior (no prélo).

Vendem-se nos seguintes locaes:

Lisboa — Livraria Universal, Praça de D. Pedro; Livraria Central, rua do Ouro; nas dos Srs. Miguel Cobellos, rua Augusta, n.º 3; Zefrino Ignacio Matheus, rua dos Capellistas; e do Sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Porto — Livrarias dos Srs. Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua das Hortas; e Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros.

Coimbra — Livraria da Imprensa da Universidade; do Sr. Orceol, rua das Fangas; e do Sr. Possetius, na Calçada.

Braga — Agencia Commercial, rua de S. Lazaro.

Vizeu — Loja do Sr. Francisco Gomes Pinto, ao Arco.

Lamego — Loja do Sr. José Cardoso.

Avelro — Typographia do Campeão do Vouga; e na loja de livros do Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

Leiria — Typographia Leiriense; e na loja do Sr. José Pereira Curado.

Evora — O Sr. Vicente Joaquim da Gama, no Collegio de S. Paulo.

Faro — O Sr. Feliciano José Alves Braga.

Bragança — O Sr. Claudino Augusto Cezar Garcia.

Pezo da Regoa — O Sr. Manuel Mendes Osorio.

Hespanha — Livraria da Universidade Central, Madrid, calle del Principe.

Ilhas adjacentes e Possessões Ultramarinas — Nas diversas Agencias Commerciaes.

Brazil — Nas principaes Livrarias do Rio de Janeiro, Pernambuco, e Bahia.

ERRATAS

N.º 7, pag. 80, not. (c) D. Ant. C. de Sousa, Hist. Gen. da C. Real, liv. III, cap. xxv. — Leia-se: tom. 12, Liv. 14, cap. 1.

• pag. 81, not. (a) Br. Monarch. Lusit. 4.º p. cap. xxix pag. 220 v. — Leia-se: Brand. Monarch. Lusit. 4.º p. liv. 15, cap. xxix, pag. 220.

N.º 9, pag. 99, 2.ª columna, linha 20 — lêa-se: que é a mais odiosa: as invasões não eram... Na linha 33 — lêa-se: balança dos povos.

N.º 19, pag. 225, 2.ª columna, 3.ª estrophe, 8.º verso — lêa-se: Não solta meiga canção.

N.º 21, pag. 249, 1.ª columna, linha 14 — lêa-se: tão pobre de distrações e amizade, encorajava a tímida joven, etc.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

INDICE DOS ARTIGOS CONTIDOS NESTE PRIMEIRO VOLUME

A

- Adeus, 226.
Afeições, 84.
Agradecimento, 253.
'Num album, 9, 11.
No album d'um meu amigo, 107 a 108.
A meu amigo e collega A. C. da Silva Mattos, 203.
No album de Carlos José d'Oliveira, 191.
No album da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da B. Morte, 47, 119.
No album da Ex.^{ma} Sr.^a D. M. C. N., 203 a 204.
No album d'uma menina, 214.
Allocução, 145 a 147.
O amor e a morte, 239.
Amor de mulher, 95.
Analyse sobre *O Expatriado*, 44 a 45.
Un angel mas, 214.
Apontamentos para um romance, 41 a 43.
Artista e poeta, 9.
O autor e seus escriptos, 116 a 117.

B

- Um beijo, 83 a 84.
Bellas artes, 17 a 18.
A bonina, 251 a 252.
Branca, 107.

C

- Caça d'uma raposa, 257 a 259, 270 a 271.
Um capitulo de N. Senhora de Paris, de V. Hugo, 77 a 79.
A uma carta anonyma, 226.
Carta d'um mathematico, 152 a 153.
Carta, viagem á minha gaveta, 27 a 29.
Charadas, 11, 24, 36, 48, 60, 84, 108, 120, 179, 192, 204, 227, 239, 240, 264.
Classificação da mulher, 166 a 167.
A nossos collaboradores e assignantes, 229 a 230.
Conselho, 252.
Conselho em dia d'annos, 190 a 191.
Contrastes entre o Oriente e o Occidente, 129, 165 a 166.
Na convalescença, 95 a 96.
A creação da mulher, 127 a 129.
Não creias! 22 a 23.
Não creio! 69 a 70.

D

- O dia 23 de Junho, 175 a 177, 189 a 190, 202 a 203, 221 a 223.
Discurso do Sr. Conselheiro—Reitor da Universidade de Coimbra, 285 a 288.
Disposições testamentarias, 179.
Documento curioso, 20 a 21.
A donzella e a roza, 117 a 118.
Dúvida, 264.

E

- A terceira edição dos lusiadas, 39 a 40, 65 a 66, 185 a 186.
Educação, 14 a 17.
Educação das mulheres, 149 a 151.
Epistolographia, Charles et George, 249 a 250.
Epistolographia, A. Abilio, 283.
» um conselho, 140 a 142.
» o direito permite o suicidio, 260 a 261.
» impressões de viagem, 274 a 275.
» (sobre o incendio das casas do sr. Oliveira, na Sophia), 261 a 263.
» no mar, 271 a 274.
Erratas, 285.
A espera, 131 a 132.
Na tristeza uma esperança, 284.
Estudo sobre as poesias de Schiller, 37 a 38, 62 a 64, 97 a 99, 147 a 148, 194 a 199, 207 a 211.
Estudos genealogicos, 79 a 81.
Eugenio Pelletan e E. Huzar, 51 a 52.
O expatriado, 45 a 46.
Expediente, 11, 12, 24, 36, 48, 72, 84, 96, 108, 120, 143, 144, 156, 168, 216, 227, 240, 252, 264, 276, 290.

F

- A familia e o padre, 73 a 74, 109 a 112, 123 a 125.
A familia, de Paulo Jannet, 246 a 247.
A F. Beirão (poesia), 94 a 95.
Flôr do rio, 214 a 215.

G

- Goces del crepusculo, 263.

H

Historia d'um desenho, 89 a 93.
 A um homem do povo, etc. 238 a 239.
 O homem e os vegetaes, 76 a 77, 115 a 116.
 Homenagem d'um cabula á sebenta, 67 a 69.
 Hymno, 118 a 119, 178 a 179.

I

Impressões d'um passeio, 279 a 281.
 A tua infancia, 191.
 Instrucção, 39, 64 a 65, 135 a 137.
 Introducção, 1 a 2.
 Invocação á esperanza, 178 a 179.
 Os dois invernos, 57 a 58.
 A minhas irmãs, 263 a 264.

L

Lagrimas e flores, 81 a 82, 85 a 86, 112 a 114,
 125 a 127.
 Lembrança, 46 a 47.
 Lembras-me, 239.
 Lembras-te? 142.
 Lembras-te? 223 a 224.
 Uma licção por um oculo, 211 a 213.
 Ao meu patricio e amigo, L. O. F. de Mello, 154
 a 155.
 Logogriphos, 36, 72, 143, 156, 179.

M

A manhã, 275 a 276.
 A manhã na minha terra, 86 a 88.
 Mathilde, 151 a 152, 174 a 175, 199 a 200.
 Maximas, pensamentos etc., 6, 21, 34, 44, 56, 69,
 82, 94, 106, 118, 129, 130, 213, 250.
 Á memoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. Antonia Estrada da
 Silva, 204.
 Á memoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Candida de Car-
 valho V. etc., 71.
 Á memoria de minha prima Julia Eduarda d'Araujo
 Crespo, 22.
 Á morte de meu primo, 168.
 Á morte de S. M. a Rainha a Sr.^a D. Estefania, 205.
 Misterio! 70.

N

O nobre e o mendigo, 234 a 237, 247 a 249, 254
 a 257, 283 a 284.
 Uma noite d'abril, 170 a 174.
 Nove de maio, 4.
 A noviça, 130 a 131.
 Nulli flebitor quam mi, 277 a 279.
 Nunc et semper dilectae..., 167 a 168.
 A nuvem, 284.

O

Aos seus olhos, 120.
 Os teus olhos, 35.
 A orfãzinha moribunda, 242 a 243.

P

Duas palavras sobre a Sociedade Philantropico-Aca-
 demica, 74 a 76.
 Paraphrase, 71 a 72.
 Partirá, 226.
 A persiana, 215 a 216.
 Poesia, 54 a 55.
 Ao pôr do sol, 250 a 251.
 (poesia), 132.
 Portaria elogiando o procedimento do Sr. Conselheiro
 Reitor da Universidade, 288 a 289.
 A um poeta, 106.
 Preludios, 2 a 3, 13 a 14, 25 a 27, 121, a 123, 133
 a 135.
 Na primeira pagina d'um livro, 178.
 As primeiras paginas d'um romance, 5 a 6, 18 a 20,
 32 a 33, 52 a 54, 99 a 102, 157 a 159, 268,
 a 270, 281 a 282.
 A probidade, drama de A. C. de Lacerda, 253 a 254,
 265 a 268.
 Profissão de scepticismo, 153.
 Prossissão da Rainha Santa Isabel, 224 a 225.
 Protesto, 238.
 Psalmo, 35 a 36.
 Publicações-litterarias, 24, 60, 179, 228, 240, 252,
 285.

Q

Quero-te muito! 119.

R

Recordação, 164 a 165.
 Uma recordação, 166.
 Recordação e arrependimento, 88 a 89, 159 a 161,
 Registo d'um edital, 33 a 34, 43 a 44, 55 a 56.
 Relatorio da Direcção da Sociedade Philantropico-
 Academica, 49 a 51.
 A rosa e a borboleta, 191 a 192.
 Resposta, 284.
 Resposta ao Ill.^{mo} Sr. Antonio Paredes, 225 a 226.
 O seu retrato, 276.
 Revista, 169 a 170, 181 a 185, 193 a 195, 206, 217
 a 219, 230 a 232.

S

A S. Gessner, 34 a 35.
 Santarem, 153 a 154.
 Satisfação devida, 148 a 149.
 Uma saudade, 155.
 Sciencia! ¿que és tu no mundo!?, 58 a 59.
 Sonetos, 35, 83, 155, 156.
 Sonhando, a visão, 47 a 48.
 Um sonho, 23.
 O somno da infancia, 130.

T

Uma tarde d'abril, 40 a 41.
 O 1.^o trimestre dos Preludios litterarios, 61 a 62.
 O Trovador, 6, 9.
 No tumulto d'uma menina, 226.

V

A vespera e o dia de natal, 93 a 94.
 Vicio e virtude, 29 a 31, 103 a 106, 137 a 140, 161
 a 164, 186 a 189, 200 a 202, 219 a 221.

PRELUDIOS

POLKA PARA PIANO.

Por Elvira Candida Garcia de Moraes.

Introdução

Allgr.^{to}

Ped. ff. * Ped. f. * Ped. * Lento f.

Ped. cres. com impeto. fff. * All.º P P Ped.

* f. P P Ped.

* Ped Ped * Ped f. Ped.

1ª 2ª

DC á Polka.

* Ped. Ped. ff fff.

5010105
QUALITY BRAND
MUSIC PAPER

The page contains a grid of approximately 10 horizontal staves. Each staff is a five-line musical staff. The notation is extremely faint and illegible, appearing as light grey or blue lines and shapes. Some faint markings resembling notes, stems, and beams are visible, but they do not form recognizable musical symbols. The grid is enclosed in a thin rectangular border.

A SAUDADE

VALSA PARA PIANO FORTE

Por Francisco José Brandão

Introdução

Alegro viv.^{mo}

8.^a alta

Irem sempre e rumoroso...

com 8.^a baixa

loco

loco

PPP

8.^a alta

Ped

loco

com 8.^a baixa

loco

alargando e perden.

P.

morrendo

Saudade

PPP

VALSA

com saudade dolcis

Ped

Ped

8^a
Ped. ϕ

P. > P. > P. ritardando. (Desespero)
vivo e agita.

do com fernes
Ped. 8^a cres. sf ϕ ff

tr. Ped

tr. cres. sf ϕ

8^a (Abatimento) PP.
Lento dolente una corda espressivo PP.
Ped.

First system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The music consists of complex rhythmic patterns, likely sixteenth or thirty-second notes. Pedal markings (Ped) are present in both staves, with diamond-shaped symbols indicating specific pedal points.

Second system of musical notation, including a treble and bass staff. The treble staff ends with a double bar line and a repeat sign. A *pp* dynamic marking is present. Pedal markings (Ped) are present in both staves, with diamond-shaped symbols.

Third system of musical notation, starting with the instruction *(Resignação)* and *8ª. alta.*. The treble staff contains a melodic line with accents. The bass staff has a few notes. The instruction *tranquillo marcada a melodia tre corde* is written across the staves. Pedal markings (Ped) are present in both staves, with diamond-shaped symbols.

Fourth system of musical notation, including the instruction *pianiss: o acompanhamento*. The treble staff has a melodic line with accents. The bass staff has a few notes. Pedal markings (Ped) are present in both staves, with diamond-shaped symbols.

Fifth system of musical notation, featuring a treble staff with a large melodic flourish. The bass staff has a few notes. A *Ped:* marking is present in the bass staff, with a diamond-shaped symbol.

Sixth system of musical notation, including a treble and bass staff. The treble staff has a few notes. The bass staff has a few notes. Pedal markings (Ped) are present in both staves, with diamond-shaped symbols.

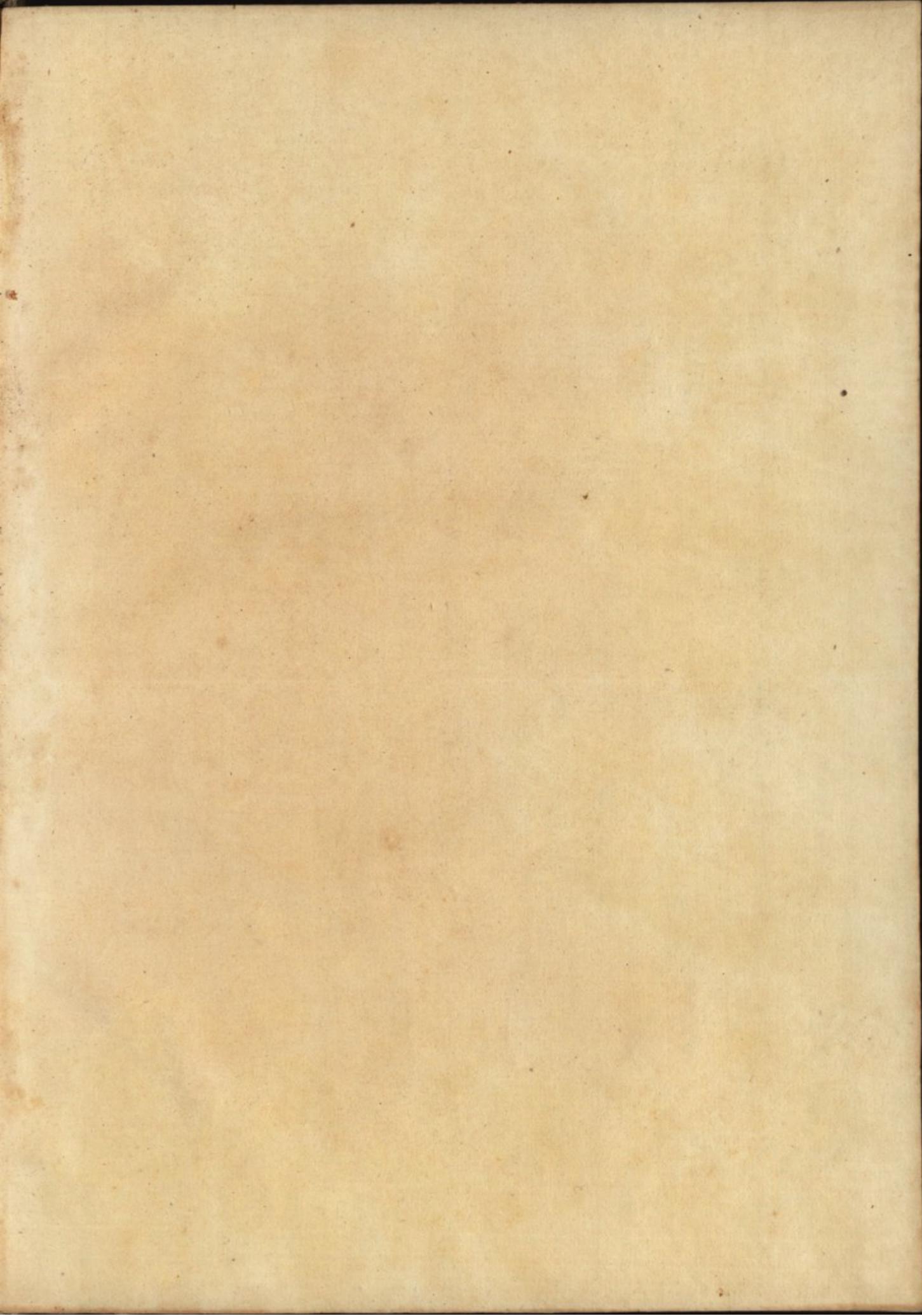
Ped

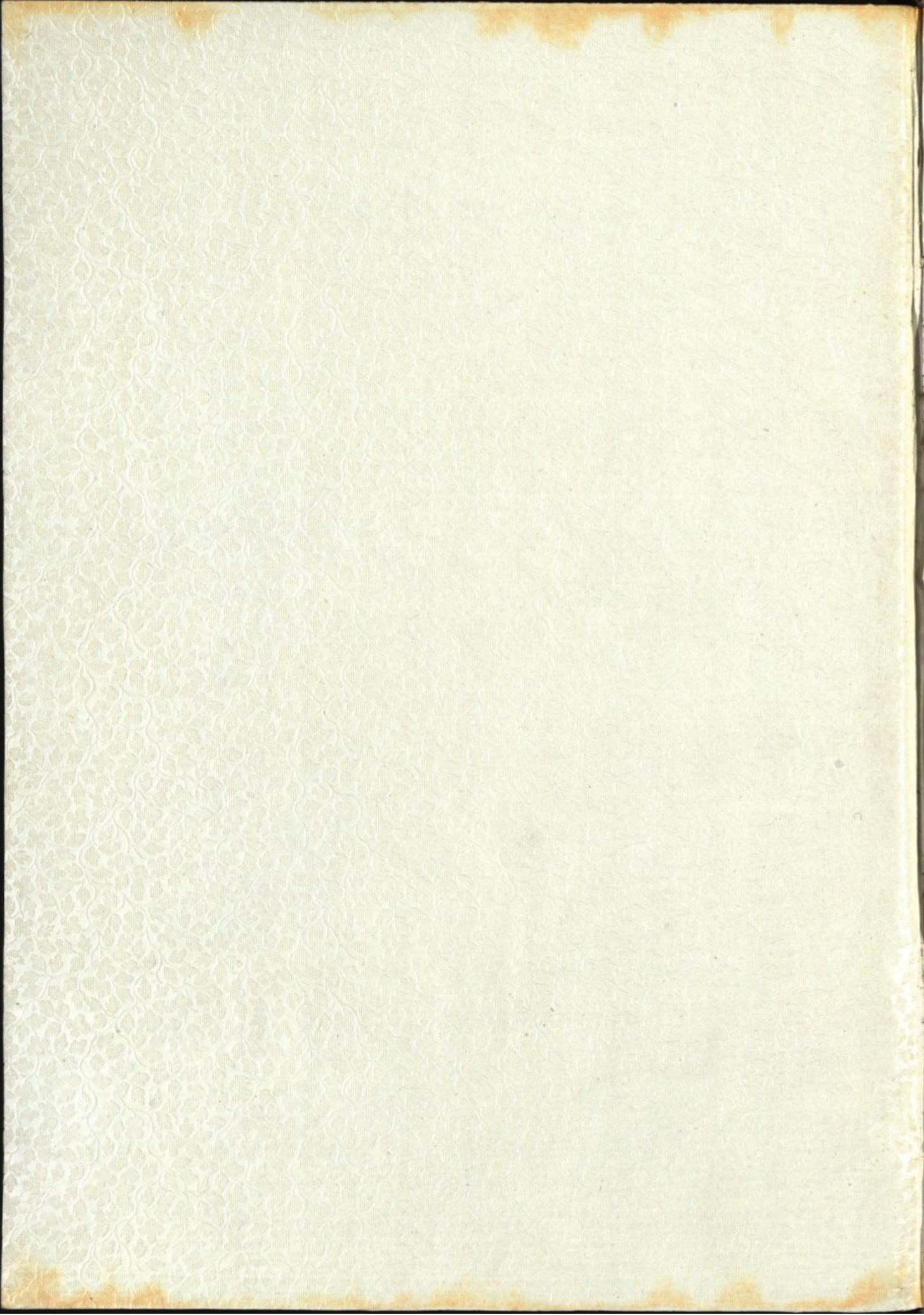
Ped

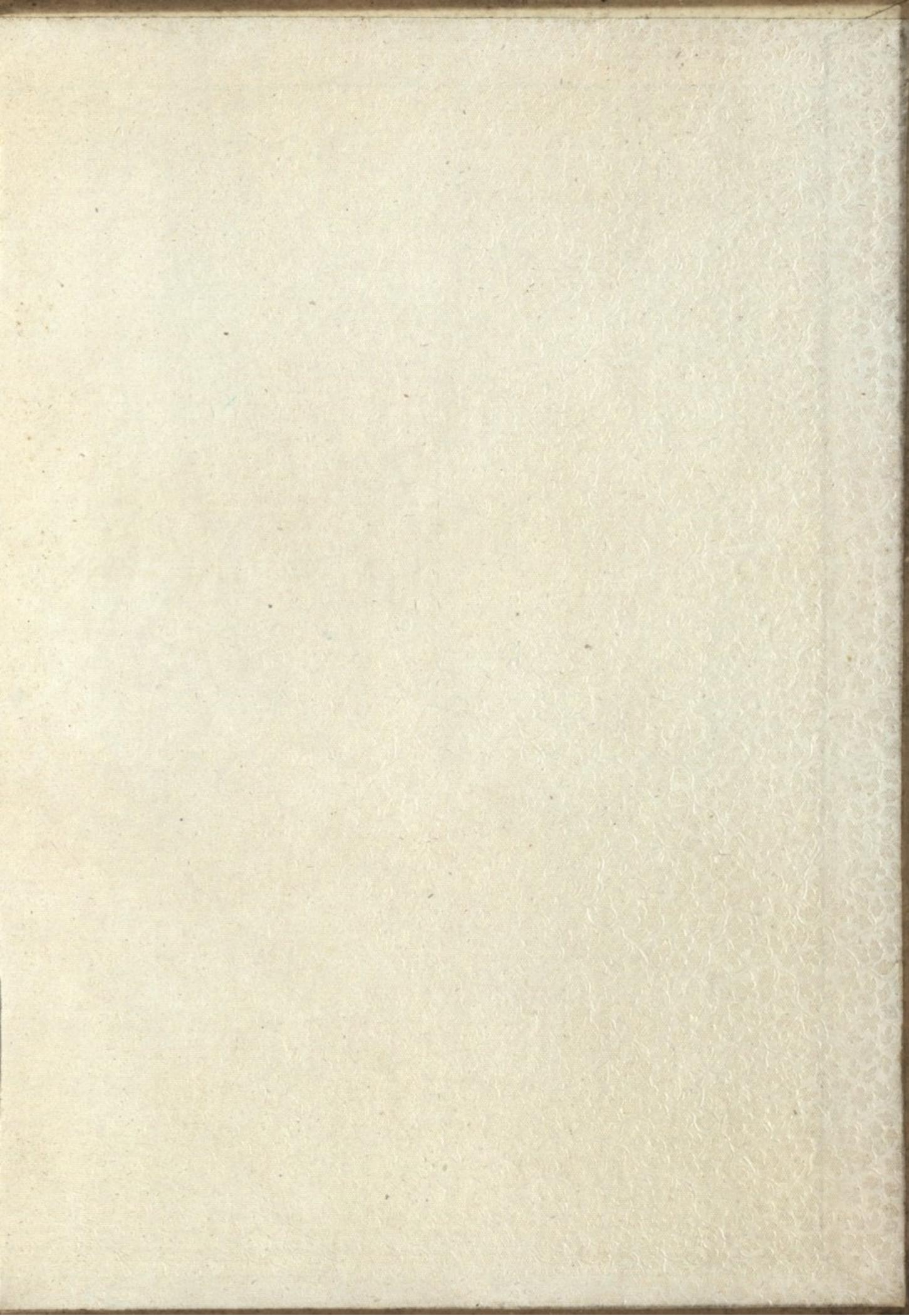
Ped

Fim.

BIBLIOTECA MUSEU DE ARQUITECTURA
ABR. 1984
COIMBRA







PRELUDIOS-LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO

COLLABORADO PELOS EX.^{mos} SRS.

B.^{rel} A. A. da Fonseca Pinto.
D.^r Albino Augusto Giraldes.
D. Amelia Janny.
B.^{rel} A. J. S. Ferreira de Carvalho.
D.^r Antonio José Teixeira.
Est. A. Luciano.
B.^{rel} A. M. da Cunha Bellem.
D.^r Antonio dos Santos Viegas Junior.
D.^r A. da Silva Gaio.
B.^{rel} A. C. Silva Mattos.
B.^{rel} A. Filippe Simões.
Est. A. Saraiva.
B.^{rel} A. Sarmiento.
B.^{rel} C. M. Ferreira Veiga.
Est. E. Garcia.
Est. Eduardo J. Coelho.
Est. E. A. de Barros Ribeira.
B.^{rel} Firmino Dias.
Est. Firmino de Magalhães.
D.^r Francisco de Castro Freire.
B.^{rel} Francisco Maria de Carvalho.
Est. Henrique Nunes Teixeira.
Est. Jayme Constantino Moniz.
B.^{rel} João de Deus.
Est. J. A. Franco Frazão Castello Branco.
B.^{rel} Sanches da Gama (J. A.)
Est. João Rodrigues d'Azevedo.
J. W. Munné.
B.^{rel} Joaquim Alves Matheus.
B.^{rel} J. Simões Ferreira.
J. E. d'Almeida Vilhena.
B.^{rel} José Rodrigues de Figueiredo.
Est. M. Vicente Ribeiro.
B.^{rel} Mello Borges.
B.^{rel} Pedro Rocha.

SUBSIDIADO PELOS EX.^{mos} SRS.

Est. . . . A.
Est. Albino de Mello.
Est. An'ero Tarquinio do Quental.
Est. A. da Cunha Guedes.
Est. Antonio Fernandes Melicio.
Est. Antonio L. dos Santos Valente.
Est. Antonio Lucio Tavares Crespo.
A. M. Seabra d'Albuquerque.
Est. A. S. dos Reis.
Est. Barão d'Almeirim.
B.^{rel} Cunha Reis.
Dias Pereira.
Eduardo Coelho.
D. Elvira Candida Garcia de Moraes.
Est. F. d'Albuquerque.
Est. F. Beirão.
B.^{rel} F. José Brandão.
Est. Guimarães Fonseca.
Est. Jayme C. H. L. da Veiga.
João B. V. P. de B. e Veiga.
Est. João Carlos Botelho Moniz.
Joaquim Augusto Rodrigues.
Joaquim Ignacio Xavier.
Est. J. Pedro Parente.
Est. J. Augusto Borralho.
José Augusto Guedes Teixeira.
J. F. Pinto dos Santos.
Est. J. de Castro Junior.
Est. J. F. da Fonseca.
B.^{rel} J. Ramos Nogueira.
José Rodrigues d'Azevedo.
Luiz Augusto Pereira Bastos.
Est. M. J. Carrilho Garcia.
Noronha.
Est. Severino d'Azevedo, etc. etc.